

MESTRADO
ARQUITETURA

FORTALEZA DE PENICHE
O MONUMENTO E O TEMPO: UM PROJETO DE
RECUPERAÇÃO
FRANCISCO NICOLAU

M
2017



FRANCISCO NICOLAU: FORTALEZA DE PENICHE
O MONUMENTO E O TEMPO: UM PROJETO DE
RECUPERAÇÃO



M.FAUP 2017

FORTALEZA DE PENICHE
O MONUMENTO E O TEMPO: UM PROJETO DE
RECUPERAÇÃO
FRANCISCO NICOLAU

FACULDADE DE ARQUITETURA



FORTALEZA DE PENICHE

O MONUMENTO E O TEMPO: UM PROJETO DE RECUPERAÇÃO

FRANCISCO FARIA HENRIQUES RODRIGUES NICOLAU

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO LETIVO 2016/2017

ORIENTADOR PROFESSOR DOUTOR LUÍS SOARES CARNEIRO

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A presente dissertação foi escrita segundo o novo acordo ortográfico, por opção do autor.

As citações utilizadas foram, sempre que possível, mantidas na língua em que foram consultadas de modo a preservar ao máximo o seu significado original.

As fotografias presentes neste trabalho que não se encontram referenciadas no índice iconográfico fazem parte de um levantamento fotográfico em analógico, produto do autor.

Todos os desenhos presentes neste documento contendo pormenores de construção e/ou elementos infra-estruturais, não procuram constituir um projeto de execução. Representam sim, uma aproximação à realidade indispensável ao exercício de projeto.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador e professor Arquiteto Luís Soares Carneiro, pelo conhecimento e disponibilidade

Aos meus amigos, por todo o apoio ao longo dos anos

Aos meus pais e irmão, por tudo

À Dona Cuca por todos os passeios pelos caminhos de Peniche

Este é o assobio que todos ouviam na rua... já está.

ABSTRACT

The present dissertation has for object of study the Fortress of San Francisco, also known as Fortress of Peniche. It is one of the first and most important military structures of the region, and therefore its construction and constant changes accompanied, at the same time, the morphological evolutions of the Portuguese coast, as well as the historical events that took place at national and international level.

The work is structured in four distinct chapters that try to make, in a first part and chronologically, an analysis of the monument from the beginning of its construction. Finally, a project proposal is presented, as a response to the study developed during the thesis.

The analysis of the object of study is divided into two distinct moments, corresponding to the two functions that the building has played throughout history. At first, the building is studied as a military construction, integrated in the fortified system of the Peniche region, the changes that took place in the territory where the fortress is inserted and the impact that these had on the construction of the monument are discussed. The second moment of analysis focuses on the transformation of the Fortress of Peniche into a prison at the service of Estado Novo. The various moments that led to the restructuring of existing buildings were discussed, as well as the guidelines followed for the works in question.

If in the first three chapters the questions concerning the past are approached, it is in the last chapter that one makes a reflection on the present of the fortress. A project proposal is then presented, aiming to recover the buildings that are abandoned, in an attempt to give due dignity to one of the symbols of the city of Peniche, its Fortress.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo a Fortaleza de São Francisco, também conhecida como Fortaleza de Peniche. Trata-se de uma das primeiras e mais importantes estruturas militares da região e como tal, a sua construção e constantes alterações acompanharam, ao mesmo tempo, as evoluções morfológicas da costa portuguesa, como também os acontecimentos históricos ocorridos a nível nacional e internacional.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos distintos que procuram fazer, numa primeira parte, uma análise do monumento segundo a ordem cronológica desde o início da sua construção. Por fim é apresentada uma proposta de projeto, como resposta ao estudo elaborado ao longo do trabalho.

A análise do objeto de estudo é dividida em dois momentos distintos, correspondentes às duas funções que o edifício desempenhou no decorrer da história. Num primeiro momento procede-se ao estudo do edifício enquanto construção militar, integrado no sistema fortificado da região de Peniche, sendo abordadas as alterações ocorridas no território onde a fortaleza se insere, assim como o impacto que estas tiveram na evolução da construção do monumento. O segundo momento de análise incide sobre a transformação da Fortaleza de Peniche em Cadeia ao serviço do Estado Novo, sendo tratados os vários momentos que levaram à reestruturação dos edifícios existentes, bem como as diretrizes seguidas para as obras em questão.

Se nos três primeiros capítulos são abordadas as questões referentes ao passado, é no último que se faz uma reflexão sobre o presente da fortaleza. Apresenta-se, então, uma proposta de projeto que visa a recuperação dos edifícios que se encontram abandonados, numa tentativa de dar a devida dignidade a um dos símbolos da cidade de Peniche, a sua Fortaleza.

SUMÁRIO

	9	Prólogo
PENICHE	17	Caracterização do lugar
	21	Alterações na paisagem
	23	Evolução histórico-morfológica
	41	Sistema defensivo da península
A FORTALEZA	53	Fortaleza de São Francisco
	57	Cronologia histórica do edifício
	71	Caracterização dos espaços principais
A CADEIA	81	As cadeias do Estado Novo
	96	De cidadela a presidio
	98	Depósito de Presos de Peniche
	101	Cadeia do Forte de Peniche
	109	Caracterização dos espaços principais
	117	25 de abril aos dias de hoje
A POUSADA	127	Polémica
	133	Histórico dos projetos de intervenção
	143	A pousada da Fortaleza de Peniche
	147	Programa
	151	Implantação
	159	Demolições
	165	Distribuição
	171	Geometria
	182	Atmosfera
	191	Diálogo com o passado
	197	Epílogo
	198	Referências bibliográficas
	199	Referências iconográficas
	201	Peças desenhadas

PRÓLOGO

Objeto - A Fortaleza de Peniche

A presente tese de dissertação de mestrado tem como objeto de estudo a Fortaleza de São Francisco e a frente abaluartada da praça forte de Peniche, também denominada de Fortaleza de Peniche.

Localiza-se no extremo sul da península de Peniche, a oeste do istmo onde se situa o Forte das Cabanas e a frente urbana abaluartada. Implanta-se sobre uma escarpa rochosa, sobranceira à Ribeira Velha ou Portinho (onde atualmente se lança o molhe em betão do porto de pesca) e liga-se no outro extremo ao Alto da Vila. Este monumento faz parte de um sistema defensivo que visava proteger a península de Peniche, Lisboa e o Reino, conjugando um conjunto de estruturas fortificadas.

Mandada edificar por D. João III em 1557 e concluída em 1645 por D. João V, que a considerou a principal chave do reino pela parte marítima, a fortaleza viu o seu espaço utilizado de forma diversa de acordo com as necessidades e as vicissitudes históricas de cada época. Abrigo de refugiados Boers, residência de prisioneiros

Alemães e Austríacos, prisão política do Estado Novo, alojamento provisório das famílias portuguesas chegadas das antigas colónias e, mais recentemente, museu municipal e espaço de promoção cultural.

Este foi um dos monumentos escolhidos pelas Pousadas de Portugal com o intuito de ser reabilitado, dando nova vida e função aos espaços, um projeto que não foi concretizado devido a questões burocráticas. O interesse em transformar parte da fortaleza em pousada é uma proposta que agrada à câmara municipal, dado o abandono e a degradação das infraestruturas e a falta de aproveitamento de grande parte dos espaços.

Peniche é, a nível europeu, um dos principais destinos turísticos ligados ao surf. Como tal, a cidade tem durante todo o ano uma grande afluência estrangeira. Tendo isso em conta seria benéfico a construção de um alojamento turístico dentro da península de Peniche, ao contrário da grande maioria dos atuais que se localizam na periferia.

Objetivo - A pousada

A fortaleza e praça forte serão sempre um símbolo da cidade de Peniche. Como tal, é de grande interesse receber uma intervenção que dignifique o espaço e a história que o local acarreta.

A presente dissertação apresenta vários objetivos, começando pela compreensão da história do monumento em questão, como também o estudo de edifícios com valor patrimonial que viram o seu uso alterado com fins turísticos.

Mas tem como principal objetivo a realização de uma proposta de intervenção que dê uma nova vida ao monumento, altamente degradado pelo tempo, potenciando toda a história que este transporta, dando-lhe visibilidade e a devida importância.

Pretende-se, assim, contribuir para encontrar uma solução para um edifício que viu o seu uso ser transformado com o decorrer dos anos, onde se consegue visitar diferentes espaços em funcionamento, como também perceber que muitas das áreas construídas foram deixadas ao abandono, sem funções, desde 1984,

altura que foi inaugurado o museu que ocupa pequena parte da área total.

O projeto a realizar tem como base a compreensão e análise dos dados e factos mais relevantes de uma pesquisa efetuada sobre a história da fortaleza e praça forte de Peniche, desde os motivos da sua implantação na cidade aos principais intervenientes na construção e consequentes adições no edificado.

Este parece ser um objeto pertinente para a realização desta dissertação de mestrado por três razões distintas; em primeiro lugar trata-se de um projeto de arquitetura com terreno e programa real; em segundo o facto de estar relacionado com reabilitação e turismo, temas bastante atuais, que não foram desenvolvidos no decorrer do curso de arquitetura; por fim pareceu também interessante, realizar esta tese em torno de um projeto que se localiza no centro de Portugal, na minha terra natal, onde cresci e vivi parte da vida, alastrando assim o pensamento arquitetónico da Faculdade.

Estrutura - Os quatro tempos

Esta dissertação encontra-se organizada em quatro capítulos distintos, que correspondem à exposição de uma linha de pensamento estruturada e continua, que incide sobre o objeto de estudo, a Fortaleza de Peniche.

Num primeiro momento são analisadas, através do enquadramento e contexto histórico, as evoluções morfológicas que se deram na península de Peniche e o impacto que tiveram na edificação da fortaleza como parte integrante do sistema fortificado da região.

O segundo e terceiro momento têm a ver com o objeto de estudo, a Fortaleza de Peniche. Numa primeira fase procede-se à análise histórica do monumento enquanto fortificação militar e posteriormente o processo de transformação em cadeia ao serviço do Estado Novo. Estes dois capítulos caracterizam-se pela análise dos factos que dão a conhecer, de uma forma objetiva, a realidade do objeto e de que maneira o tempo o foi transformando num edifício polivalente, de

usos em constante mudança chegando a um abandono praticamente total.

Por fim, o quarto capítulo, o projeto e todo o seu processo de desenvolvimento. Depois de terminada a pesquisa sobre o edificado e o local onde se insere, pretende-se mostrar todo o processo desenvolvido até a materialização de uma proposta para a fortaleza de Peniche. Inquietações, programa idealizado para o novo espaço, referências de obras efetuadas no mesmo contexto e, finalmente, materialização do projeto através de esboços, desenhos técnicos e fotomontagens dos diversos espaços.

São quatro momentos distintos, trabalhados pela ordem cronológica descrita para uma melhor compreensão da dissertação. Apesar disso não são momentos estanques, mas antes fases que se interrogam, confrontam e informam, intersetando o trabalho teórico ao prático.



PENICHE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA POR:

FRANCISCO FARIA HENRIQUES RODRIGUES NICOLAU

ORIENTADA POR:

PROF. DOUTOR LUÍS SOARES CARNEIRO



[1] Fotografia aérea de Peniche.

Leiria

Peniche

Lisboa

1. Forte de São Miguel da Pederneira, Nazaré
2. Forte de São Martinho do Porto, São Martinho do Porto
3. Forte de Nossa Senhora dos Anjos, Paimogo
4. Forte de Nossa Senhora da Graça, Penafirme
5. Forte de Santa Susana, Ericeira
6. Forte de São Pedro de Milreu, Milreu

[2] Fotografia aérea, (2004), Direção-Geral do Território.

CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

Peniche

Com o decorrer do tempo a morfologia da costa portuguesa foi sofrendo alterações devido à constante mudança do nível do mar, o que acabou por delinear um limite bastante diversificado e rico formado por baías, lagoas, dunas, penínsulas e arribas.

Peniche é uma cidade do litoral português localizada no distrito de Leiria, região centro e sub-região oeste, com cerca de 15.600 habitantes.

É sede de um município com o mesmo nome e tem 77,55 quilómetros quadrados de área, dos quais apenas um quinto corresponde à antiga ilha e terrenos que resultaram do assoreamento que liga ao continente.⁰⁰¹

O concelho de Peniche é limitado a leste pelo município de Óbidos, a sul pela Lourinhã e a Oeste e a Norte pelo oceano Atlântico.

A cidade assenta sobre um tómbolo, com cerca de 10 quilómetros de perímetro, que consiste numa pequena península ligada ao continente por um istmo, sendo o seu extremo mais ocidental o Cabo Carvoeiro e respetivo farol.

A costa é formada por imponentes rochedos que tomam a forma de altas arribas, cabos e farilhões,

como também por praias e dunas de grande extensão, debruçando-se sobre o oceano de diversas maneiras.

No limite ocidental da cidade consegue-se vislumbrar o arquipélago das Berlengas sobre o oceano Atlântico, território que ainda pertence a Peniche, mais concretamente à freguesia de Peniche. A ilha da Berlenga conta com algumas construções, de salientar um bairro de pescadores, um farol situado no ponto mais alto e o forte de São João Batista.

O concelho de Peniche possui uma história longa e rica, o que se deve ao facto de ter sido sucessivamente ocupado por populações que fizeram da pesca e da agricultura as suas principais atividades económicas.

As condições socio-económicas e culturais das populações, que ao longo dos séculos ocuparam este território, foram moldadas bem como condicionadas pela especificidade geo-morfológica, que oscilava entre uma realidade insular/peninsular.

Esta situação permitiu que o concelho de Peniche estivesse no centro de vários e importantes acontecimentos históricos, quer a nível nacional, quer internacional.

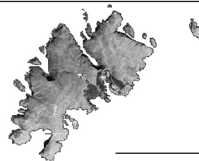
001. CALADO, Mariano, *Fortificações da Região de Peniche*. 2000, p.15.



Farilhões



Estelas



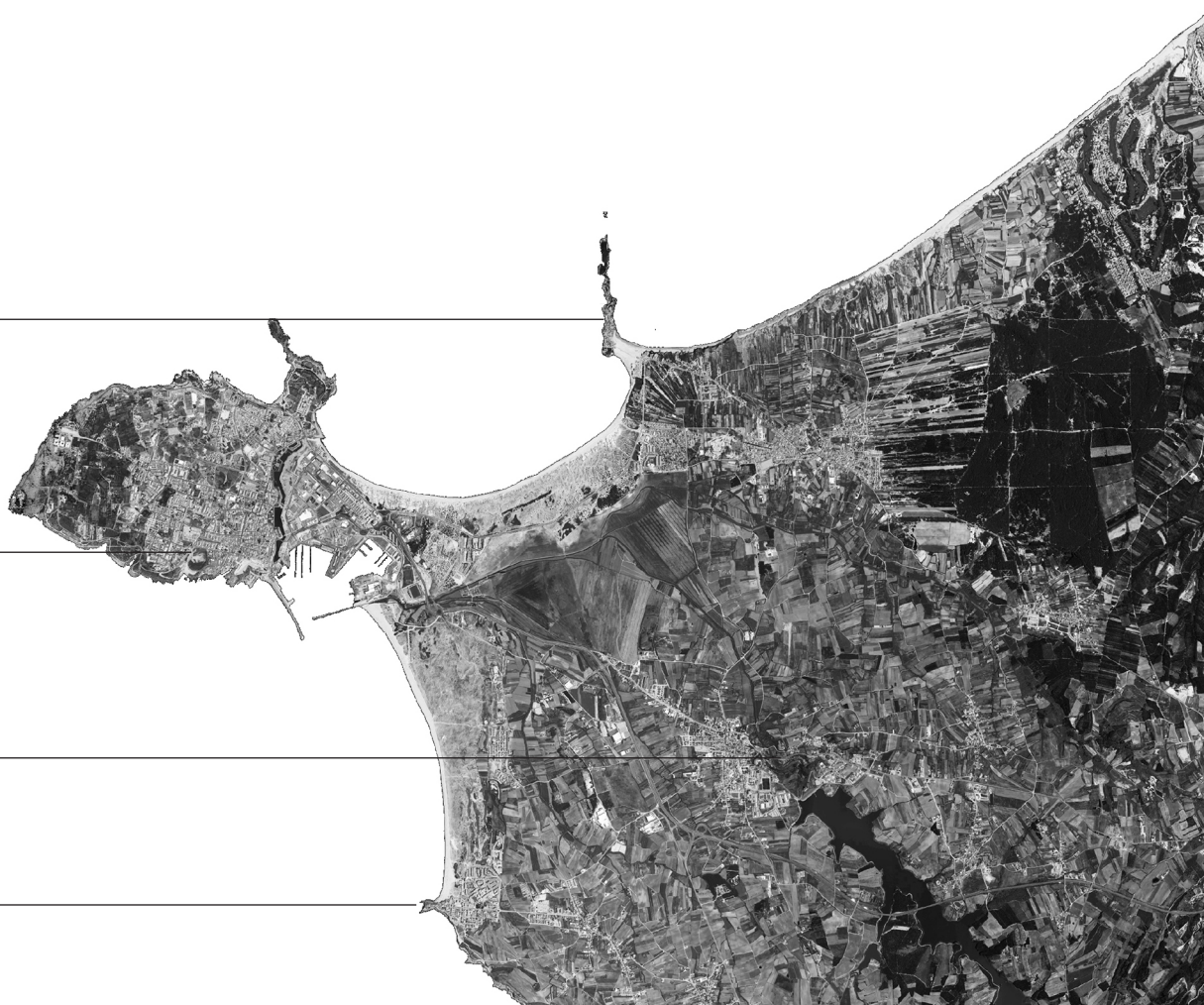
Ilha da Berlenga

Baleal

Peniche

Atouguia da Baleia

Consolação



[3] Fotografia aérea, (2004), Direção-Geral do Território.

ALTERAÇÕES NA PAISAGEM DE PENICHE

O litoral português foi sofrendo lentas alterações com o passar dos anos, o caso da transformação da primitiva ilha de Peniche em Península, através de um istmo de areia que a liga ao continente, não foi isolado na costa marítima portuguesa, existem outros casos que sofreram profundas alterações na sua paisagem, como por exemplo a Ria de Aveiro, a Ria Formosa em Faro e a baía de São Martinho do Porto.

O fenómeno que acabou por ligar Peniche ao continente, deu-se devido a um aglomerado de sedimentos, conduzido pelas fortes correntes marítimas da região, que aos poucos se consolidavam, formando grandes faixas arenosas.

O longo processo de assoreamento da antiga ilha de Peniche foi surgindo de norte para sul, tendo sido a zona de Peniche de Cima a primeira a ser ligada ao continente e consequentemente a primeira a ser povoada, viabilizando a construção de um novo porto de pesca na zona.

A planta topográfica mandada levantar pelo Tenente Coronel Euzébio Dias Azedo, no ano de 1800, mostra os edificios construídos até à data, como também os

previstos que acabariam por ficar por construir. Nesta planta é assinalada a necessidade de construir um molhe para o mais recente porto, algo que nunca fora construído, pois a enseada a sul da península oferecia melhores condições de abrigo para as embarcações.

Como resultado das alterações a nível morfológico, a península de Peniche ficou composta por diferentes tipos de relevo.

A zona correspondente à ilha primitiva apresenta um relevo com a forma de plano inclinado, a nascente, junto ao fosso militar, apresenta um elevação inferior a cinco metros, que se estende até ao ponto mais ocidental, o cabo carvoeiro, com uma elevação de trinta e quatro metros.

A área correspondente ao istmo de areia, que liga a ilha ao continente, é composta por um relevo baixo e arenoso, que se prolonga tanto para norte, como para sul, formando zonas de praias e dunas ao longo da costa.⁰⁰²

De referir que também o arquipélago das Berlengas apresenta um relevo inclinado, onde se atinge a maior altura em todo concelho, é na ilha da Berlenga com oitenta e cinco metros de altura.

002. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.240.

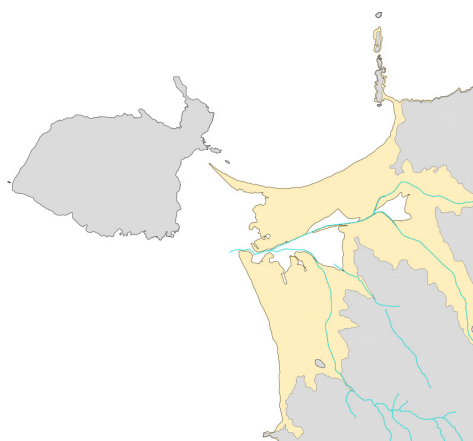
EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA



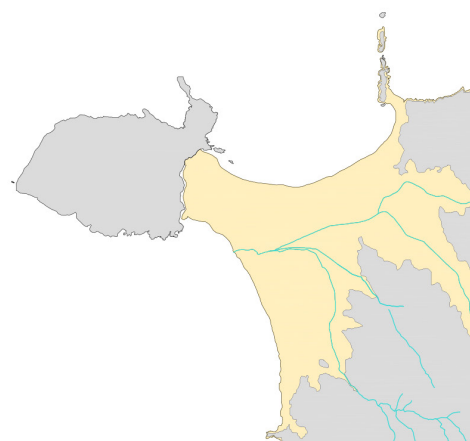
Século XII



Século XIII



Século XV



Século XX

[5] Desenhos baseados nos esquemas de Mariano Calado. CALADO, Mariano, (1994), Da ilha de Peniche.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XII

Um dos primeiros registos escritos referentes à morfologia da região de Peniche data de 1147, quando estariam os cristãos da 2ª cruzada do oriente a navegar pela zona de Peniche. Numa carta de autoria atribuída a Ranulfo de Granville confirma-se que Peniche, a esta data, ainda apresentaria a configuração de ilha.

*“No dia seguinte aportámos com felicidade à ilha de Peniche, distante do continente cerca de oitocentos passos.”*⁰⁰³

Apesar de se ter conhecimento da presença humana na ilha de Peniche desde a pré-história, através de variados achados arqueológicos, não existe informação, nesta carta sobre algum tipo de povoado na ilha.

O ressurgimento da povoação, na ilha, teve início quando alguns habitantes da localidade vizinha, da Atouguia da Baleia, começaram a pescar junto à ilha e

ali construíram cabanas e armazéns para o peixe.

Já no século XII o porto da Atouguia da Baleia era tido como um dos mais importantes de Portugal. Nesta época, exportava grande parte da produção da região envolvente, para outras zonas do país, bem como para o estrangeiro.

As principais atividades económicas da região eram a agricultura, a pastorícia, a exploração de salinas e, a mais importante de todas, a pesca, com destaque para a pesca da baleia.

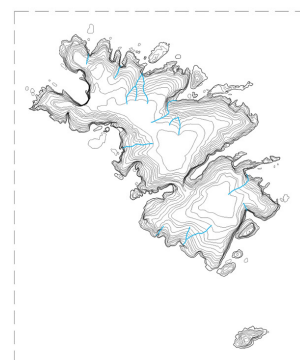
A herdade de Atouguia é atribuída a D. Guilherme de Cornes, cruzado que participou na conquista de Lisboa aos Mouros em 1147, por parte de D. Afonso Henriques. Existiria já nesta altura um castelo que permitia a defesa de toda a região, salvaguardando o seu desenvolvimento económico e demográfico.⁰⁰⁴



[6] Conjunto de formações rochosas separadas do continente ao largo do Baleal.

003. HERCULANO, Alexandre, *Portugaliae Monumenta Histórica-Scriptores*, Vol I, P.395 - Cit. de Ranulfo de Granville.

004. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.35.



Ilha da Berlenga

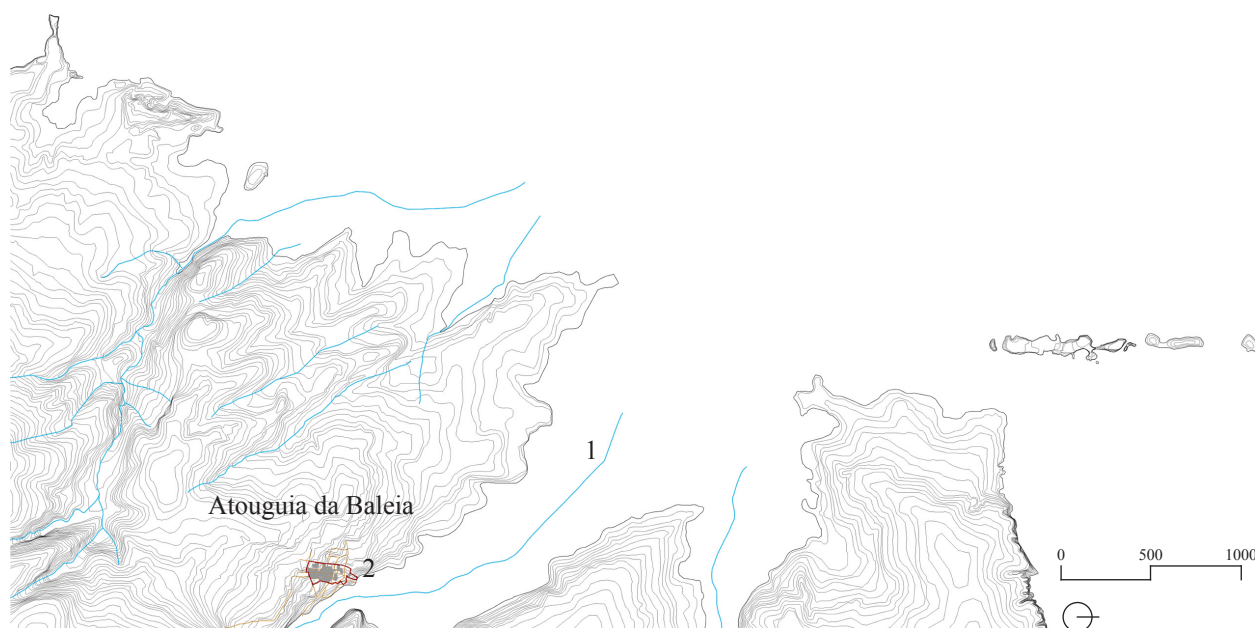
[7]

1. Rio de São Domingos
2. Castelo da Atouguia da Baleia

Peniche



Consolação



[7] Planta de Peniche do século XII baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XIV

No decorrer deste século, o castelo da Atouguia sofreu um conjunto de alterações com o objetivo de melhorar o seu sistema defensivo que estava em constante evolução. A forma inicial apalaçada deu lugar a elementos, na sua grande maioria, verticais.

“(...) sabendo como Peniche se encontrava distante do continente cerca de oitocentos passos (...) sabendo ainda como o assoreamento progressivo do istmo tem sido ocasionado, em grande parte, pela direção das correntes marítimas e dos ventos predominantes, que o são particularmente do quadrante norte, é-nos

*relativamente possível reconstituir o provável recorte do litoral nos primeiros séculos da Nacionalidade.”*⁰⁰⁵

Mariano Calado desenha um esquema evolutivo do possível recorte do litoral da zona de Peniche com base nos argumentos atrás referidos, tendo sido bastante importante para o estudo da morfologia da região ao longo dos séculos.

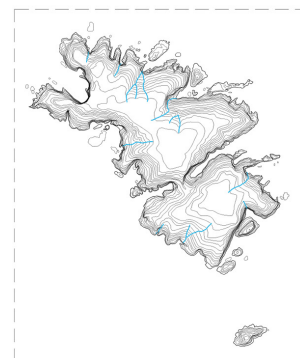
No século XIV, começava a existir um pequeno avanço da linha costeira em direção à ilha de Peniche, no entanto este não interferia com o funcionamento do porto de pesca que existia na Atouguia da Baleia.⁰⁰⁶



[8] Calado Castelo de Atouguia da Baleia, vista geral do lado Poente, 1961.

005. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.96.

006. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.59.



Ilha da Berlenga

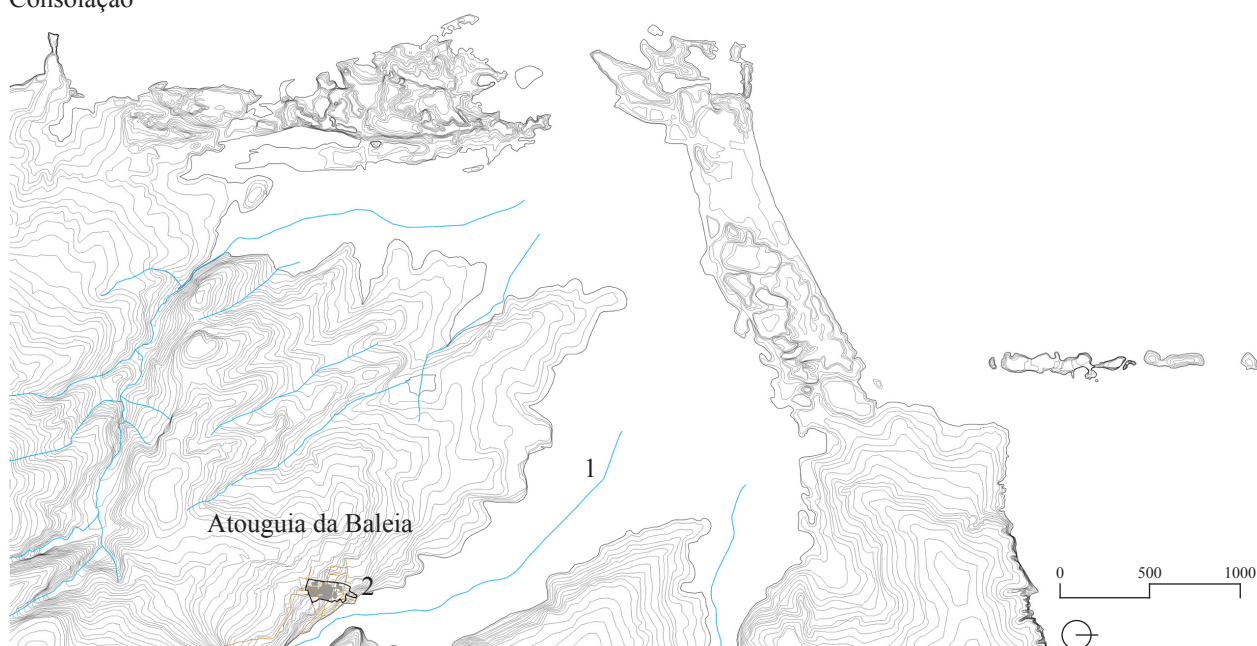
[9]

1. Rio de São Domingos
2. Castelo da Atouguia da Baleia

Peniche



Consolação



[9] Planta de Peniche do século XIV baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XV

Foi a partir do século XV que o assoreamento da ilha de Peniche começou a tornar-se evidente, a sua evolução veio prejudicar, na grande parte, a vila da Atouguia da Baleia, que deixa de se encontrar no limite costeiro impossibilitando a principal atividade da região, a pesca.

Durante o reinado de D. João I e posteriormente no de D. Duarte tenta-se travar o assoreamento da foz do rio São Domingos, com o objetivo de salvar o porto que muito tinha contribuído para o desenvolvimento da região. O esforço acaba por ser em vão, dado que a tentativa da sua transformação acabou por mudar o curso de água em direção a sudeste, o mesmo acontece com o rio de Ferrel revelando-se uma tentativa falhada a de travar o assoreamento.

O que tinha sido um dos principais portos de pesca do centro do país estava agora obstruído pelo contínuo avanço da areia, o que consequentemente conduziu ao seu encerramento. Este fenómeno acabou por transformar toda a economia da região levando à perda

de importância do castelo da Atouguia e consequente função militar que outrora tinha exercido.

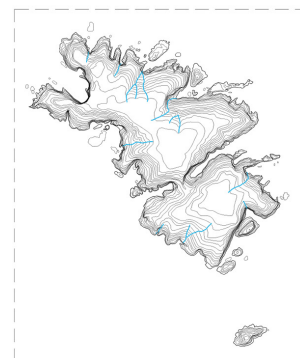
Segundo Mariano Calado o porto de pesca seria navegável até ao castelo da Atouguia, localizado onde atualmente o rio de São Domingos é desviado⁰⁰⁷, aqui chegou a forma-se uma lagoa de grandes dimensões como se pode ver na imagem ao lado.

A maior parte das pessoas que aqui habitavam viram-se obrigadas a emigrar para poderem continuar com as suas atividades ligadas à pesca, o que teve como consequência uma progressiva redução demográfica da região. Os que permaneceram deixaram por completo a atividade piscatória e dedicaram-se apenas à agricultura, o que permitiu a sua permanência na região.

Devido à constante transformação dos terrenos desta região não se consegue precisar ao certo a localização do porto primitivo da Atouguia, a única certeza que se tem é que este existiu e que teve um papel preponderante no desenvolvimento da zona.⁰⁰⁸

007. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.96.

008. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.73.



Ilha da Berlenga

[10]

1. Rio de São Domingos
2. Ponto de alteração do curso de água do rio



[10] Planta de Peniche do século XV baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XVI

O acesso à ilha de Peniche tornou-se cada vez mais fácil devido à consolidação da ligação entre a ilha e o continente. O progressivo assoreamento insistia em tornar Peniche numa península, por outro lado começava-se a formar um braço de água, devido à configuração do terreno, que unia o mar da gamboa a norte ao mar da ribeira a sul, que mantinha a configuração inicial de ilha.

As primeiras construções definitivas começam a surgir na zona norte da ilha, mais concretamente em Peniche de cima, posteriormente, a sul, em Peniche de baixo. A localização destas construções não é fruto do acaso, esta surge a partir do sentido da união da ilha ao continente que se fazia de norte para sul.

O acelerado crescimento demográfico em Peniche, por volta de 1954, bem como o crescimento económico que se deu devido à pesca, foram duas das principais razões para o interesse estratégico que este lugar podia representar para todo o país.

À semelhança do que aconteceu com a Atouguia da Baleia, também passou a existir a necessidade de construir elementos que defendessem a população, bem como os seus bens devido ao elevado desenvolvimento da região. Tendo isso em conta, D. João III sugere a construção de um castelo ou de um baluarte sobre o ponto mais elevado da península a sul, o alto da vela.⁰⁰⁹

D. Afonso de Ataíde escreve uma carta a D. João

III, em 1544, onde, para além de dar a conhecer toda a realidade da zona de Peniche durante o século XVI, afirma também qual a melhor localização para a fortaleza, segundo a própria população, proposta que apenas se concretizou anos mais tarde.

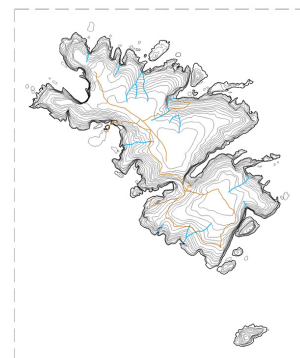
Foi no ano de 1557, sob a responsabilidade de D. Luís de Ataíde, que se começou a construir a torre do redondo, dando-se assim início à construção de todo o sistema defensivo posterior ao castelo da Atouguia.

Na carta de D. Afonso de Ataíde são referenciados três importantes meios de defesa para o lado nascente da região. O primeiro seria através da construção de uma fortaleza no ilhéu das Cabanas, a sua localização na extremidade do rio iria impedir a entrada de qualquer navio indesejado. O segundo com a construção no alto da vela de um Baluarte e de uma torre, com o objetivo de interceptar qualquer tipo de ataque que se avizinhasse.

Por fim, a construção de um Baluarte no porto de areia, impedindo assim qualquer tipo de invasão a partir da praia. Iniciaram-se as obras com a edificação da Torre do Redondo, esta foi a primeira fortificação a ser erguida na península. Posteriormente, em 1567, são construídas as duas filas de muralhas adjacentes, uma até ao carreiro da fumaça (a noroeste) e a outra até ao carreiro onde se veio a construir a praia de São Pedro (a nordeste).⁰¹⁰

009. CALADO, Mariano, *Fortificações da Região de Peniche*. 2000, p.52.

010. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.85.



Ilha da Berlenga

[11]

1. Rio de São Domingos
2. Baluarte e Torre do Redondo



[11] Planta de Peniche do século XVI baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XVII

Em 1609 Peniche foi elevada a vila e sede de concelho, contava com cerca de quatro mil habitantes, um porto de pesca e comércio de grande importância na zona litoral centro, bem como pequenas indústrias e atividades artesanais.

*“(...) a custa do rendimento das terças da dita villa terraplenem os vãos dos muros e contramuros da fortaleza de Peniche, que estão além da entrada do porto junto a escada para sobre eles se fazer hum baluarte, e cõ a artilharia defender as embarcações que se recolhem no Ryo e com isso ficarem amparadas dos inimigos (...)”*⁰¹¹

Carta de D. Filipe II, 1605.

Segundo a descrição da carta de D. Filipe II, a construção do baluarte da ribeira e do ilhéu, serviriam para ajudar na defesa do porto piscatório que se localizava a sul da península.

Devido ao elevado desenvolvimento da vila de Peniche foi essencial continuar com a edificação de estruturas defensivas ao longo da sua periferia e, apesar da construção do Fortim do Redondo e as suas duas muralhas adjacentes serem construções do século passado, é agora durante o período da restauração, que

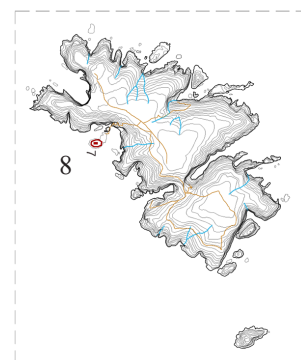
se avança com a maioria das construções que constituem o sistema defensivo de Peniche.

Depois da Restauração da Independência, em 1640, Peniche assume uma nova importância estratégica no contexto nacional. D. João IV mandou completar o sistema defensivo que havia sido iniciado pelo seu antecessor. As obras decorreram ao longo de várias décadas e culminaram num sistema defensivo que, em 1671, se estendia ao longo de toda a linha terrestre que delimitava a localidade e a unia ao continente, com a cortina de leste e baluartes e meios-baluartes. O restante perímetro era formado por altas arribas escarpadas, ao longo das quais foram construídos pequenos fortes, fortins e baterias para permitir uma melhor defesa da localidade e da região envolvente. Peniche reforçava, assim, a sua posição estratégica enquanto uma das principais praças do reino, na defesa do acesso marítimo e terrestre a Lisboa.

Foi edificado durante este século o Forte de Nossa Senhora da Luz a norte, a Fortaleza de São Francisco, o Forte das Cabanas e o Forte de Nossa Senhora da Consolação a sul, a cortina de muralhas a este, junto da ligação com o continente, e a oeste o Forte de Nossa Senhora da Vitória e o Forte de São João Batista. Todos eles apresentavam diferentes dimensões devido à morfologia onde se encontravam implantados.⁰¹²

011. CALADO, Mariano, *Fortificações da Região de Peniche*. 2000 p.91-92.

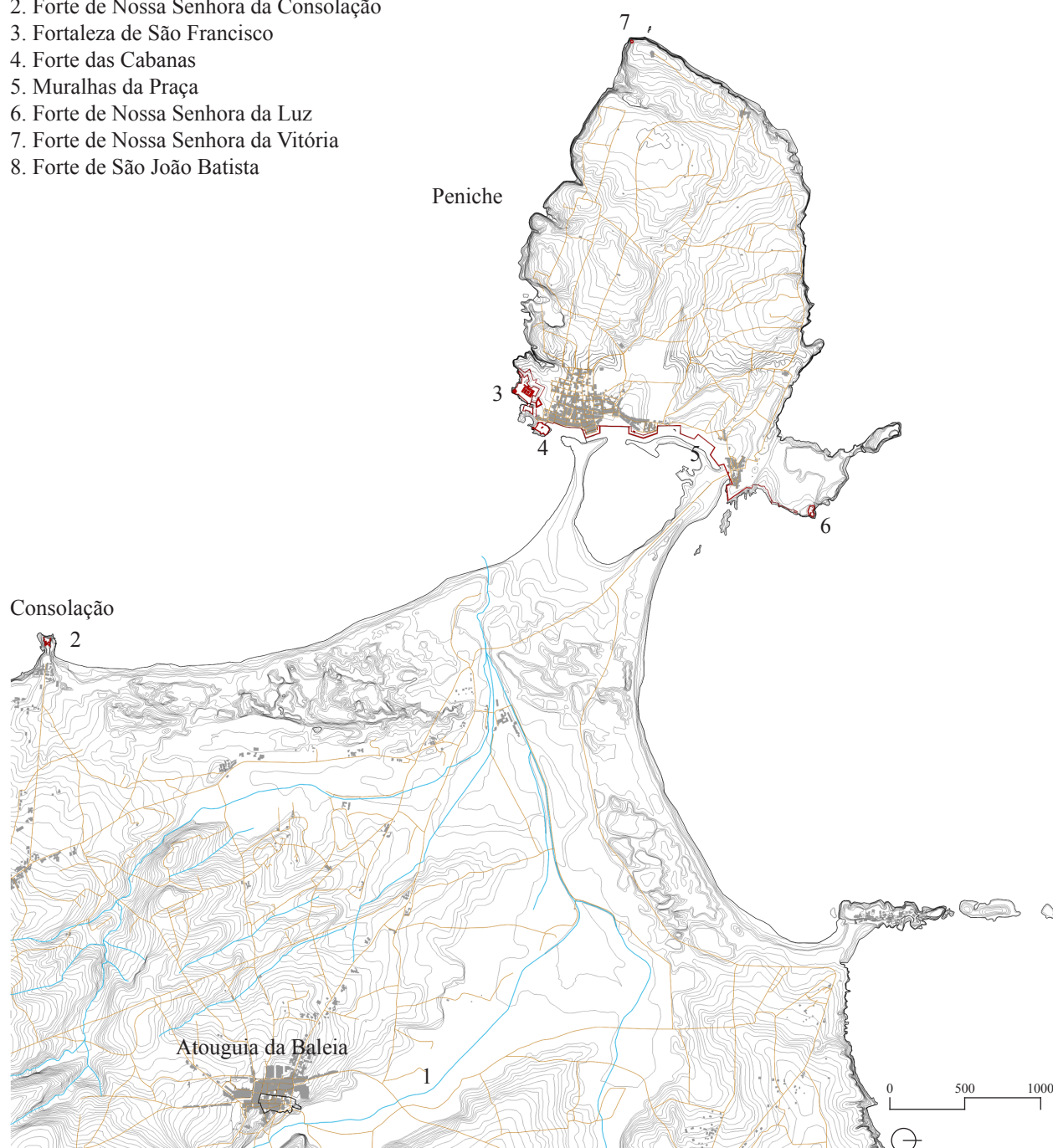
012. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.99.



Ilha da Berlenga

[12]

1. Rio de São Domingos
2. Forte de Nossa Senhora da Consolação
3. Fortaleza de São Francisco
4. Forte das Cabanas
5. Muralhas da Praça
6. Forte de Nossa Senhora da Luz
7. Forte de Nossa Senhora da Vitória
8. Forte de São João Batista



[12] Planta de Peniche do século XVII baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XVIII

*“Peniche, (...) é cercada por todas as partes de altíssimos rochedos em que bate o mar; e somente pela parte que olha para o nascente tem um istmo de areia (...) nem em todas as ocasiões se pode comunicar; pois que nas que são de águas vivas se cobre de mar este istmo de areia ou praia e fica a terra intratável enquanto não abaixa a maré (...)”*⁰¹³

Durante o século XVIII, o istmo de areia que ligava a antiga ilha ao continente era ainda muitas vezes ocultado pela subida e descida das marés. No entanto, o assoreamento continuava e tornava a navegação pelo portinho do meio completamente impossível.

Este fenómeno teve um impacto direto na economia local ligada à pesca, era necessário a construção de uma contraescarpa, para um futuro fosso militar. Só dessa

forma se conseguiria prevenir a propagação das areias no braço de mar que existia a sul da recente península.

O grande terramoto que se abateu sobre Portugal, destruiu grande parte da sua linha costeira, a vila de Peniche não foi exceção.

Na zona sul, parte da cortina do Morraçal de baixo, do Forte das Cabanas, de algumas habitações erguidas na periferia, bem como a maior parte dos barcos foram destruídos.⁰¹⁴ Na área norte da vila foi derrubada a cortina que ligava o Forte de Nossa Senhora da Luz ao Meio Baluarte da Gamboa, atualmente conhecida por cortina do Quebrado.

A faixa de areia que ligava a antiga ilha ao continente era ainda de baixo relevo acabando por ser totalmente inundada pela agitação marítima.⁰¹⁵

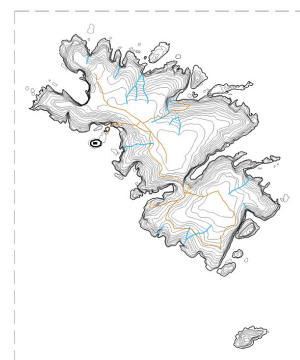


[13] Cais e doca do portinho do meio.

013. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.100.

014. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.161.

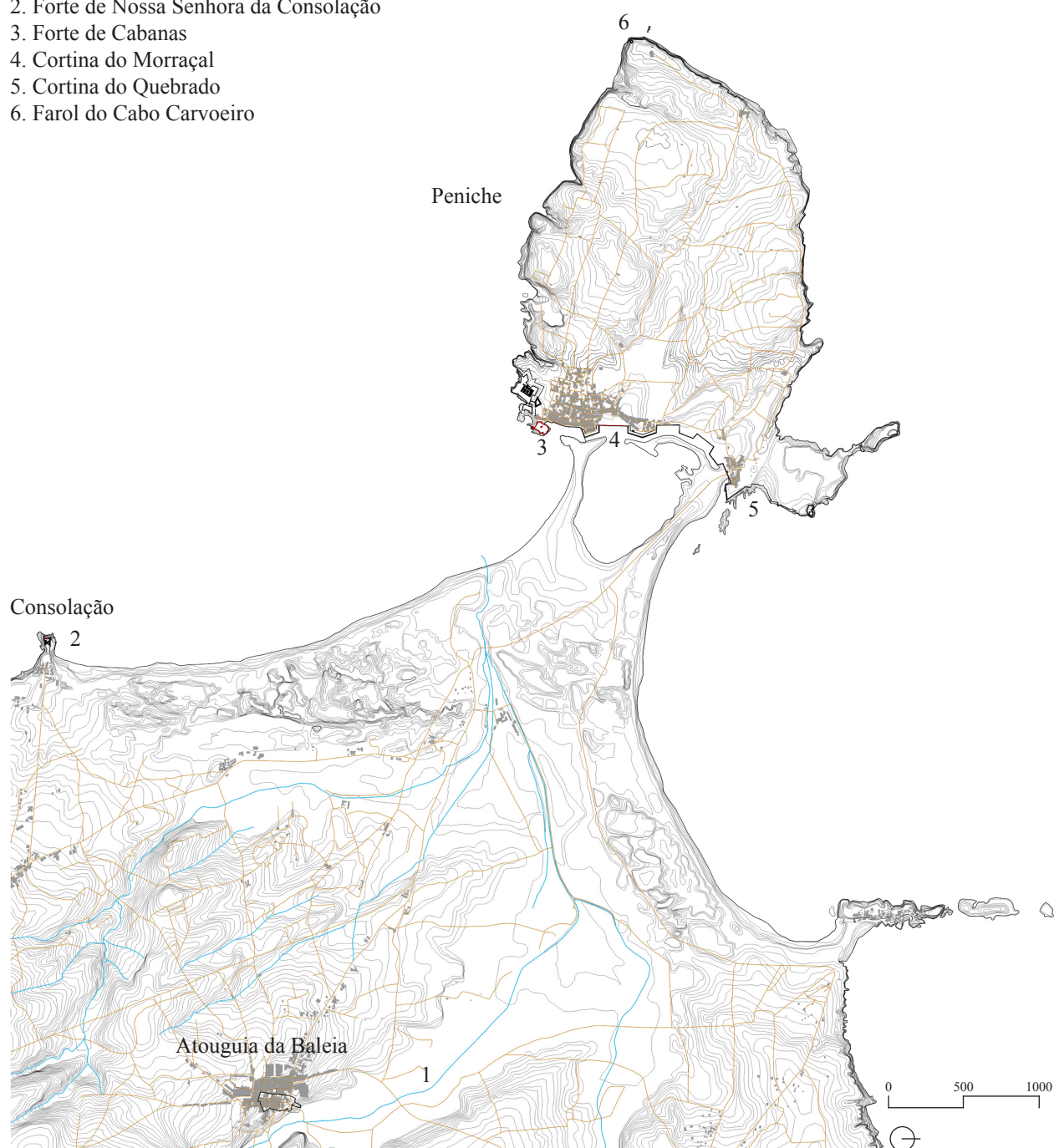
015. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.102.



Ilha da Berlenga

[14]

1. Rio de São Domingos
2. Forte de Nossa Senhora da Consolação
3. Forte de Cabanas
4. Cortina do Morraçal
5. Cortina do Quebrado
6. Farol do Cabo Carvoeiro



[14] Planta de Peniche do século XVIII baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XIX

Um dos maiores problemas deste século esteve relacionado com a subida e descida do nível do mar, esta seria uma condicionante com grande impacto nas entradas e saídas da vila de Peniche. Todo o limite da antiga ilha, que agora se ligava ao continente, estava muralhado, fazendo com que os pontos de acesso fossem reduzidos e apenas transponíveis quando o nível de água voltasse a descer.

Apesar disso, Peniche destacava-se como uma das principais praças de guerra do país, exibia um sistema sólido e completo, em muito boas condições de defesa, apresentando apenas alguns danos provocados pelo terramoto de 1755.

Este século fica marcado pela ocupação da praça de Peniche, em 1807, por parte das tropas francesas, comandadas pelo coronel general Jean Junot, grande parte da vila foi destruída e só mais tarde recuperada.⁰¹⁶

As constantes invasões, nesta época, motivaram o melhoramento da vigilância da praça, bem como a construção de um Fortim sobre a península do Baleal, completando assim a vigilância da zona norte da península de Peniche.

A 19 de outubro de 1837 deu-se uma enorme explosão, seguida por um incêndio, num dos paióis da Fortaleza de São Francisco, como resultado grande parte do palácio do governador ficou destruído.⁰¹⁷

Até ao final do século XIX ficaria completa a linha defensiva de Peniche com a construção do Forte de Nossa Senhora da Luz e do Fortim do Baleal a norte, as baterias no carreiro do cabo e bateria de ambos os portos de areia (norte e sul), o Forte de Nossa Senhora da Vitória no cabo Carvoeiro (ponto mais ocidental da península) e o entrincheiramento de São Miguel, também conhecido por Linha dos Moinhos.⁰¹⁸

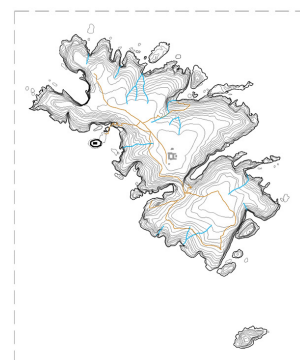


[15] Planta da Praça de Peniche, levantada por ordem de Mathias José Dias Azevedo a 1 de agosto de 1820.

016. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.169.

017. CALADO, Mariano, *Fortificações da Região de Peniche*. 2000, p.22.

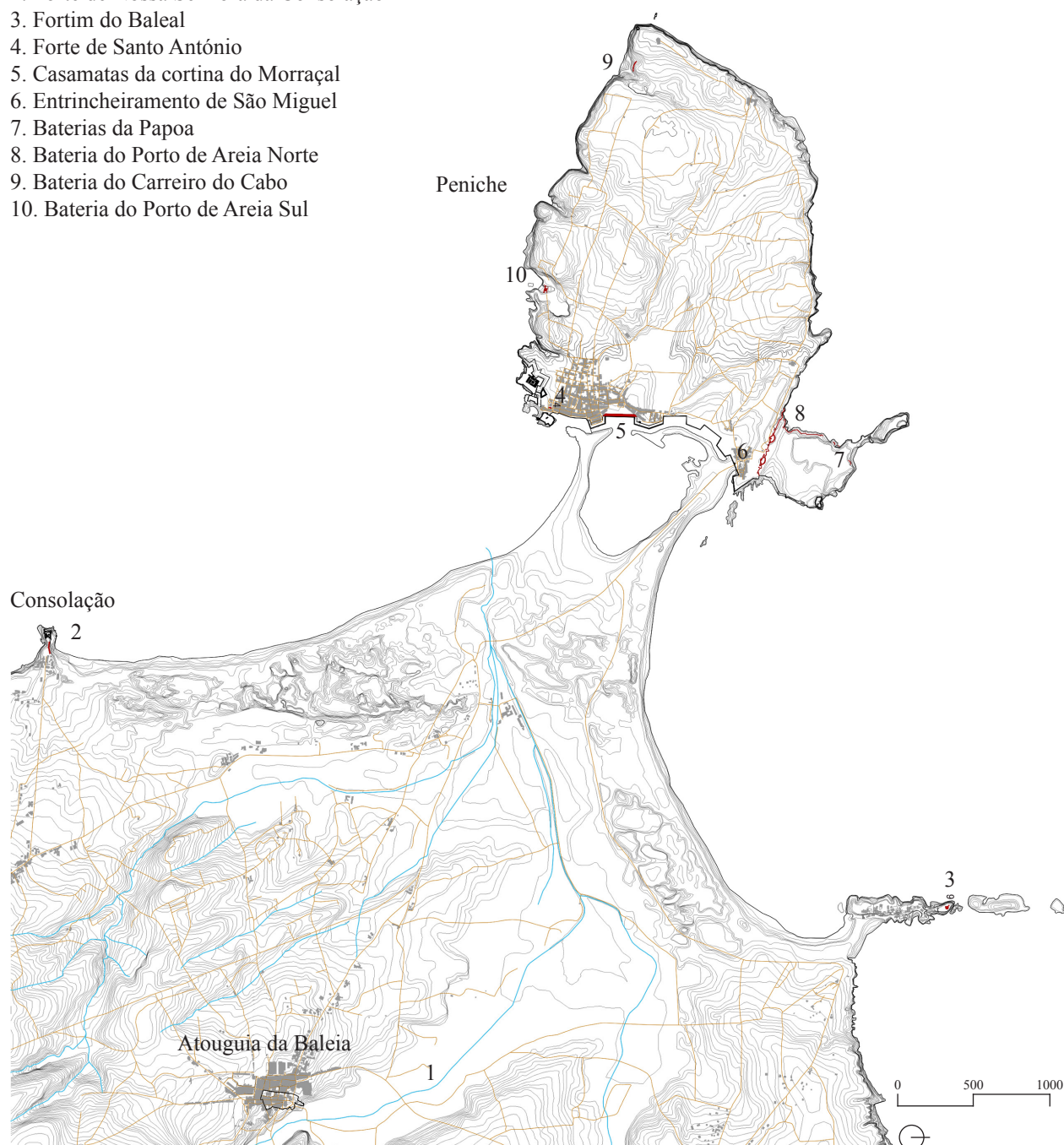
018. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.110.



Ilha da Berlenga

[16]

1. Rio de São Domingos
2. Forte de Nossa Senhora da Consolação
3. Fortim do Baleal
4. Forte de Santo António
5. Casamatas da cortina do Morraçal
6. Entrincheiramento de São Miguel
7. Baterias da Papoa
8. Bateria do Porto de Areia Norte
9. Bateria do Carreiro do Cabo
10. Bateria do Porto de Areia Sul



[16] Planta de Peniche do século XIX baseada nos esquemas de Mariano Calado.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-MORFOLÓGICA

Peniche no século XX

O processo de assoreamento da vila de Peniche demorou cerca de oito séculos até estar concluído, tornando-se numa península bem consolidada no século XX, apenas o braço de mar que existia junto à muralha da praça resistia ao passar do tempo e exercia a função de porto de abrigo e fosso militar.

A vila começa a expandir-se para o exterior dos seus limites amuralhados, especialmente para nascente, onde são edificados inúmeros edifícios relacionados com a indústria pesqueira. Como consequência do aumento das exportações e importações, houve a necessidade da construção de uma estação ferroviária, esta chegou a ser projetada e aprovada mas nunca foi construída.

A inexistência de vias térreas em condições e com os transportes marítimos limitados, todo o processo de exportação de produtos que excediam as necessidades da região, ficava condicionado.

A anulação deste projeto teve um impacto muito negativo na vida dos pescadores, numa altura em que o mar transbordava de pescado, este ficava muitas vezes em terra pela inexistência de escoamento das mercadorias.⁰¹⁹

É no decorrer deste século que a Fortaleza de São Francisco sofre uma das maiores alterações, desde o início da sua construção. A adaptação do seu antigo uso militar para prisão política ao serviço do Estado Novo foi considerada uma das grandes barreiras para o desenvolvimento de Peniche.⁰²⁰ Havia agora um monumento repleto de história, preso a um uso que o impedia de ser mostrado à população, ninguém podia percorrer ou visitar os seus espaços interiores.

Neste contexto, a revolução de 25 de abril de 1974 marcou fortemente a localidade, com o encerramento da prisão política e consequente libertação dos seus presos.

É ainda durante os anos oitenta que decorrem as obras do novo porto de pesca, este ocupava uma grande parte do istmo até ao molho leste e levou à continuação da expansão da vila para fora dos limites defensivos.

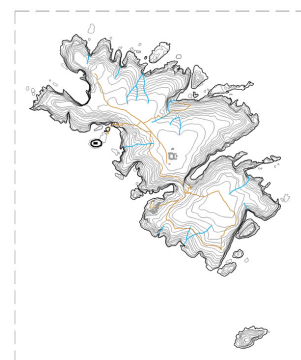
O istmo via-se agora ocupado por unidades hoteleiras, vários complexos habitacionais e uma zona industrial que contava com armazéns, hipermercados e unidades industriais.⁰²¹

Peniche é elevada a cidade em 1987.

019. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.204.

020. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.232.

021. CALADO, Mariano, *Da ilha de Peniche*. 1994, p.111.



Ilha da Berlenga

[17]

1. Rio de São Domingos
2. Consolidação do istmo de areia



[17] Planta de Peniche do século XX baseada nos esquemas de Mariano Calado.



[18] Mapa da Península de Peniche século XVII.

SISTEMA DEFENSIVO DA PENÍNSULA DE PENICHE

Como consequência do assoreamento do istmo que ligaria a ilha ao continente, surgiu o sistema defensivo da península de Peniche, o consequente desenvolvimento demográfico e económico da ilha de Peniche tornava esta zona num importante ponto estratégico do litoral português com ligações aos principais centros urbanos.

Durante vários séculos a região de Peniche foi fustigada pelas constantes invasões por parte de corsários vindos do norte de África, como também da Europa do Norte. O facto de existir uma ligação entre a ilha e o continente inviabilizava a utilização do castelo da Atouguia o que tornava toda a região bastante vulnerável a eventuais desembarques e invasões inimigas.

A zona de Peniche apresentava um grave risco para todo o reino, sendo fundamental a idealização e construção de um sistema militar defensivo que cercasse a ilha de norte a sul.⁰²²

D. João III envia uma carta a D. Afonso de Ataíde ordenando o início da construção das fortificações em Peniche, com um baluarte e duas frentes muralhadas.

O sistema defensivo inicial foi alvo de alguns melhoramentos durante o período Filipino, o que se mostrou insuficiente na defesa da região e no acesso à capital do reino.⁰²³

Com a restauração da independência em 1640, D. João IV decide inciar a construção de um sistema

defensivo integrado na península de Peniche. Toda a linha costeira era de difícil acesso, devido à sua composição morfológica de altas enseadas escarpadas e rochosas, nesta altura a fortaleza desempenhava facilmente a sua função defensiva, o mesmo não acontecia com todo o alçado nascente da península que após o assoreamento e em marés baixas, apresentava um terreno plano, de fácil acesso entre a antiga ilha e o continente.

Esta foi a razão que levou à construção de um fosso militar aquático, aproveitando o braço de mar que irrompia entre a primitiva ilha e o istmo de areia. Este fosso ligado à restante linha de muralhas e baluartes separava totalmente Peniche do continente, por via terrestre.

No século XVII, a Fortaleza de Peniche, assume-se como o ponto central do sistema defensivo da região, sofrendo um conjunto de alterações que visavam o seu melhoramento.

Exibia agora quatro frentes abaluartadas, tendo sido construídos o baluarte do Ilhéu, o fortim de Santo António, de que atualmente não existem vestígios, e o baluarte da Ponte ou de S. Pedro. São também construídos quatro meios baluartes, o da Misericórdia, da Calçada ou de S. João da Marinha, o de S. Vicente ou de Nossa Senhora da Ajuda da Marinha e o da Gamboa ou de Nossa Senhora da Conceição.

022. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.107.

023. CALADO, Mariano, *Peniche na História e na Lenda*. 1991, p.423. - Em 1589, D. António Prior do Crato, pretendente do trono português, pede ajuda à rainha Isabel Tudor de Inglaterra, que lhe disponibilizou uma armada comandada pelo corsário Francis Drake, para combater os espanhóis. A 26 de maio do mesmo ano, ancoraram na praia meridional de Peniche, fora do alcance das defesas da fortificação, e desembarcaram dezasseis mil homens. Estaria nessa altura uma guarnição espanhola em Peniche que foi prontamente atacada e derrotada pelos ingleses, antes de rumarem a Lisboa, pilhando tudo pelo caminho.

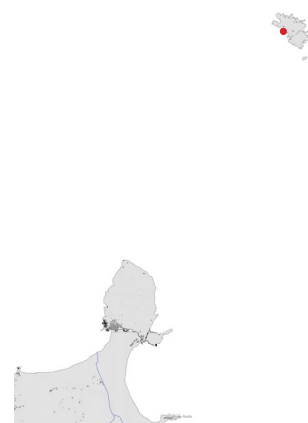
Ainda no século XVII é construída a cintura oriental de muralhas, com cerca de 2250 metros, que fazia a separação física com o continente. No que diz respeito ao sistema defensivo da região são também construídos, na segunda metade do século XVII, o forte de Nossa Senhora da Luz, os Fortins do Porto de Areia Sul e do Porto de Areia Norte, o Fortim do Baleal. A construção do Forte de São João Baptista é concluída em 1656, bem como a reformulação do Forte da Consolação.

Segundo a planta de Simão Mateus, a finalização do sistema defensivo da região de Peniche data de 1671, tornando-se assim numa das mais importantes praças militares de Portugal e um ponto estratégico na defesa do país. Durante o reinado de D. João IV surge a introdução do sistema abaluartado nas construções militares portuguesas. Numa época pós restauração, marcada

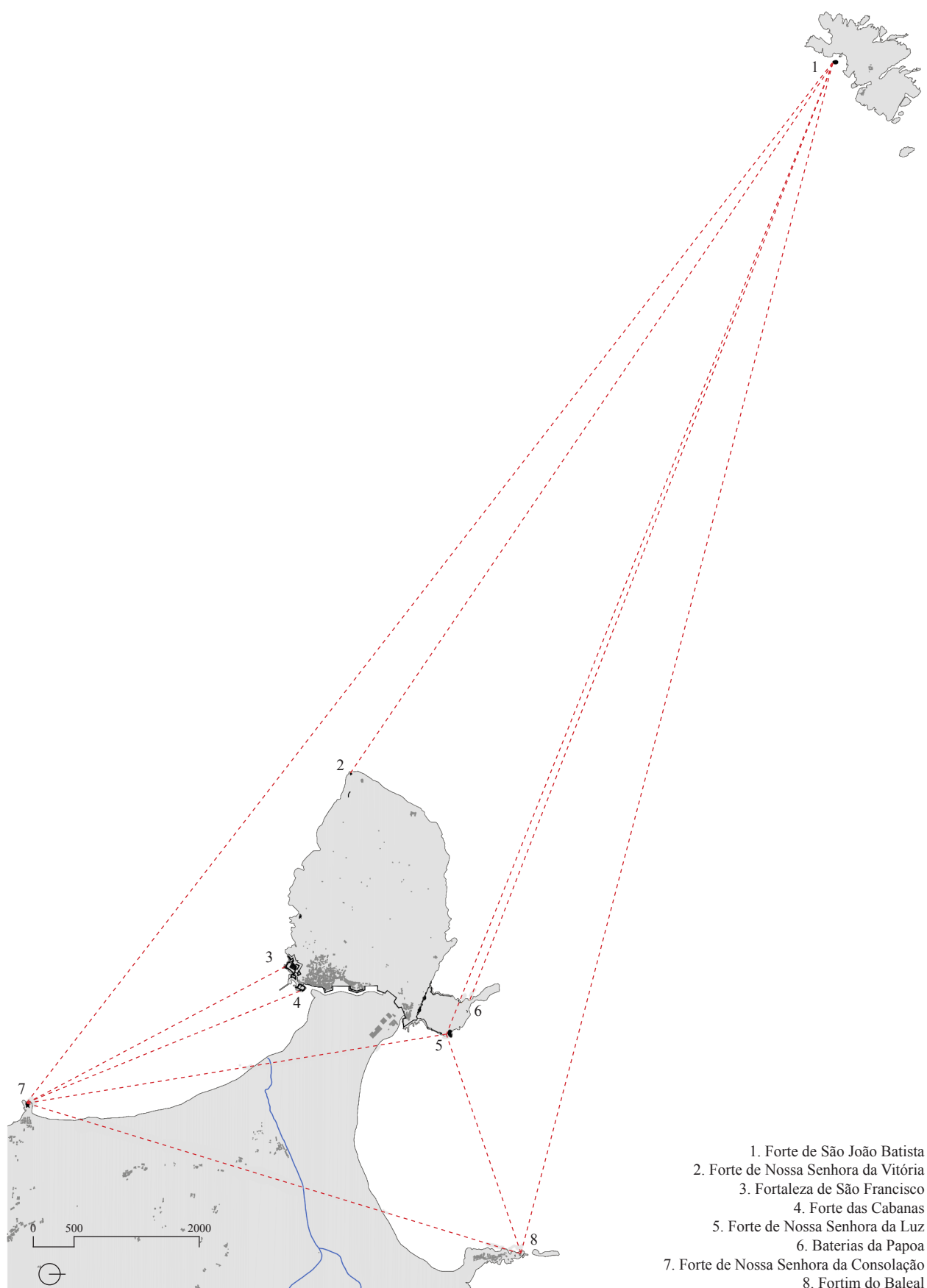
por uma política de consolidação da independência, procedeu-se à reparação de castelos, proteção das fronteiras, organização das tropas e aquisição de armas.

Esta política defensiva prolongou-se até ao reinado de D. Afonso VI, altura em que decorrem algumas das maiores batalhas deste período, que só terminam com a subida ao trono do rei D. Pedro e a assinatura de paz com Espanha a 13 de fevereiro de 1668.

Este sistema militar foi aplicado em Peniche e construído de forma a permitir o cruzamento de fogo entre a fortaleza e os baluartes e meios baluartes construídos ao longo da linha costeira da península. Permitia também o cruzamento de fogo entre as fortificações de Peniche, Berlenga, Consolação e Baleal, sendo assim, possível defender eficazmente todos os pontos da península e fazer frente a possíveis ataques marítimos ou terrestres.



[19] Forte de São João Batista.



[20] Esquema do cruzamento de fogo entre as fortificações da região de Peniche.

O sistema defensivo de Peniche foi durante três séculos um dos principais pontos estratégicos do reino, apesar de terem sido poucos os momentos de atividade defensiva efetiva. A evolução das estratégias militares de ataque e defesa, como também das estruturas defensivas e armas de guerra, tornaram gradualmente este sistema defensivo obsoleto e ineficaz. São várias as fortalezas portuguesas, entres as quais a de São Francisco em Peniche, que são desativadas no final do século XIX, por se terem tornado inoperacionais.

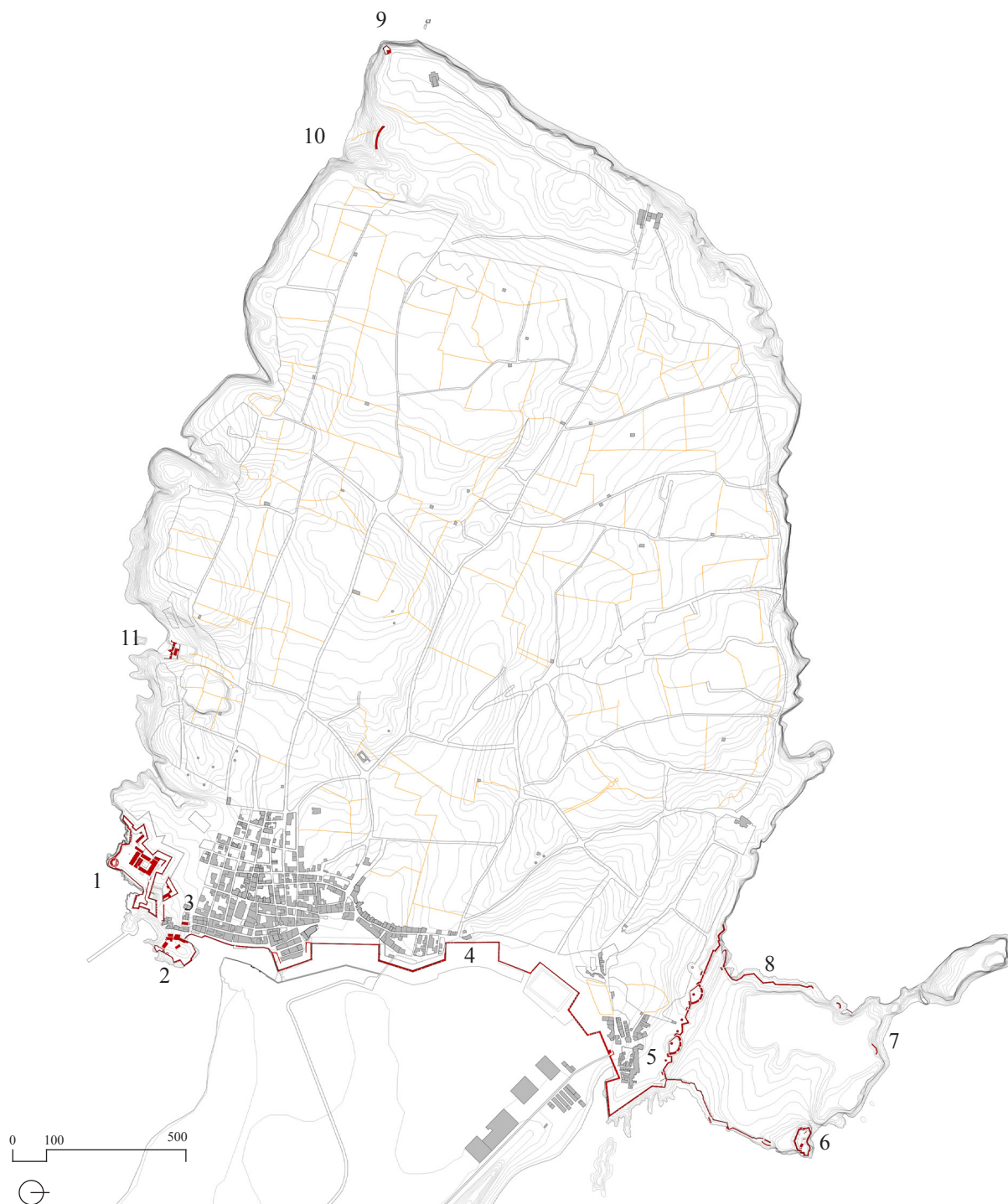
Apesar de se ter procedido à desativação militar dos sistemas defensivos de toda a península de Peniche, algumas destas estruturas tiveram outras funções. O caso da Fortaleza de São Francisco é o mais notório, tendo diversos usos ao longo da história. De destacar o seu uso como abrigo de refugiados Boers, residência de

prisioneiros Alemães e Austro-húngaros, prisão política durante o período do Estado Novo, alojamento provisório das famílias portuguesas chegadas das antigas colónias, museu municipal e espaço de promoção cultural, entre outros.

O facto dos sistemas defensivos da península de Peniche se terem tornado inoperacionais não fez com que estas construções perdessem importância no contexto urbano e paisagístico da cidade, pelo contrário a arquitetura militar continua a marcar presença de forma integrada, no urbanismo da localidade. A cidade de Peniche teve ao longo dos anos uma grande expansão, ultrapassando completamente os limites definidos pelo perímetro das muralhas, fazendo com que os elementos do sistema fortificado funcionem como monumentos bem enquadrados na organização urbana.



[21] Forte de Nossa Senhora da Luz.



[22] Planta de Peniche, século XX.

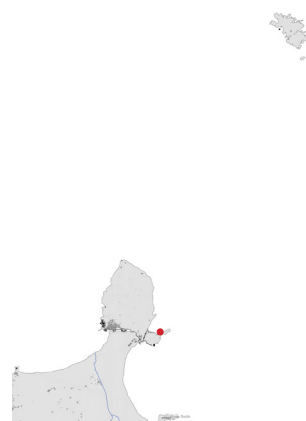
1. Fortaleza de São Francisco
 2. Forte de Cabanas
 3. Forte de Santo António
 4. Muralhas da praça

5. Entrincheiramento de São Miguel
 6. Forte de Nossa Senhora da Luz
 7. Baterias da Papoa
 8. Bateria do Porto de Areia Norte

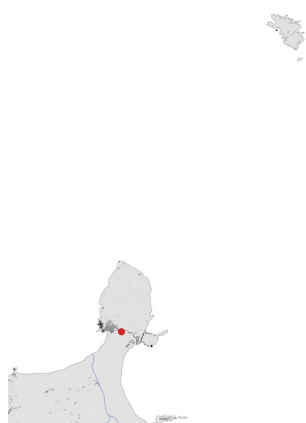
9. Forte de Nossa Senhora da Vitória
 10. Bateria carreiro do cabo
 11. Bateria do Porto de Areia Sul



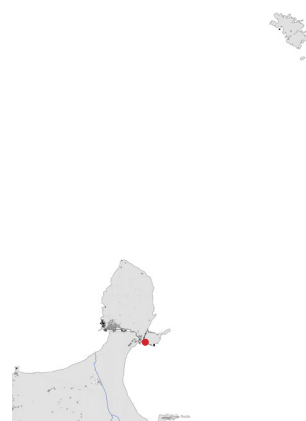
[23] Bateria da Papoa.



[24] Ponte Velha sobre o fosso da muralha.



[25] Muralha do Quebrado.





[26] Forte de Nossa Senhora da Consolação.



[27] Bateria da praça, ponte pedonal de acesso à antiga ilha.



[28] Fortim do Baleal.



A FORTALEZA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA POR:

FRANCISCO FARIA HENRIQUES RODRIGUES NICOLAU

ORIENTADA POR:

PROF. DOUTOR LUÍS SOARES CARNEIRO

“A presença de certas obras provoca em mim algo misterioso. Parecem simplesmente estar lá. Uma pessoa não lhes dá nenhuma atenção especial. E, no entanto, é quase impossível imaginar o lugar onde estão sem elas.

*Estas obras parecem estar firmemente ancoradas ao chão. Funcionam como parte integrante do seu espaço envolvente e parecem dizer: Eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte.”*⁰²⁵

025. ZUMTHOR, Peter, *Pensar a Arquitetura*. Editorial Gustavo Gili, 2006, p.17.



[29] Vista da praia do túnel de mar sobre a entrada da Fortaleza de Peniche.

FORTALEZA DE SÃO FRANCISCO

Caracterização geral

Urbana, marítima e isolada, a Fortaleza de São Francisco, mais conhecida como Fortaleza de Peniche localiza-se no extremo sul da península de Peniche, a oeste do istmo onde se situa o Forte das Cabanas e a frente urbana abaluartada. Correspondendo inicialmente à cidadela da vila, articula-se com a cortina de terra que defendia o núcleo urbano. Implanta-se sobre uma escarpa rochosa, sobranceira à Ribeira Velha onde atualmente se lança o molhe em betão do porto de pesca e liga-se no outro extremo ao Alto da Vela.

A chegada à península de Peniche é marcada pelas estruturas fortificadas pertencentes ao fosso da muralha. O acesso ao núcleo principal da atual cidade faz-se em quatro pontos distintos, que irrompem esta cinta muralhada, na zona este da antiga ilha. O facto da Fortaleza de Peniche se encontrar numa extremidade deste conjunto de fortificações torna o seu acesso bastante intuitivo, mesmo para quem chega à cidade pela primeira vez.

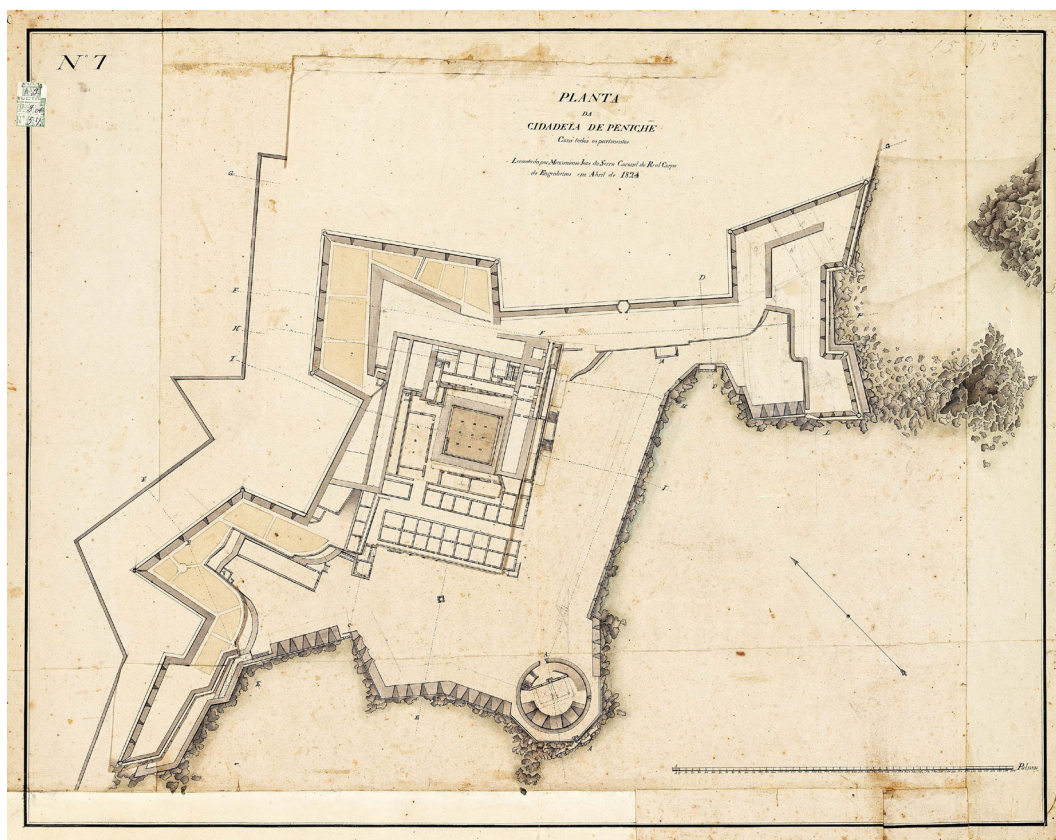
A implantação da Fortaleza de Peniche implica que o acesso ao seu interior seja feito em dois momentos distintos. No primeiro entra-se no revelim através de uma porta delineada em arco de volta perfeita com

frontão triangular, esta encontra-se ladeada por duas pilastras com aparelho rusticado e a sua construção data de 1856, como se pode comprovar pela inscrição no seu frontão. O segundo momento de entrada é feito após a passagem de uma ponte em alvenaria com quatro arcos de volta perfeita, sobre o fosso da fortaleza, estrutura essa que na sua configuração inicial teria a sua extremidade móvel, em madeira, para impedir o acesso ao conjunto fortificado. Esta segunda porta a transpor, para dar entrada no conjunto, data dos finais do século XVIII e apresenta também um arco de volta perfeita, ladeada por duas pilastras salientes e encimada por um frontão semicircular com um alto relevo das armas do Conde da Atouguia.

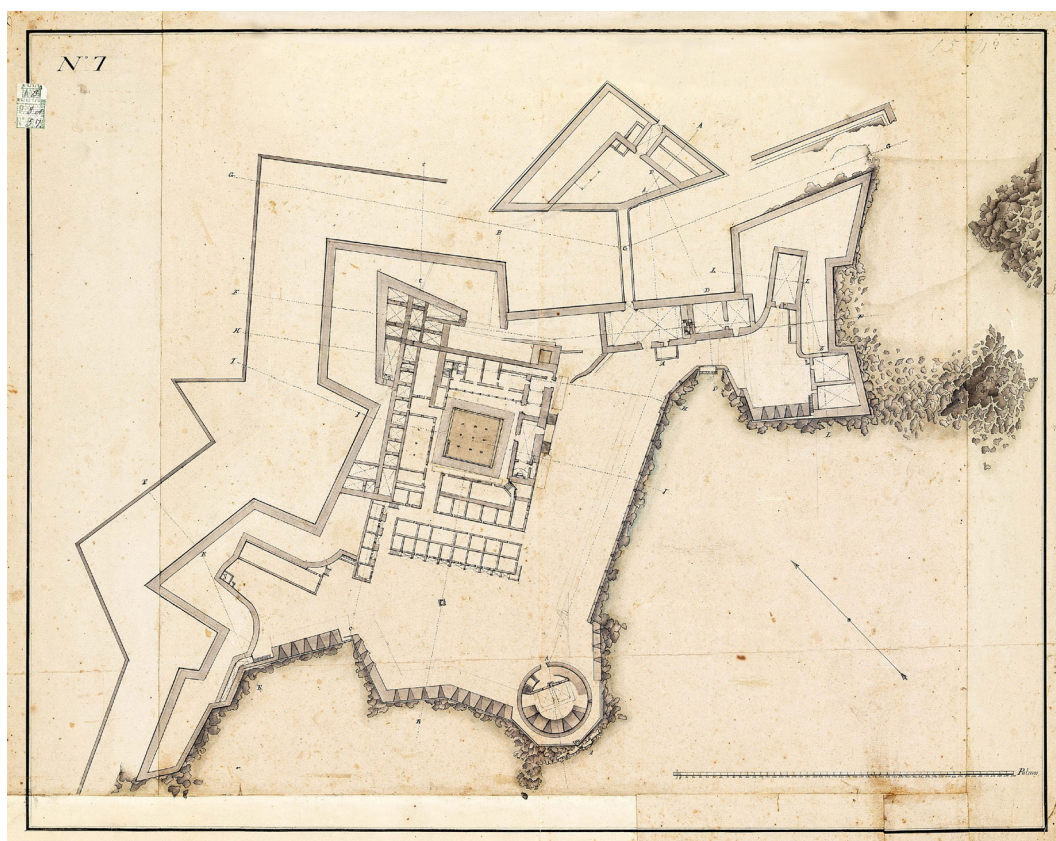
A construção militar da Fortaleza de Peniche desempenhou um papel de extrema importância na proteção e defesa de toda a linha costeira, devido à sua posição estratégica de grande proximidade à capital.

Dotada de características arquitetónicas peculiares, esteve ligada a um grande número de acontecimentos históricos locais, nacionais e internacionais o que justificou a sua classificação como monumento nacional no ano de 1938.⁰²⁶

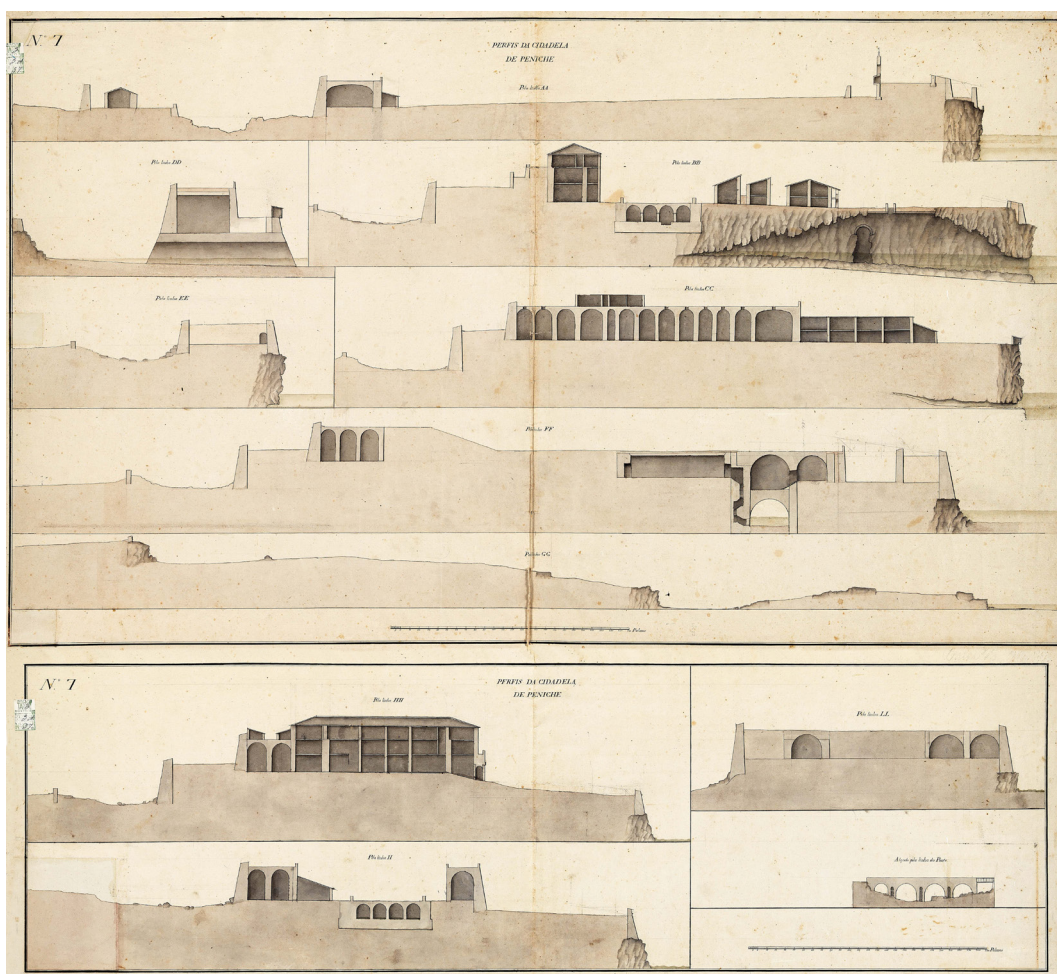
026. URAP, *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017. p.67.



[30] Planta da Cidadela de Peniche, levantada por Maximiano Joze da Serra, abril de 1824.



[31] Planta da Cidadela de Peniche, levantada por Maximiano Joze da Serra, abril de 1824.



[32] Perfis da Cidadela de Peniche, levantada por Maximiano Joze da Serra, abril de 1824.



[33] Vista da praia do túnel de mar sobre a entrada da Fortaleza de Peniche.

FORTALEZA DE SÃO FRANCISCO

Cronologia histórica do edifício

1544 - D. João III recomendou ao conde da Atouguia a construção de um castelo ou baluarte.

D. Afonso de Ataíde, conde da Atouguia, responde com a melhor localização para se realizar esta obra, no ilhéu das Cabanas.

1557/1567 - Início e conclusão da construção da muralha nordeste e noroeste do Fortim do Redondo, Bateria de São Pedro e Bateria da Furna, respetivamente.

1572 - Início dos trabalhos da fortaleza sob a responsabilidade do mestre de obras Gonçalo de Torralva.

1609 - Elevação de Peniche a vila e sede de concelho. Engenheiro Luís Gabriel fica encarregue de orientar as obras de abastecimento de água, estudar o traçado da ponte, para facilitar o acesso à povoação e comandar as obras da fortaleza.

1641 - Procuradores do concelho da Atouguia advertem, nas Cortes de Lisboa, para a necessidade de fortificar a praia da Consolação e de se iniciar as obras defensivas em Peniche (estavam apenas concluídas o Fortim do Redondo e as muralhas adjacentes). Constrói-se uma tenalha na Praia da Consolação para cruzar fogo com a Fortaleza de Peniche.

1550

1557 - Construção do Fortim do Redondo, construção atribuída a Diogo Teles, como se pode ver na inscrição do pórtico da entrada do fortim.

1567/1572 - Nomeação de D. Luís de Ataíde para o cargo de vice-rei da Índia e subsequente cessação dos trabalhos defensivos em Peniche.

1600

1589 - Filipe I de Portugal manda Filippo Terzi a Peniche para consolidar o Fortim e as muralhas, assim como estudar possíveis melhoramentos.

Tomada de Peniche pelos Ingleses, aliados de D. António Prior do Crato, sob o comando de Francis Drake.

1625 - D. Filipe III de Portugal alerta para a urgência de construir um forte nas Berlengas, sugere também a abertura de um fosso aquático no istmo, tornando Peniche uma ilha inexpugnável.

1642 - O conselho de guerra envia o engenheiro Charles Lassart a Peniche para verificar as obras e averiguar a necessidade de alterar o projeto, este refere Peniche como “praça de tão grande importância e a principal chave do Reyno pela parte do mar”.

1645 - Conclusão da fortaleza como certifica a inscrição na porta da mesma.

1652 - Deslocação de D. João IV a Peniche para inspeção das obras.

1659 - Início das obras da frente abaluartada cujo traçado sofreu alterações, ao apresentar um forte, um baluarte e quatro meios baluartes, ao invés de três baluartes e dois meios baluartes.

1721 - Terraplanagem de alguns dos baluartes na cortina oriental e construção de uma contraescarpa para contrariar a invasão das areias.

1773 - Obras de remodelação na capela de Santa Bárbara, no interior da fortaleza.

1800 - Eusébio Dias Azevedo começa a construção de novas baterias, com o objetivo de dificultar o desembarque de embarcações inimigas. Manda também subir a altura dos parapeitos da fortaleza voltados para o mar.

1809 - Praça de Peniche foi recuperada pelos ingleses e portugueses, levanta-se uma contraescarpa entre os baluartes da Misericórdia e da Ponte para evitar o assoreamento progressivo do fosso.

1650

1650 - Envio de Nicolau de Langres a Peniche para efetuar um estudo e planta das defesas existentes.

1658 - Nomeação de D. Jerónimo de Atáide para superintendente das obras da praça de Peniche, com a obrigatoriedade de respeitar a planta traçada por Simão Mateus e aprovada por Charles Lassart.

1671 - conclusão das obras da frente abaluartada, desde a Ribeira à Gamboa, corroborada pela inscrição existente no Fortim do Redondo.

1700

1755 - Terramoto arruína parte da cortina do Morraçal de Peniche de Baixo (fica reduzida a areia em 1796) e do meio baluarte da Gamboa.

1750

1777 - Relatório realizado por Veríssimo de Matos Souto, onde informa o elevado estado de degradação das defesas de Peniche.

1800

1808 - Ingleses atacam nas Berlengas, enquanto os franceses constroem uma bateria no carreiro do cabo e no porto da areia, iniciam o levantamento de um fortim no Baleal e realizam um projeto de contraescarpa para a frente abaluartada, que não foi executado.

1819 - Praça de Peniche foi declarada como estando ao abandono.



[34] Vista da praia do túnel de mar sobre a entrada da Fortaleza de Peniche.

1824 - Prisão de mais de uma centena de liberais na Fortaleza de Peniche.

1839 - É cedida à Câmara Municipal toda a área de terreno militar junto à muralha compreendida entre os baluartes da Misericórdia e da Ponte.

1894 - Depósito de emigrados brasileiros na Fortaleza de Peniche, internamento de 148 refugiados políticos brasileiros, que teriam participado na revolta da armada em 1893 contra o governo republicano de Floriano Peixoto.

1917 - Durante a 1ª Guerra Mundial, é instalado na fortaleza um depósito de presos de nacionalidade alemã e austro-húngara. Estes prisioneiros serão libertados apenas em outubro de 1919, após a assinatura do tratado de Versailles.

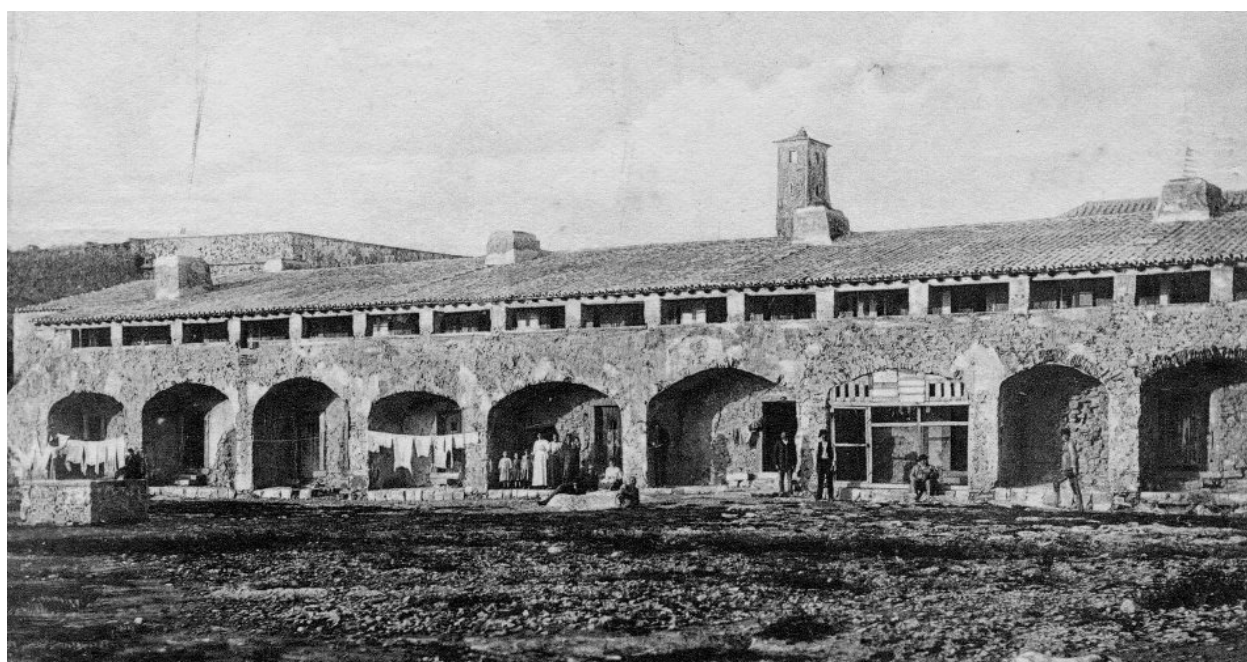
1938 - A Fortaleza de São Francisco e frente abaluartada da praça de Peniche, bem como todas as muralhas militares que constituem os baluartes e cortinas existentes da vila, são classificados como Monumentos Nacionais por decreto lei.

1837 - Explosão de um paiol no interior da fortaleza destrói o Palácio do Governador.

1868 - Instalação nos edifícios da fortaleza de militares Espanhóis que teriam participado no fracassado golpe liberal de 1866.

1901 - Peniche aloja na fortaleza, no quartel de São Marcos e no meio baluarte da Misericórdia, refugiados da guerra travada com os ingleses na África do Sul. Chegam a Peniche 368 refugiados Boers.

1934 - É instalado na fortaleza o depósito de presos de Peniche, destinado a albergar opositores ao regime ditatorial do Estado Novo. Este estabelecimento prisional adapta, de forma sumária, as construções anteriores da fortificação.



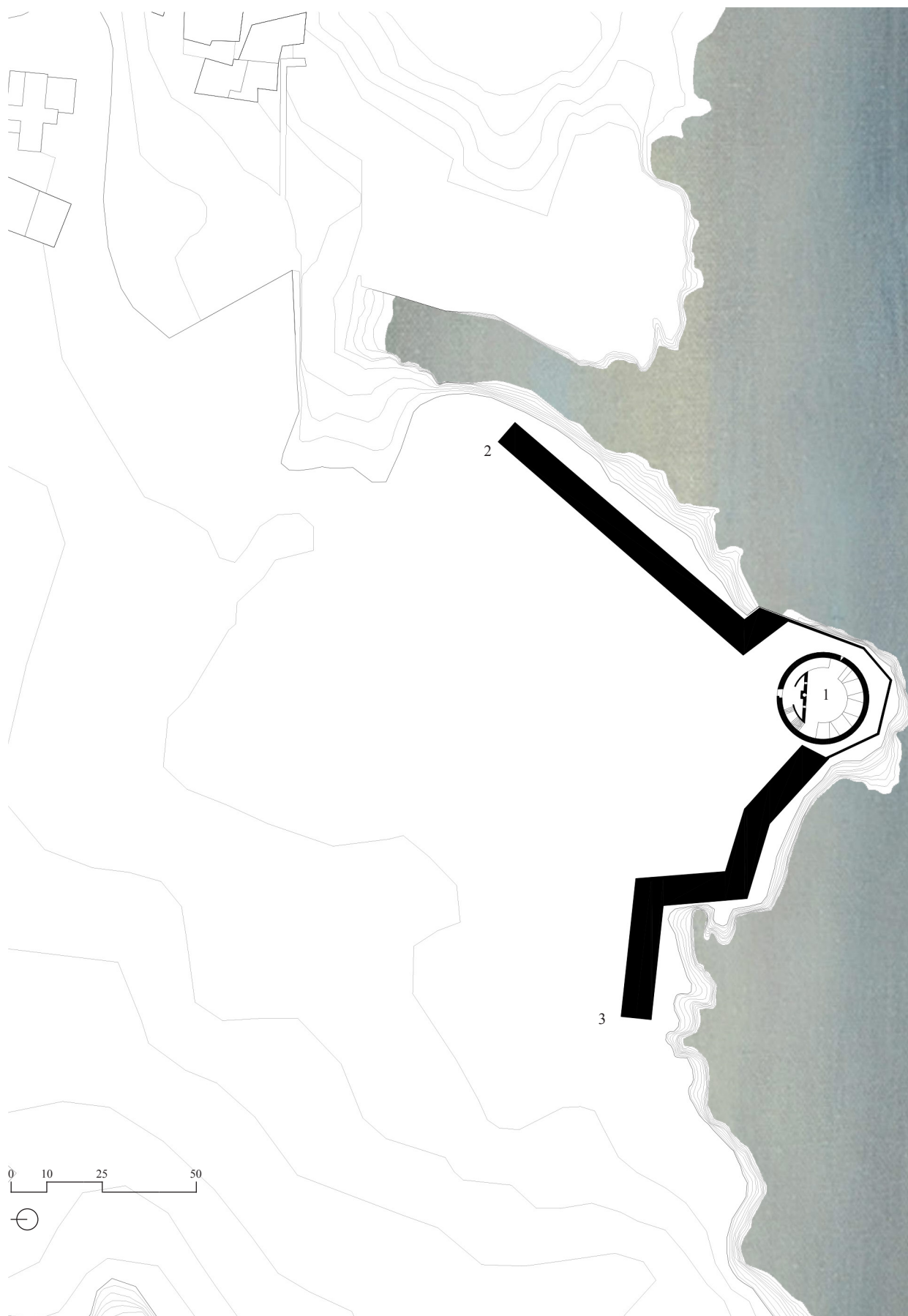
[35] Vista da praia do túnel de mar sobre a entrada da Fortaleza de Peniche.



[36] Fotografia aérea antes da adaptação a prisão do Estado Novo.

[37]

1. Torre do Redondo
2. Bateria de São Pedro
3. Bateria da Furna



[37] Piso 0 - Planta da Fortaleza de São Francisco, baseada na planta levantada por Maximiano Joze da Serra, em 1824.

[38]

1. Corpo de guarda
2. Espaços subterrâneos
3. Paiol
4. Cozinhas
5. Armazéns
6. Quartéis
7. Cisterna Pequena
8. Palácio do governador
9. Capela de Santa Bárbara



[38] Piso 0 - Planta da Fortaleza de São Francisco, baseada na planta levantada por Maximiano Joze da Serra, em 1824.

[39]

1. Meio Baluarte do Ilhéu
2. Meio Baluarte de Santo António (ou da Ribeira)
3. Meio Baluarte dos Cavaleiros
4. Meio Baluarte dos Moinhos
5. Baluarte Alto da vela
6. Respirador da gruta da Furna



[39] Piso 1 - Planta da Fortaleza de São Francisco, baseada na planta levantada por Maximiano Joze da Serra, em 1824.

[40]

1. Túnel de mar
2. Fosso militar aquático
3. Revelim
4. Cisterna grande (enterrada)



[40] Piso 2 - Planta da Fortaleza de São Francisco, baseada na planta levantada por Maximiano Joze da Serra, em 1824.



[41] Torre do redondo e Palácio do Governador visto do oceano.

FORTALEZA DE SÃO FRANCISCO

Caracterização dos espaços principais

Baluarte e Torre do Redondo

Devido à crescente necessidade de defender a população contra ataques inimigos esta é a primeira fortificação construída na região, a par da bateria da fuma a oeste e da bateria da praia de São Pedro a este.

É uma estrutura de planta circular com dois pisos e o acesso é feito pelo portão localizado a norte, que se encontra voltado para a praça de armas.

No primeiro piso encontram-se três salas, cuja função, durante o Estado Novo, seria o isolamento, estilo solitária, de reclusos que tivessem desrespeitado alguma regra imposta pela PIDE.

Acede-se às canhoelras do piso superior através de uma rampa a este, ou de umas escadas a oeste, onde se confirma a função inicial do edifício de posto de vigia e defesa do porto.

Durante o século XVII é acrescentado no piso superior uma torre sineira, com uma configuração contracurvada e decorada por volutas.

De notar que existem duas gravações feitas no fortim do redondo, uma por cima da porta da entrada, com o ano de 1783 epigrafado num frontão triangular, e outra junto à porta da entrada, estando embutida na parede.



[42] Torre do redondo em dia de tempestade.

Palácio do Governador

Esta seria a residência do governador de todo o sistema defensivo compreendido entre a Nazaré e Mafra, tendo sido construído ao mesmo tempo que os restantes edifícios, no período da restauração.

Era um edifício peculiar em todo o conjunto, pelo seu desenho apalaçado, continha um pórtico de dois pisos que se abria para um pátio central, inexistente nos dias de hoje. Dada a importância desta estrutura é instalada, numa das casamatas adjacentes ao palácio, uma pequena cisterna, conhecida por Cisterna do Governador.

No ano de 1837, este palácio fica praticamente todo destruído, devido a uma explosão num paiol, seguida de um grande incêndio, ficando apenas intacta a sua porta original. Esta porta mantém-se até aos dias de hoje e apresenta um arco de volta perfeito centrado por uma pedra de fecho, com colunas quadrangulares de capitel toscano. É enquadrada por duas pilastras, onde assenta um friso rusticado. Este pórtico é integralmente composto por um alinhamento rústico e reproduz uma proposta de Sebastiano Serlio, de 1537.



[43] Antigas casernas, Capela de Santa Bárbara e Palácio do Governador (1753).

Capela de Santa Bárbara

A capela de Santa Bárbara pertence ao conjunto de edifícios construídos durante o século XVII, fica atualmente entre o bloco B e C, estando adossada ao Palácio do Governador. Apresenta um planta retangular simples e pode ser acedida por escadaria dupla, voltada a este, tendo também acesso pelo pátio da cisterna grande, a oeste. A fachada principal, orientada a leste,

corresponde ao comprimento da nave e é constituída por uma porta principal de lintel reto, um nicho onde alberga o sino e duas janelas. No que diz respeito à sua composição interna, esta capela, é composta por nave única com capela-mor pouco profunda e púlpito setecentista. No seu topo nordeste, encontra-se o coro-alto que faria originalmente a comunicação com o palácio do governador.



[44] Altar da Capela de Santa Bárbara.

Cisterna Grande

O maior pátio que se encontra no conjunto fortificado da Fortaleza de São Francisco localiza-se entre o bloco B e C, este apresenta uma planta quadrangular simples onde se insere a grande cisterna da fortaleza.

Apesar de atualmente não se encontrar cheia de água, para permitir o acesso à mesma através de uma escadaria no próprio pátio, foi durante muitos anos o principal posto abastecedor de água, tanto da guarnição

militar presente no edifício, como da população da vila quando tinham dificuldades de acesso à água.

Esta cisterna apresenta uma planta simples quadrangular, com uma cobertura abobadada suportada por nove colunas. Destaca-se não só pelas qualidades acústicas como também pelo facto da água acumulada ser completamente cristalina.



[45] Interior da cisterna grande



A CADEIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA POR:

FRANCISCO FARIA HENRIQUES RODRIGUES NICOLAU

ORIENTADA POR:

PROF. DOUTOR LUÍS SOARES CARNEIRO

*“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”* ⁰²⁷

027. ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *O nome das coisas*. Assírio & Alvim, 2015.



[46] Propaganda na publicação Portugal 1934.

AS CADEIAS DO ESTADO NOVO

Arquitetura do Estado Novo

A arte relaciona-se com a vanguarda, com a modernidade, bem como com o avanço das sociedades mediante a constante partilha de novas ideias. No que diz respeito à arquitetura, o seu impacto na sociedade é maior, na medida que interfere diretamente no quotidiano da população, transmitindo essas mesmas ideias de forma altamente abrangente. O arquiteto quando desenha um edifício tenciona transmitir um conjunto de sensações e experiências que se envolvem com a vivência da população, entrando num diálogo constante com o cidadão.

A arquitetura tem em si a capacidade de contribuir para a construção de cidades melhores, que reflitam uma sociedade consciente das suas responsabilidades, bem como as suas liberdades individuais. Consegue, também, ao mesmo tempo transmitir os princípios opostos. É então na arquitetura que residem os valores da sua época, conseguindo por consequente transmitir o contexto em que é realizada, resultando num documento histórico que pode ser usado para caracterizar e analisar determinado momento da história, neste caso o regime político do Estado Novo.

Durante o século XX, os regimes políticos totalitários começam a perceber a importância que a utilização de propaganda, neste caso da arquitetura, tem como meio de comunicação da imagem e valores do regime,⁰²⁸

numa tentativa de moldar a sociedade que governam.

“Foi com os regimes ditatoriais surgidos nos anos vinte e trinta que a propaganda se converteu numa poderosa e permanente máquina de endoutrinamento, abrangendo a imprensa, a música, a arquitetura, as artes plásticas, o cinema e a rádio. A função ideológica e propagandística não constitui um aspecto secundário da arte totalitária, mas o seu verdadeiro nó górdio.”⁰²⁹

Durante os regimes políticos totalitários, a arquitetura pretende controlar as construções de monumentos nacionais, como também os edifícios governamentais e de habitação. Este controlo é estudado e aplicado de maneira a criar uma memória coletiva, de forma a cumprir os objetivos nacionalistas do regime vigente.

No caso do regime político do Estado Novo existe a tentativa de criar um “Homem-novo”, Salazar pretendia que Portugal se tornasse o oposto da decadência moral presente nas sociedades europeias, altamente ligadas à indústria, e procura estabelecer uma imagem do carácter nacional associada a uma sociedade reconhecidamente agrícola. A arquitetura doméstica tinha a função de formar as consciências das pessoas e era usada como ferramenta pedagógica, Salazar reconhecia a necessidade de criar uma arquitetura que significasse o estado não enquanto elemento burocrático, mas enquanto nação como expressão do seu poder.

028. ALMEIDA, Pedro Vieira, *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de sagres*. 2002, p.76.

029. ROSMANINHO, Nuno, *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária*. 2006, p.16.



[47] Ministro da justiça Manuel Rodrigues Júnior, Engenheiro Duarte Pacheco e António Ferro, dirigente do SPN.

A visão tradicional e ruralista acaba por ter um impacto direto na arquitetura do Estado Novo, no entanto o regime reconhece a necessidade de, nos edifícios governamentais e administrativos, criar uma imagem monumental, marcante.

Para António Ferro, dirigente do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) é mais importante a criação de uma arquitetura característica do regime do que para Salazar, que mostra apenas o desejo das obras serem realmente portuguesas. Contudo o chefe de estado demonstra estar ciente da importância de que os edifícios ligados ao poder têm de se tornar uma espécie de ícones sociais, com a capacidade de transmitir os princípios, ideologias e poder do regime.

A ligação do engenheiro Duarte Pacheco a Salazar, estabelecida desde 1928, veio dinamizar o Ministério das Obras Públicas e Comunicações (MOPC) que acabou por levar uma variedade de redes de equipamento para todo o território nacional. A nova sociedade de que o Estado Novo está a fazer propaganda assenta sobre o princípio da ordem e, para tal acontecer, é necessário conseguir ter o controlo total de todas as áreas do país.⁰³⁰

O Ministério das Obras Públicas e Comunicações veio centralizar a gestão das obras públicas, acabando por construir não só as infraestruturas como os

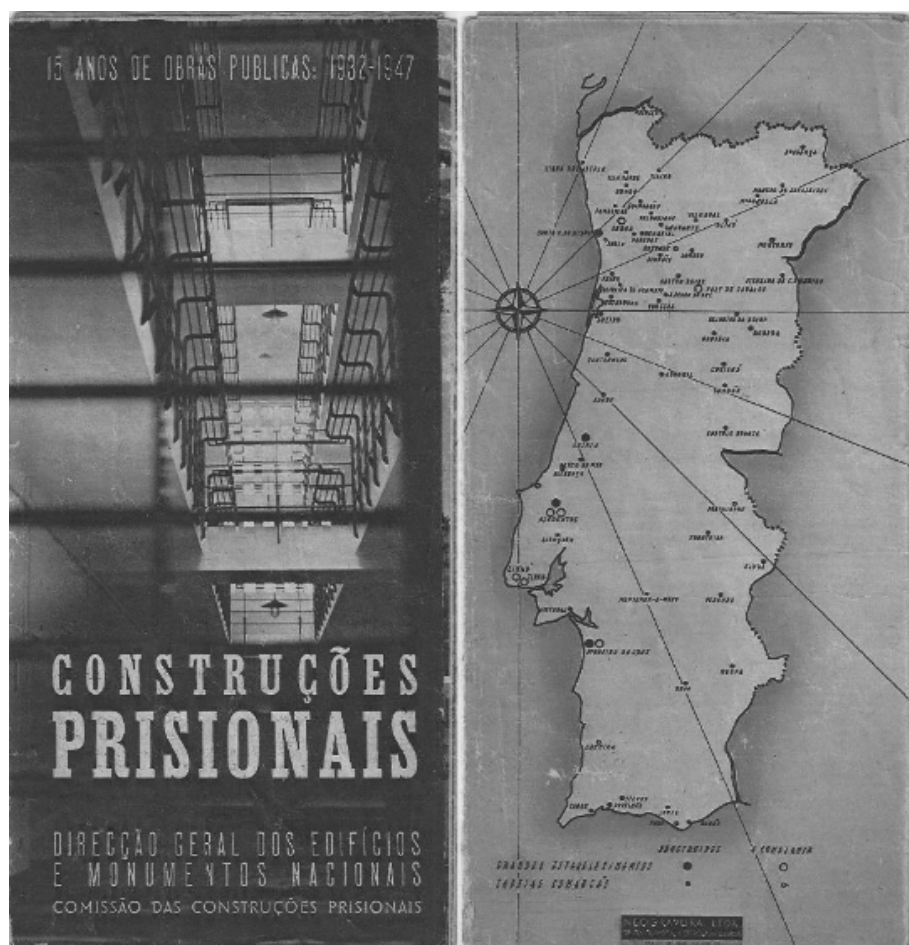
equipamentos necessários para cada zona. Estas construções eram encomendadas pelos ministros que estavam à frente dos ministérios, acabando por formar uma rede de equipamentos públicos sustentados por uma rede de comunicações, que englobava estradas, transportes marítimos e telefones.

A encomenda ao MOPC da construção de uma rede de equipamentos de justiça, por todo o país, estava a cargo do ministro da justiça, Manuel Rodrigues Júnior, que declara como extremamente necessária a construção destes edifícios, englobando não só os tribunais, como também as prisões e internatos de menores.

Procede-se à criação de um programa articulado entre o ministro da justiça, que apresenta a necessidade de edificar equipamentos de justiça, o ministro das obras públicas e comunicação, que é responsável pela construção destes edifícios de justiça pública e o dirigente do secretariado de propaganda nacional, que faz a publicação das imagens destas obras nos diversos meios de comunicação.

É então estabelecido um compromisso entre a política, a justiça e a arquitetura necessários para a construção dos vários equipamentos judiciais da rede de controlo, distribuídas por todas as áreas do território nacional.

030. MONIZ, Gonçalo Canto; Bandeirinha, José António, *A construção dos espaços de justiça: monumentalidade e urbanismo*, in Patrícia Branco (org.), *Sociologia do(s) Espaço(s) da justiça: diálogos interdisciplinares*. 2005, Coimbra: Almedina, p.70.



[48] Construções Prisionais, capa e contracapa, DGEMN - Comissão das Construções Prisionais, 1948.

AS CADEIAS DO ESTADO NOVO

Criação da Comissão das Construções Prisionais

Os projetos dos equipamentos judiciais do país seguem uma metodologia criada pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) igual para todas as construções dos diferentes ministérios.

Esta metodologia assenta em três momentos diferentes, um primeiro onde se realiza um levantamento da situação existente e quais as necessidades a ultrapassar com a construção, restauro ou ampliação. Numa segunda fase é feita uma análise de projetos com usos semelhantes, por norma no estrangeiro e para tal são realizadas visitas de estudo. Por fim, procede-se à definição do programa arquitetónico de um projeto tipo para ser aplicado em vários pontos do país, bem como os critérios a seguir nos projetos de exceção.

A todas as construções levadas a cabo pelo MOPC, tanto a nível de equipamentos bancários, saúde, escolares e comunicações, é aplicada a metodologia da DGEMN.

No que diz respeito aos equipamentos judiciais é criada a Comissão das Construções Prisionais que tem a responsabilidade de conceber uma estrutura hierarquizada de edifícios prisionais, assim como a aprovação da construção de vários tribunais pelo país e o desenvolvimento de um programa experimental através da construção de internatos para menores delinquentes.⁰³¹

O ministro da justiça Manuel Rodrigues Junior dá início a uma reforma prisional e de serviços jurídicos,

que tinha como objetivo principal a moralização do sistema judiciário. Para tal, foram criadas as condições para haver uma renovação dos espaços de justiça através do programa arquitetónico e de um novo programa judicial.

Dessa reforma resulta a hierarquização de edifícios prisionais, passando a existir cadeias comarcas, distribuídas pelas comarcas do país, cadeias centrais, cadeias penitenciárias e cadeias especiais.

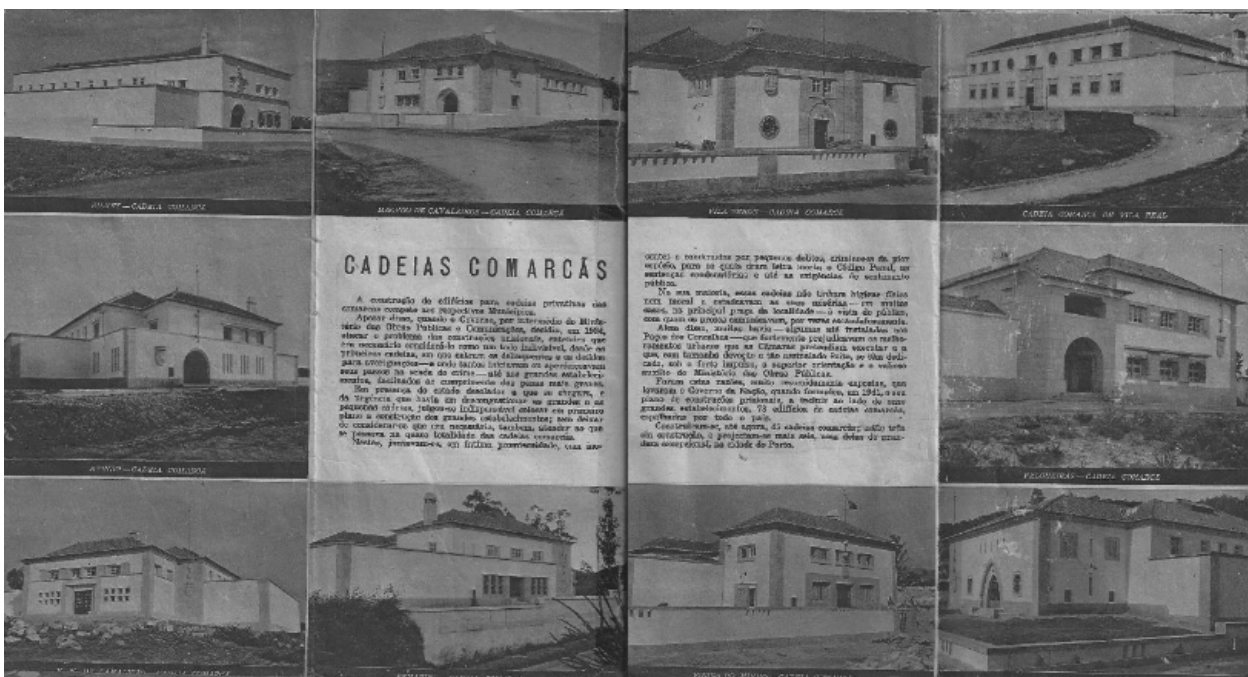
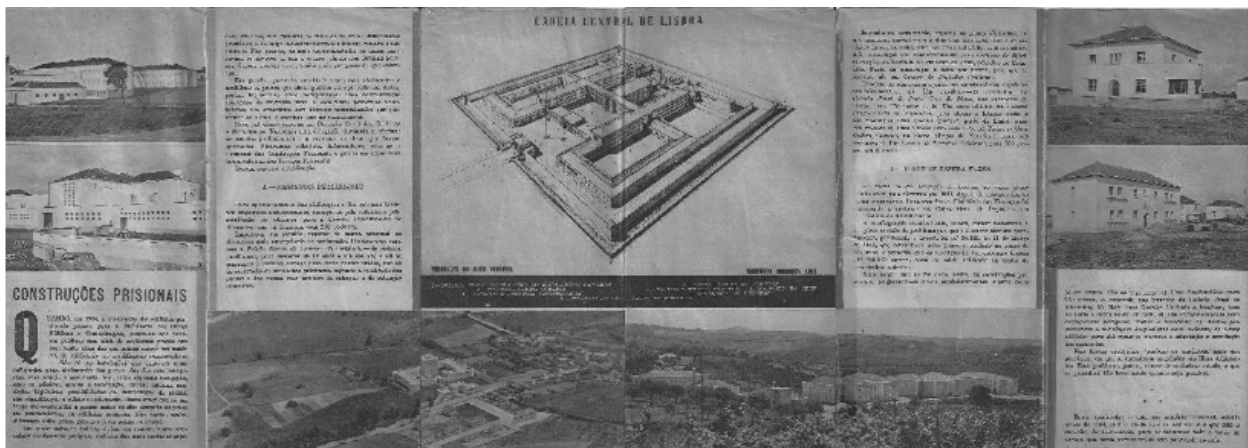
A renovação destes espaços de justiça segue a metodologia mencionada atrás, é feito um levantamento da situação atual, uma análise de projetos similares e a definição de projetos tipo a aplicar por todo o país.

O arquiteto Conttinelli Telmo, membro da Comissão das Construções Prisionais, fica responsável pelo relatório sobre as questões arquitetónicas e projetos tipo a serem construídos, mais tarde publicado na Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitetos.

Para a elaboração deste relatório o arquiteto realiza uma visita pela Europa e América, em 1935, onde estuda diversos métodos de organização dos espaços prisionais.

No relatório publicado reconhece-se a necessidade de construir novos abrigos prisionais pois os que existiam, salvo algumas exceções, não reuniam as devidas condições, no que diz respeito à localização, organização interna, condições higiénicas, possibilidade de distribuir

031. MONIZ, Gonçalo Canto; Bandeirinha, José António, *A construção dos espaços de justiça: monumentalidade e urbanismo*, in Patrícia Branco (org.), *Sociologia do(s) Espaço(s) da justiça: diálogos interdisciplinares*. 2005, Coimbra: Almedina, p.105.



[49] Construções Prisionais, interior do folheto, DGEMN - Comissão das Construções Prisionais, 1948.

os presos por diferentes categorias e isolamento com o exterior.

Segundo o relatório, apenas um terço dos condenados a prisão maior cumpria as penas em penitenciárias ou edifícios próprios para esse fim, não havendo distinção entre penas graves e leves.⁰³²

São definidos com rigor todos os aspectos e pormenores ligados a estes novos espaços de punição, algo que está presente nas construções prisionais levadas a cabo por Raul Rodrigues Lima, a partir de 1939, quando substitui Continelli.

O relatório enumerava um conjunto de diretrizes, tanto ao nível do desenho como de preocupações a ter em conta, que as cadeias das várias comarcas do país deviam seguir, chegando a estabelecer o tipo de desenho para as janelas, portas, canalizações, dimensões das celas, muros e distanciamento dos mesmo com a envolvente. Esta uniformização nas construções prisionais por todo o país acabaram por transmitir a mesma imagem de justiça do regime através da coerência dos edifícios

representativos de poder.

Numa altura em que começa a haver uma intensificação da contestação política por parte das organizações de resistência, o Estado Novo vê-se obrigado, para além da construção das cadeias comarcãs, a aproveitar antigas fortalezas militares para cadeias de maior capacidade, capazes de cumprir não só a justiça criminal como a justiça política.

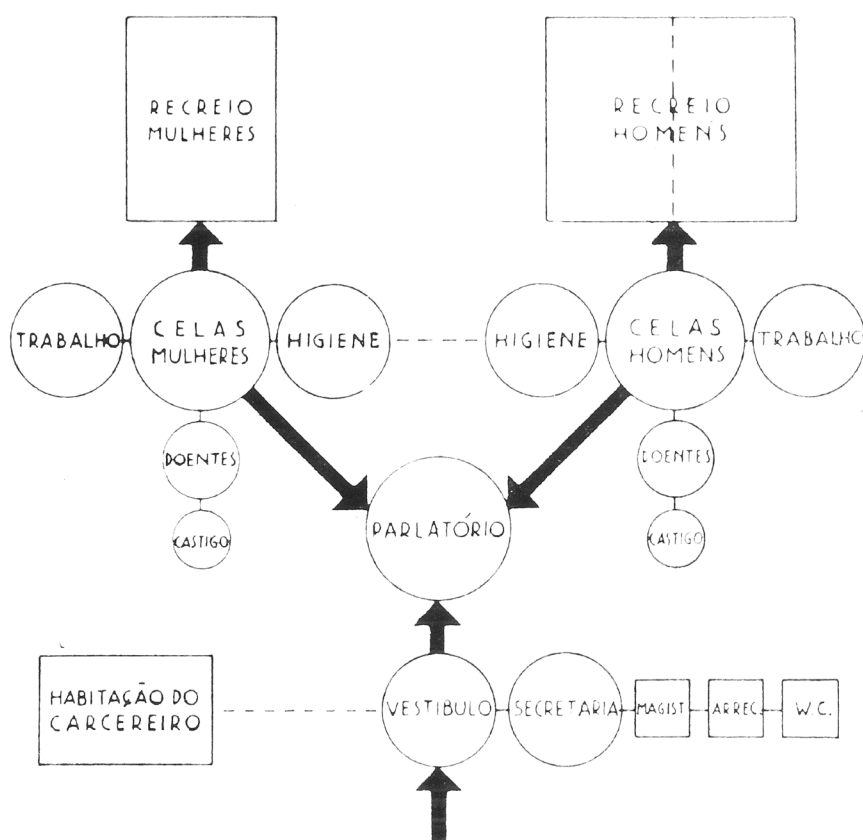
A necessidade de controlar os movimentos contestatários do regime, como o Movimento da Unidade Democrática ou o Partido Comunista Português, através da PIDE, inicialmente PVDE, levou à construção de prisões políticas, como Aljube, Caxias, campo de concentração do Tarrafal em Cabo Verde, PIDE do Porto e Peniche.⁰³³

Para além dos dispositivos de punição e vigilância, estes edifícios prisionais destacavam-se dos restantes pela utilização de dispositivos arquitetónicos de tortura que atuavam diretamente na consciência política e social do prisioneiro.

032. DGEMN - *Comissão das Construções Prisionais*, 1948, p.1.

033. MONIZ, Gonçalo Canto; Bandeirinha, José António, *A construção dos espaços de justiça: monumentalidade e urbanismo*, in Patrícia Branco (org.), *Sociologia do(s) Espaço(s) da justiça: diálogos interdisciplinares*. 2005, Coimbra: Almedina, p.183.

Perspectiva aérea da Cadeia Comarcã tipo A



Programa gráfico

Cadeias Comarcãs

[50] Programa gráfico das cadeias comarcãs. Comissão das Construções Prisionais sobre cadeias comarcãs, 1938.

AS CADEIAS DO ESTADO NOVO

O relatório da Comissão das Construções Prisionais

O relatório elaborado pelo arquiteto Conttinelli Telmo faz uma análise detalhada de como os vários elementos arquitetónicos dos edifícios prisionais deveriam interferir no quotidiano dos detidos, fazendo com que estes se tornassem numa referência de como construir os futuros espaços de controlo, punição e vigilância do Regime.

Numa fase inicial, o arquiteto Conttinelli define, no relatório da Comissão das Construções Prisionais, o que deveriam ser as cadeias comarcãs para o Estado Novo e, para tal, procede à elaboração de um detalhado programa gráfico para as mesmas. Estas prisões deveriam seguir um tipo de desenho específico, não só no que diz respeito à sua distribuição programática em planta, como também aos alçados e pormenores de elementos arquitetónicos a utilizar na sua construção, tais como janelas, portas, muros, iluminação, entre outros.

Um dos primeiros pontos a ser abordado pelo arquiteto Conttinelli é a distribuição do programa das cadeias comarcãs, para tal foi elaborado um esquema gráfico, que refletia as principais preocupações destas construções para o regime, mais concretamente a separação e distinção clara entre homens e mulheres, tanto no que diz respeito às celas, como aos espaços de recreio e trabalho.^[50]

Neste esquema, o parlatório ocupa um lugar central,

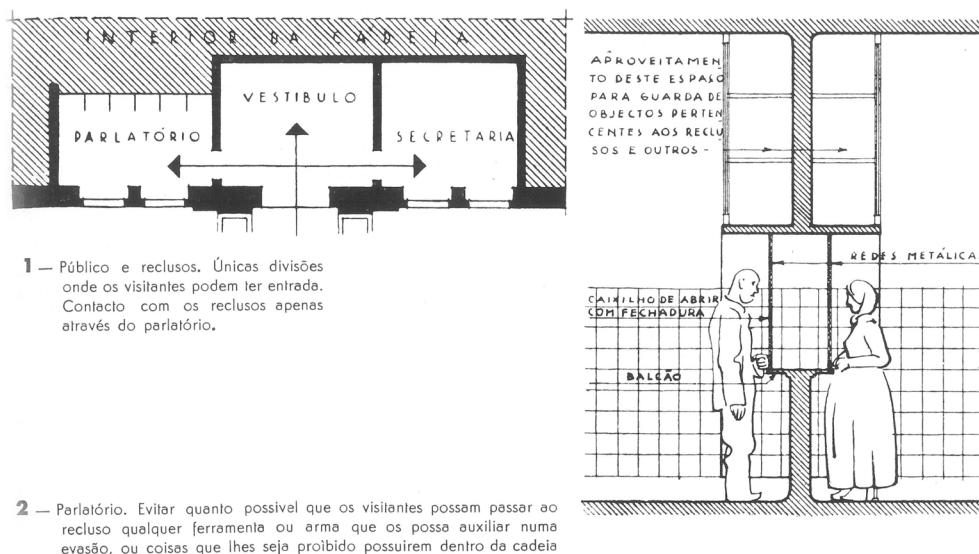
pois era o único espaço onde os presos teriam contacto com o exterior, através das visitas de familiares. Por ser um espaço que estabelece o contacto entre interior e exterior, entre espaço controlado e de liberdade, foi alvo de um pensamento mais aprofundado no que diz respeito ao seu desenho.⁰³⁵ O parlatório, apesar de se encontrar numa posição central, no esquema referente à distribuição programática, acaba por ser implantado próximo da entrada da Fortaleza de Peniche, num edifício autónomo, associado à casa do guarda.

O desenho interno deste espaço, em Peniche, segue as normas apresentadas pela Comissão das Construções Prisionais, mas dado ser a adaptação de um espaço antigo, com um uso diferente, foi necessário haver uma adaptação de algumas das diretrizes apresentadas pela comissão.

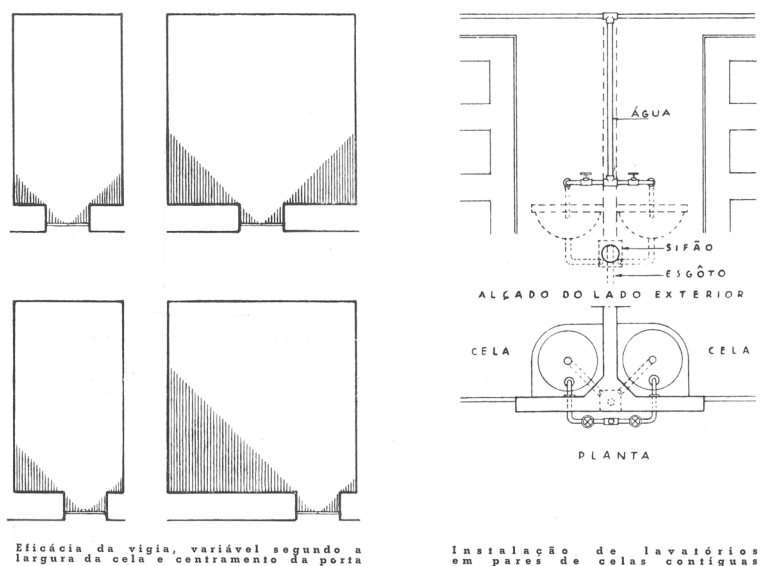
Em relação ao desenho do parlatório, Conttinelli demonstra as suas preocupações em relação ao bem-estar de todos os envolvidos. Tanto o recluso como o visitante deveriam ver e ouvir-se mutuamente com relativa facilidade, tal como o guarda encarregue de vigiar a conversa. Um dos aspectos mais importantes na construção destes espaços prende-se com a impossibilidade do visitante passar qualquer tipo de objecto que pudesse ser utilizado como arma ou auxiliar de fuga.⁰³⁴

034. Conttinelli Telmo em *Comissão das Construções Prisionais*, 1938, p.47.

035. MONIZ, Gonçalo Canto; Bandeirinha, José António, *A construção dos espaços de justiça: monumentalidade e urbanismo*, in Patrícia Branco (org.), *Sociologia do(s) Espaço(s) da justiça: diálogos interdisciplinares*. 2005, Coimbra: Almedina, p.197.



[51] Planta com as únicas divisões com acesso ao público e desenho em corte do parlatório. Comissão das Construções Prisionais, 1938.



[52] Estudo do ângulo morto de acordo com as dimensões das celas e esquema para a canalização das celas. Comissão das Construções Prisionais, 1938.

A solução encontrada para fazer a separação entre o recluso e o visitante é apresentada através de um desenho técnico em corte, onde é possível ver duas camadas de rede metálica espaçadas entre si.^[51]

Este simples elemento metálico é descrito pelos prisioneiros, que ainda se encontram vivos, como um dos maiores dispositivos de isolamento do Regime, servindo como método de tortura, devido ao facto dos prisioneiros se encontrarem tão perto das suas famílias mas ao mesmo tempo tão longe pela impossibilidade de haver contacto físico.

Um dos elementos igualmente estudados por Continelli na sua viagem pela Europa e América foi o correto dimensionamento das celas. No relatório, o arquiteto apresenta o desenho, em plantas, de vários exemplos de celas de edifícios prisionais com o objectivo de perceber qual a melhor proporção em termos de largura e comprimento. As celas a construir pelo regime não deveriam ser demasiado profundas, nem demasiado curtas, para que o guarda prisional mantivesse a visibilidade de toda a cela a partir do óculo da porta.

No entanto estas dimensões não poderiam ser demasiado pequenas, pois era também do interesse do regime manter a humanidade para com os reclusos. É possível observar no relatório os esquemas elaborados

para perceber o ângulo morto de visão dos guardas através dos óculos para os diferentes dimensionamentos das celas.

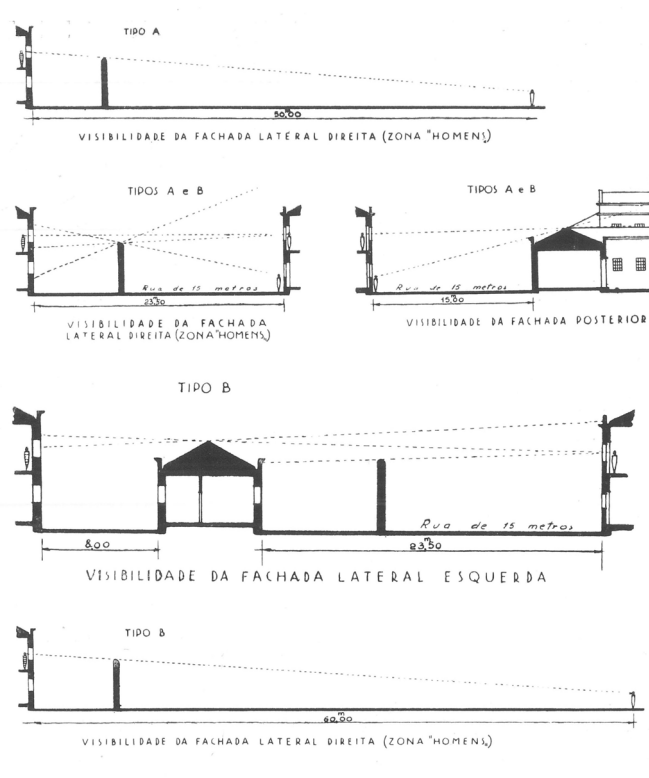
O desenho dos vários elementos que formam as celas são também estudados pela Comissão, nomeadamente a mobília a utilizar, o sistema de chamamento do carcereiro e as canalizações internas de cada divisão. As diretrizes correspondentes ao mobiliário apontam para que este tenha de ser fixo, com o objetivo de manter a cela sempre arrumada, como também para que não fosse utilizada como arma, ferramenta auxiliar de fuga ou instrumento suicida. Teria também de apresentar uma construção resistente e sólida para conseguir durar o máximo de tempo possível.

Um dos fatores a ter em conta pelo arquiteto quando define o desenho dos vários mecanismos a integrar nas construções é a economia dos mesmos, exemplo disso é o sistema utilizado para chamar o carcereiro da cadeia.

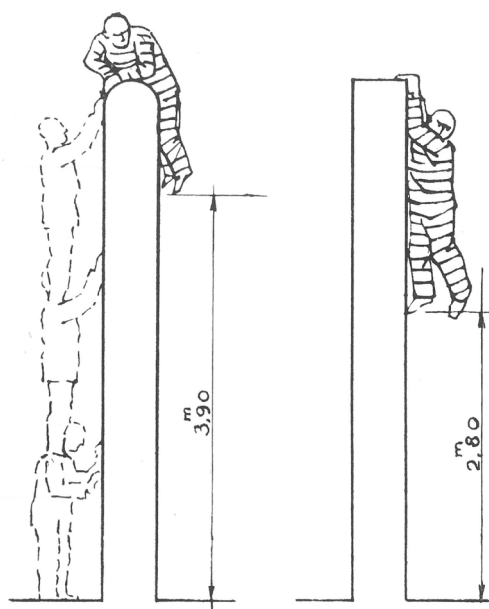
Este mecanismo teria sido utilizado em Portugal pela primeira vez na penitenciária de Coimbra consistindo num botão presente no interior de cada cela, que ao ser pressionado fazia cair uma bandeirola de ferro num suporte, acabando por produzir um ruído suficientemente alto para o guarda ouvir e perceber a que divisão corresponderia.⁰³⁶

As questões ligadas à higiene e salubridade dos

036. Continelli Telmo em *Comissão das Construções Prisionais*, 1938, p.81.



[53] Esquema de visibilidade entre edifícios. Comissão das Construções Prisionais, 1938.



[54] Altura e forma dos muros. Comissão das Construções Prisionais, 1938.

reclusos também é tida em conta no estudo dos elementos de canalização elaborados para as novas construções. A possibilidade de se utilizar uma retrete canalizada por cela mostra-se pouco viável devido ao facto do recluso a poder partir ou entupir e, por essa mesma razão, optou-se pela utilização de vasilhas metálicas portáteis. Para o desenho do lavatório são tidas as mesmas preocupações, pela possibilidade de os reclusos usarem o sistema de canalização para comunicar com as celas adjacentes. O controlo do abastecimento da água deveria estar garantido pelo exterior, neste caso para o carcereiro ter a possibilidade de cortar o abastecimento da mesma.⁰³⁷

Tanto os alçados como os cortes dos novos edifícios prisionais são pensados com o intuito de reforçar a clausura do recluso. A visibilidade, neste caso a falta dela a partir das janelas, era controlada pela altura do peitoril das mesmas, que se situava mais alto que o normal. Outra das considerações tidas em conta relativamente aos vãos das cadeias comarcãs tinha que ver com o tipo de caixilharia a utilizar, neste caso de ferro, fixa e com vidros de pequenas dimensões, para prevenir a fuga dos

reclusos, bem como grades de ferro pintadas de branco colocadas não por fora do caixilho mas por dentro.⁰³⁸

O facto de serem utilizados gradeamentos pintados de branco pela parte interior do vão torna os edifícios de uso prisional mais aprazíveis para quem os vê do exterior.

A altura e dimensão das janelas em conjugação com a altura dos muros e o seu distanciamento dos edifícios em questão tornam a comunicação entre o interior e o exterior da cadeia praticamente impossíveis. O objetivo de impor a clausura aos utilizadores é comprovado pelas imagens presentes no relatório que mostram que a visibilidade mínima entre um recluso e o exterior é de 60 metros em linha reta, medida que impossibilita comunicação clara entre eles. No que diz respeito ao desenho e dimensionamento dos muros é também estudada a melhor forma de estes serem construídos, neste caso o arquiteto define que a melhor maneira seria com o topo arredondado, pois tornava mais difícil o ato da fuga do prisioneiro e dos seus colaboradores, devido ao facto de este não conseguir agarrar os seus limites.

037. Conttinelli Telmo em *Comissão das Construções Prisionais*, 1938, p.81.

038. Conttinelli Telmo em *Comissão das Construções Prisionais*, 1938, p.79.



[55] Ameia da muralha da fortaleza voltada para o porto de pesca.

AS CADEIAS DO ESTADO NOVO

Dispositivos de controlo, poder e punição

Todas as soluções apresentadas pela Comissão das Construções Prisionais, desde a distribuição programática dos edifícios prisionais até ao desenho dos detalhes que faziam o controlo do abastecimento da água em cada cela, são baseados no princípio claro do regime - controlo, separação e clausura

O Estado, como identidade, assume a sua supremacia como todo-poderoso em relação ao preso, pessoa individual, através de um relatório exaustivo sobre como deveriam ser desenhadas e projetadas as futuras cadeias. Estas tinham como objetivo servir como dispositivos arquitetónicos de controlo poder e punição.

Ao longo deste documento são apresentadas algumas preocupações éticas e humanistas, criando assim uma dicotomia entre controlo e humanidade, o que torna as cadeias do Estado Novo num elemento de estudo bastante interessante.

A constante contradição que existe, na grande maioria dos regimes ditatoriais, em que o estado social entra em conflito direto com a ordem do estado,⁰³⁹ torna-se mais clara quando se analisa as construções judiciais, nomeadamente os espaços prisionais que são construídos.

No caso da ditadura em Portugal, as prisões construídas são exemplos perfeitos disso mesmo, por

um lado tem-se em consideração as questões humanistas ligadas à clausura de um ser humano num espaço, por outro as preocupações com o total controlo do detido. Os dispositivos arquitetónicos acabavam por definir a fronteira entre o exercício de punição implacável e a ambição regeneradora que o regime tenta implementar com as políticas sociais do “Homem novo”.⁰⁴⁰

O relatório publicado na Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitetos, em 1938, acaba por estabelecer de forma detalhada a relação contínua entre os edifícios a construir e o tipo de justiça que o Estado Novo pretendia implementar.

Todas as pessoas que se insurgiam contra as políticas do regime estavam sujeitas a esta justiça, através da clausura nas cadeias construídas de raiz ou reaproveitadas, segundo as diretrizes apresentadas no relatório elaborado pelo arquiteto Conttinelli Telmo, o desenho técnico apresentado nesse documento assume o papel principal no processo de mostrar e explicar de que forma as decisões projetuais foram tomadas.

Estas decisões são tomadas com plena consciência das questões de controlo e punição, como também as questões éticas e humanistas que o Estado Novo, apesar de tudo, nunca deixa de lado.

039. Cristina Marinho, Nuno Pinto Ribeiro e Tiago Daniel Lamolinairie de Campos Cruz (2014). *Direito e Representação* | *Law and Performance*, Porto, p.189.

040. ROSAS, Fernando (2001). *O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*, p1031.

DE CIDADELA A PRESÍDIO

Estado Novo

No início do século XIX, teve início o processo que culminou com a adaptação da primitiva estrutura militar da fortaleza em estabelecimento prisional. A destruição accidental do Palácio do Governador, em 1837, antecede o fim da vocação militar da Fortaleza de Peniche nos finais desse século. Os avanços da tecnologia bélica tornaram obsoleta esta estrutura defensiva.

No primeiro quartel do século XX, antes da instalação da prisão política, neste espaço, durante a ditadura do Estado Novo, são de destacar alguns momentos importantes. O internamento de refugiados Boers, o uso dos edifícios com a finalidade de sanatório para tuberculosos e o cárcere de prisioneiros de nacionalidade alemã e austro-húngara durante a 1ª Guerra Mundial.

Após o golpe militar de 28 de maio de 1926 foi implantado, em Portugal, um regime ditatorial, de tipo fascista.

Com a aprovação da Constituição de 1933, documento que legitima o regime político do Estado Novo, a liberdade de expressão e os direitos de reunião e de associação passam a ser regulamentados por diplomas legislativos próprios, fortemente restritivos das liberdades individuais.

Este regime totalitário foi liderado por António de Oliveira Salazar, entre 1932 e 1968, altura em que lhe sucede Marcelo Caetano. Este estadista iniciou funções

como Ministro das Finanças após o golpe militar. Foi Presidente do Ministério, assumindo, após a aprovação da Constituição de 1933, o cargo de Presidente do Conselho de Ministros.

Forte de Peniche foi a designação dada à antiga fortaleza militar, quando esta passou a ser cadeia para presos políticos ao serviço do Estado Novo.⁰⁴¹

Foram várias as razões que levaram o regime fascista, em 1934, a transformar a antiga Fortaleza de Peniche em prisão política: a sua localização distante dos grandes centros; a sua elevada segurança, devido à sua extensa muralha que a isolava da vila de Peniche; o clima agreste que se fazia sentir no local, devido aos ventos fortes, e a localização rodeada de mar numa extremidade da península.

O regime fascista estava instituído em Portugal, com ele surgiu a criação de instrumentos que foram pilares da sua política desde a opressão, exploração, repressão, partido único, polícia política, ausência de liberdades fundamentais de expressão, de reunião, de associação, de manifestação - Censura. Desde o golpe militar de 28 de maio de 1926, a resistência antifascista começa a desenvolver-se cada vez mais, lutando contra os instrumentos usados pelas políticas do regime, o que levou à prisão e deportação de centenas de democratas e patriotas de origens sociais e referências

041. URAP, *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017. p.73.

ideológicas diversas. Surge, assim, a necessidade, por parte do regime fascista, de um espaço amplo, com uma localização remota que dificultasse o contacto dos presos com o exterior.

Para responder a essa necessidade nasce na Fortaleza de Peniche, uma das prisões políticas destinada à reclusão de presos em cumprimento de pena, desde 1934

até à revolução de abril de 1974.

Durante cerca de quatro décadas, de 1934 a 1974, a Fortaleza de Peniche foi utilizada como prisão política pelo regime do Estado Novo, por ali passaram cerca de 2500 portugueses cujo único crime foi o de lutarem pela liberdade.



[56] Vista sobre o baluarte do Alto da vela.

DEPÓSITO DE PRESOS DE PENICHE

1934 a meados dos anos 50

Em 1934 foi instalado oficialmente, na Fortaleza de Peniche, o Depósito de Presos de Peniche. No entanto, logo após o golpe militar de 1926, terão sido detidos na Fortaleza vários resistentes.

Este estabelecimento prisional recebeu, nas décadas seguintes, centenas de opositores ao regime de Oliveira Salazar, de diversos estratos socioprofissionais e orientações políticas. Tratava-se de pessoas acusadas pelo aparelho ditatorial de serem responsáveis por atos contra o Estado, de estarem associadas a movimentos políticos de carácter ilegal, como o Partido Comunista Português ou o movimento anarcossindicalista, ou de terem, simplesmente, proferido afirmações contra o regime.

O Depósito de Presos de Peniche adaptou, de forma sumária, para alojamento e isolamento de presos, as construções dos séculos XVII e XVIII, tais como os antigos aquartelamentos de soldados e oficiais, as cavalariças, as latrinas e as cozinhas da fortificação. Sendo precárias, estas estruturas não reuniam as elementares condições de conforto, higiene e segurança.

No início, este estabelecimento teria a designação, por parte da ditadura fascista, de Depósito de Presos de Peniche, passando mais tarde, em meados da década de cinquenta, a designar-se Cadeia do Forte de Peniche.

Esta mudança na designação dada ao conjunto de

edifícios com o mesmo fim, correspondia à mudança do regime prisional que ocorreu, como também à alteração das condições das instalações.

A vida prisional passou por diversas fases, tendo sido altamente influenciada, não só pela situação do país, mais concretamente a luta antifascista, como também pela evolução que ia ocorrendo a nível mundial, com o desenvolvimento da solidariedade e da luta pela Amnistia para os presos políticos no estrangeiro e em Portugal.

Quando o regime nazi-fascista é derrotado, na 2ª Guerra Mundial, António de Oliveira Salazar, apesar de ter decretado luto nacional pela morte de Hitler, aproxima-se da França e Grã-Bretanha acabando por ser confrontado com as exigências de eleições livres.

A ampla unidade antifascista que a situação do pós-guerra possibilitou começa a ganhar expressão e a manifestar-se no Movimento de Unidade Democrática, que lutava pelas diversas liberdades e colocava urgência na libertação dos presos políticos. Apesar das pressões exercidas, não existiram eleições livres, nem se procedeu à libertação dos presos políticos.⁰⁴²

Durante esta época, os presos viviam amontoados nas casernas, algumas delas tinham servido de cavalariças no passado. Não havia condições de higiene, a alimentação era péssima e a assistência médica inexistente, no entanto

042. URAP, *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017. p.74.

os presos tinham a possibilidade de se movimentar à vontade dentro da fortaleza, o que permitia não só o convívio entre eles como a possibilidade de ensinarem diversas matérias, tais como matemática, história ou línguas uns aos outros.

As visitas de familiares e amigos eram comuns, estes podiam estar lado a lado com os presos, estas visitas eram

limitadas apenas caso existisse desordem que resultava em castigo. Estes seriam cumpridos tanto no “segredo”, localizado no baluarte redondo, ou nas casamatas, onde existiam pequenas celas, baixas, húmidas e lamacentas, localizadas por baixo do local onde os elementos da Guarda Nacional Republicana vigiavam a fortaleza.



[57] Configuração antiga dos edifícios da Fortaleza de Peniche.



[58] Janela do Bloco B, intervenção artística de Xico Nico.

CADEIA DO FORTE DE PENICHE

1956 a 1974

As mais de vinte fugas levadas a cabo a partir do interior das cadeias fascistas, abrangendo algumas dezenas de presos, exigiram imaginação, planeamento, organização e coragem.

Do conjunto de mais de uma dezena de fugas ou tentativas de fuga registadas da prisão política de Peniche, destacam-se pela sua espetacularidade, duas evasões, a de António Dias Lourenço, a 17 de dezembro de 1954, a partir do Baluarte Redondo, e a fuga coletiva de dirigentes e militantes do partido comunista, incluindo Álvaro Cunhal, a 3 de janeiro de 1960, da ala de alta segurança do Bloco C.

A luta persistente dos presos políticos por melhores condições, bem como as constantes fugas do forte de Peniche, fez com que as antigas casernas, instalações degradantes dos anos trinta, quarenta, e de metade dos anos cinquenta, fossem substituídas pelos edifícios que ainda hoje existem, referidos como pavilhões.

Para as chefias do regime fascista, este melhoramento no estabelecimento prisional, teria apenas a intenção de construir uma prisão de alta segurança, segundo o modelo americano, com o objetivo de aumentar a vigilância sobre os presos, tal como o endurecimento de todo o regime prisional a que estavam sujeitos.

Em 1953, segundo o projeto do arquiteto Rodrigues Lima, iniciaram-se obras de arranjo e adaptação da

fortaleza a estabelecimento prisional. Foi demolida uma parte significativa dos antigos edifícios da fortificação e construído, sucessivamente, até 1961, um conjunto de blocos prisionais, segundo o modelo americano das prisões de alta segurança.

É criada a Cadeia do Forte de Peniche, pautada pelo reforço do aparelho repressivo prisional, realidade que se mantém até ao 25 de abril de 1974.

Para além dos três blocos prisionais destinados aos presos - A, B e C - é construído um sofisticado Parlatório, em 1971, e dois pátios de recreio interiores.

Com a requalificação da prisão aumentou a ação repressiva. Cada bloco e cada piso eram isolados, de forma a impedir o contacto entre presos.

O primeiro dos novos edifícios a ser utilizado é o pavilhão C, construído por cima do antigo palácio do governador, no ano de 1956. Só em agosto de 1962 é que se ocupa o terceiro e último pavilhão, localizado mais perto da muralha voltada a sul. No que diz respeito às questões de higiene e salubridade as condições da cadeia melhoraram, no entanto a vida dos presos acabou por sofrer um profundo agravamento, pela implementação de regulamentos que retiravam inúmeros dos antigos direitos.⁰⁴³

A construção destes pavilhões, que mais tarde passam a designar-se por Blocos A, B e C, obedece a

043. URAP, *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017. p.79.



[59] Corredor das celas do Bloco C.



[60] Interior da cela individual do Bloco C.

um conjunto de normas publicadas, em 1938, na Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitetos. Cada pavilhão encontra-se totalmente isolado dos outros, o mesmo acontece com cada andar dentro do próprio pavilhão.

No que diz respeito à capacidade da cadeia do forte, esta teria lugar para cerca de 160 presos, 51 em celas individuais e salas com capacidade para cinco a quinze presos. É de notar que existiam mais de 50 guardas prisionais, para garantir o cumprimento de um

regulamento extremamente severo. Enquanto na cadeia do forte de Peniche existiriam cerca de três presos para um guarda prisional, a cadeia central do norte, contava com 400 presos para cerca de 40 guardas, um guarda para cada dez presos políticos.

As refeições nos três pavilhões realizavam-se em cada piso, onde existia, para além do refeitório, uma copa e uma sala de “convívio” com regras bastante específicas.



[61] Pátio de recreio entre o Bloco A e B.



[62] Fotografia aérea, (2004) Direção-Geral do Território.

[63]

1. Bloco A
2. Bloco B - Atelier Local de Artes (r/c)
3. Bloco C - Museu Municipal
4. Bloco D - antigas cozinhas, oficinas e lavandaria
5. Capela de Santa Bárbara
6. Torre do Redondo
7. Parlatório
8. Sala de exposições temporária - antigo aquarelamento da GNR
9. Grupo de Dança de Peniche - antigo aquarelamento da GNR
10. Área administrativa e de trabalho - antigo aquarelamento da GNR
11. Portão de entrada do Revelim



[63] Planta de implantação da fortaleza de modo a ver o interior de todos os edifícios pelo rés-do-chão (2001).



[64] Interior do Parlatório.

CADEIA DO FORTE DE PENICHE

Caracterização dos espaços principais

Parlatório

A partir do ano de 1959, as visitas de familiares aos presos da cadeia faziam-se em dois parlatórios, situados no amplo terreiro que se encontra entre a muralha e os edifícios prisionais. Só a partir de 1968 começaram a ser usados os parlatórios individuais. Este é um volume independente dos blocos de celas e encontra-se associado à casa do guarda, junto da porta de entrada da fortaleza.

Esta construção acaba por assumir um grande destaque em relação ao conjunto, dado que a sua planta e alçado seguem uma linguagem arquitetónica completamente diferente dos restantes edifícios.

O contacto entre presos e familiares era impossível,

devido ao dispositivo que tinha sido construído no interior, o facto de a acústica desta sala ser bastante má fazia com que as conversas tidas com os familiares tivesse de ser feita de forma a que o guarda que vigiava a conversa a pudesse ouvir.

A aplicação das diretrizes estabelecidas, em 1938, na *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, pela Comissão das Construções Prisionais, está presente em todas as novas construções realizadas na Fortaleza de Peniche, no entanto é no parlatório que mais se sente a repressão exercida pelo regime sobre os presos políticos.⁰⁴⁴

044. URAP, *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017. p.84.

Pavilhão A

Este é o pavilhão que se encontra mais perto dos limites amuralhados da fortaleza e consequentemente do mar, voltado a sul, era bastante frio e húmido, como também constantemente fustigado pelas fortes ondas que se faziam sentir.

As celas deste edifício eram coletivas e não havia parede divisória com o corredor, existia apenas uma grande extensão gradeada com uma porta também ela gradeada.

A privacidade neste bloco era inexistente, os guardas responsáveis pela vigilância podiam intrometer-se na vida dos prisioneiros sempre que quisessem.

Apesar de ter as aberturas das celas para o mar, era impossível desfrutar da vista, devido ao facto das janelas serem foscas, como todas as janelas do presídio.

O desenho da abertura destas janelas também tornava impossível vislumbrar o exterior e, mesmo assim, os presos estavam proibidos de se aproximar das mesmas.



[65] Bloco A, visto do baluarte redondo.

Pavilhão B

O pavilhão B conta com três pisos e uma organização interior completamente diferente do Pavilhão A, por piso encontram-se 14 celas, sete voltadas a norte e outras sete voltadas a sul. A divisão das celas com o corredor é feita através de uma parede e as portas não são gradeadas, apresentam apenas um óculo que permitia ao guarda controlar o que o prisioneiro estava a fazer.

As celas individuais e o facto de não haver qualquer tipo de comunicação visual entre elas fazia com que existisse um grande isolamento por parte dos presos. Só existia algum tipo de comunicação durante as refeições ou nos tempos destinados ao recreio, mas sempre sujeitos a muitas restrições pelos regulamentos da cadeia forte.



[66] Alçado norte do Bloco B, visto do pátio da cisterna grande.



[67] Corredor do terceiro piso do Bloco C.

Pavilhão C

Este pavilhão é o que se encontra mais perto do terreiro que existe na frente da fortaleza. Tinha a particularidade de ter as grades pintadas de branco e como se encontravam no interior, por trás dos vidros, dava a ilusão, a quem olhasse de fora da fortificação, que este edifício não se tratava de uma prisão.

A organização interior deste edifício acaba por ser diferente da dos outros dois, também porque continha programa para além das celas prisionais. No terceiro piso existiam apenas celas individuais, com medidas iguais às do pavilhão B, era aqui que se dava o “período

de observação”, que consistia no rigoroso isolamento dos presos. Podiam apenas sair das suas celas durante meia hora por dia, para o recreio, sem contacto algum com outros presos, também não podiam cantar e assobiar, ter papel e caneta ou mesmo receber jornais e revistas. No segundo piso encontrava-se a enfermaria, um posto médico e um quarto para o diretor. O seu gabinete encontrava-se no primeiro piso, onde existiam salas para os presos, camaratas para os guardas do estabelecimento e o gabinete do chefe dos guardas, onde era feita a coordenação dos chefes de pavilhão.



[68] Terceiro piso do Bloco C e torre de vigia - vista norte.



[69] Vista sobre o Bloco A e o pátio de recreio entre o Bloco A e B.

Recreio

O espaço que ficava entre o pavilhão A e B era o espaço de recreio dos presos destes edifícios. Com cerca de trinta metros de comprimento por nove de largura, era para aqui que iam, de cada vez, os presos de apenas um piso.

De notar que a todo o comprimento deste pátio existia uma linha a dois metros do pavilhão B, demarcando o espaço onde os presos podiam circular e assim evitar

que houvesse qualquer tipo de comunicação entre presos de pavilhões diferentes.

O outro recreio encontra-se diretamente por cima do antigo pátio da cisterna grande, tendo a forma quadrangular conformado entre a capela de Santa Bárbara, o pavilhão C e o pavilhão B, do qual se encontrava separado por um alto muro.



[70] Pátio de recreio entre o Bloco B e C conformado a este pela Capela de Santa Bárbara.



[71] Libertação dos presos políticos de Peniche. 27 de abril 1974.

25 DE ABRIL DE 1974 AOS DIAS DE HOJE

O pós-revolução

25 de abril de 1974

Na madrugada de 25 de abril de 1974 eclode uma revolução liderada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) que faz derrubar o regime do Estado Novo. Neste processo são tomados e ocupados, pelas forças militares, diversos locais e equipamentos considerados estratégicos, um pouco por todo o país. Deste rol consta a ocupação dos estabelecimentos prisionais de natureza política afetos ao regime, como a cadeia do Aljube, cadeia do forte de Caxias e cadeia do forte de Peniche.

No dia 25 de abril chega a Peniche, pelas dez horas e trinta minutos, o Agrupamento Norte, comandado pelo Capitão Diamantino Gertrudes Silva, com o objetivo de ocupar a cadeia do forte de Peniche. Esta data correspondia à última quinta-feira do mês, e realizava-se no chamado Campo da Torre, largo junto à fortaleza, a tradicional feira mensal, tendo a mesma sido abruptamente interrompida e desmantelada pela chegada do contingente militar. Após recusa do diretor da cadeia, em aceder à rendição e entrega do estabelecimento prisional, a companhia CICA 2 e duas seções de obuses do RAP 3, montam cerco à fortificação. São montados e apontados obuses de forma a, caso fosse necessário, fazer fogo sobre a Fortaleza de Peniche. O grosso desta coluna militar seguiria depois para Lisboa.⁰⁴⁵

A população de Peniche assiste às movimentações

militares com um misto de estranheza e curiosidade, tomando conhecimento do golpe militar, ao longo do dia, através da rádio e da televisão.

Concluído o golpe militar com sucesso, será no dia 26 de abril que a população de Peniche, os familiares e amigos dos presos políticos se vão concentrar no exterior da fortaleza, aguardando a saída destes, numa vigília que durará toda o dia. Já de noite, chegam a Peniche o Capitão-tenente Carlos Machado Santos e o Major José Moreira de Azevedo, acompanhados dos advogados, enviados pelo MFA para negociar a saída dos presos políticos. Será apenas na madrugada de dia 27 de abril que os trinta e seis presos presentes à época nesta cadeia serão libertados, para júbilo da multidão que longamente os aguardou no exterior dos muros da Fortaleza.

No pós revolução

No período conturbado que se seguiu imediatamente à Revolução, a fortaleza serviu ainda de prisão a figuras ligadas ao regime fascista, nomeadamente elementos da extinta PIDE/DGS.

O fim da história prisional da fortaleza foi simbolicamente assinalado a 26 de fevereiro de 1976, com o hastear da bandeira branca, após a saída para o estabelecimento prisional de Alcoentre, de antigos ministros do governo de Marcelo Caetano e ex-

045. URAP, *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017. p.97.

Processo FORTALEZA desemboca em MUSEU DA DESCOLONIZAÇÃO

A expressão não é nossa e, traduzindo, de algum modo, a frustração que Peniche sente por ver, assim, adiado, sine die, o esperado destino a dar àquele imóvel, ela aí está, pois, com um acento de amarga ironia a circular de boca em boca.

Os Serviços da Cruz Vermelha Portuguesa em sua meritória actividade, descobrindo ali, mais uma possibilidade de alojar umas centenas de retornados obteve para esse fim e ainda que a título provisório, dos departamentos estatais competentes a respectiva autorização.

No momento em que elaboramos esta nota, estão em marcha os trabalhos preparatórios com vista à adequada instalação pelo que, na medida em que se forem completando nas diferentes dependências, se irá verificando a entrada daqueles.

Estamos certos que com a referida frustração em nada será afectado o sentimento de compreensão em que devem ser envolvidas as infortunadas pessoas que vêm habitar a Fortaleza e que, tanto elas como nós, fazemos ardentes votos para que seja por um espaço de tempo bem curto.

[72] Centro de Acolhimento de Refugiados de Peniche dirigido pela Cruz Vermelha, artigo do Voz do Mar, 15 de julho 1977.



[73] Primeiro piso do Museu Municipal de Peniche, Bloco C.

agentes da PIDE, que tinham sido encarcerados nas instalações da fortaleza por ordem do Movimento das Forças Armadas. Em 1974, iniciou-se também o processo de descolonização dos territórios ultramarinos, em consequência do qual milhares de refugiados e retornados chegaram a Portugal. Enquadrados pelo Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN), e perante a inexistência de alojamento mais apropriado, a Fortaleza de Peniche acolheu algumas destas famílias, que ocuparam os vários edifícios do antigo complexo prisional. Entre 1977 e 1982, funcionou na Fortaleza o Centro de Acolhimento de Refugiados de Peniche, dirigido pela Cruz Vermelha Portuguesa, que terá albergado nos edifícios prisionais cerca de cem famílias, num total de mais de meio milhar de refugiados/retornados.

De 1984 ao presente

A Câmara Municipal de Peniche, em 1984, chama a si a gestão da Fortaleza. Pretendia-se evitar a reocupação do imóvel por parte de entidades externas ao concelho, em particular pelo Ministério da Justiça, divulgar a memória da prisão política enquanto símbolo de resistência contra a ditadura fascista e introduzir um conjunto de valências de natureza cultural capazes de promover a visita e apropriação do monumento.

Dando seguimento a uma longa aspiração da população de Peniche, o Museu Municipal, na altura Museu de Peniche, é inaugurado a 18 de maio de 1984, dia internacional dos museus. Tratava-se de um espaço museológico que pretendia expor coleções representativas da história, etnografia e economia locais, ocupando os antigos blocos afetos ao aquartelamento da GNR, na zona do baluarte da Ribeira. Este espaço museológico iria transitar, na década seguinte, para o Bloco C da antiga cadeia política, realidade ainda vigente. Paralelamente, logo em 1984, são musealizadas algumas estruturas da cadeia, como o terceiro piso do Bloco C e o Parlatório, numa perspetiva de evocação da memória da luta antifascista associada a este monumento.

Nos anos noventa do século XX, funcionaram ainda na fortaleza vários espaços de natureza cultural, associativa, formativa, lúdica e económica, tais como oficina de cerâmica, escola de renda de bilros, jardim escola/ATL, comissão de proteção de menores, centro de formação de informática, cafetaria, sendo ainda sede de diversas entidades associativas.

Atualmente, a Fortaleza de Peniche, tem a funcionar, no seu interior, o Museu Municipal de Peniche, o Estúdio de Dança e o Atelier Local de Artes - ALA, sendo que estes dois últimos se encontram nos edifícios construídos em 1956.



[74] Celas comuns do Bloco A.



[75] Celas comuns do Bloco A.



[76] Celas comuns do Bloco A.



[77] Cozinha do Bloco D de serviços.



A POUSADA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA POR:

FRANCISCO FARIA HENRIQUES RODRIGUES NICOLAU

ORIENTADA POR:

PROF. DOUTOR LUÍS SOARES CARNEIRO

“Tanto — mas tanto! Que é possível fazer para não deixar morrer, corroído por abandono criminoso, o antigo e soberbo monumento militar que é a Fortaleza de Peniche.” ⁰⁴⁶

046. CALADO, Mariano, *Sobre a Fortaleza de Peniche*. 1982, 1º Congresso sobre monumentos militares portugueses realizado em Vila Viçosa, p.14.

POLÉMICA

O futuro da Fortaleza de Peniche

Em Portugal, as intervenções no património com o objetivo da sua adaptação a um novo uso surgem a partir da década de 50. É durante o Estado Novo que o património arquitetónico religioso abandonado, em posse do estado, começa a ser adaptado para novas funções. Estes edifícios passam a ter um uso de carácter social e assistencial, ou turístico e de lazer, e surgem por todo o país hospitais, asilos, bibliotecas, escolas, museus, quartéis militares e câmaras municipais nos antigos conventos e mosteiros. Esta transformação do uso original provoca, em muitos destes imóveis, profundas alterações na sua estrutura e características tipológicas. Para além das transformações de edifícios de carácter religioso, surge também nesta altura a adaptação dos fortes militares e castelos que estavam desativados, como é o caso da alcáçova do Castelo de Óbidos, na primeira adaptação de um monumento em Pousada de Portugal (1951), o Forte de São João Batista, na ilha da Berlenga, é transformado em pousada, como o objeto de estudo da presente dissertação, a Fortaleza de Peniche e a sua transformação em prisão política.

O caso da Fortaleza de Peniche é único, no nosso país, devido à história que foi absorvendo ao longo dos anos, que fez com que o seu uso estivesse em constante mutação até aos dias de hoje. A história que este monumento acarreta, principalmente enquanto

mecanismo de punição durante o Estado Novo, não pode ser apagada, por esta razão qualquer intervenção na Fortaleza de Peniche tem de partir baseada na preservação da memória, não só dos 40 anos enquanto cadeia política, como também enquanto edifício militar de grande importância para o Reino e todas as outras funções que teve ao longo dos séculos.

A decisão de implantar uma pousada na antiga cadeia do Forte de Peniche levanta uma série de questões que não podem ser postas de parte, questões essas ligadas à memória e identidade de um edifício que funciona como símbolo de uma época conturbada em Portugal, o regime autoritário do Estado Novo, e que estiveram sempre presentes durante a realização do projeto prático da presente dissertação, tendo sido utilizadas como premissas para o desenho da pousada.

O futuro da Fortaleza de Peniche começou a ser discutido apenas dois anos depois da libertação dos presos políticos, a 21 de julho de 1977, quando a Empresa Nacional de Turismo (ENATUR) noticia pela primeira vez a intenção de adaptar a fortaleza em hotel.

Só no ano de 1999 o Sr. Secretário de Estado do Turismo informa a intenção, por parte da ENATUR, em avançar com a construção da pousada na fortaleza.

Para o projeto de arquitetura avançar seria necessário a assinatura de um protocolo de acordo entre a Direção

10.11.2016
D.5 2016.EXP.E.01.13759
M.B. p.m.
R.J.

PROTOCOLO DE ACORDO

Entre:

A **DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO**, contribuinte fiscal nº 600 000 400 representada neste acto pela sua Directora-Geral, Senhora Dra. Maria Isabel Brazão Garcia Courinha, doravante designada por "DGP";

A **CÂMARA MUNICIPAL DE PENICHE**, contribuinte fiscal nº 680 004 246 representada neste acto pelo seu Presidente, Senhor Jorge Manuel Rosendo Gonçalves, doravante designada por "MUNICÍPIO";

A **ENATUR - EMPRESA NACIONAL DE TURISMO, S.A.**, contribuinte fiscal nº 500 792 933 representada neste acto pelo seu Presidente Senhor Dr. Eduardo Manuel Machado Bastos Ambar, doravante designada por "ENATUR";

- A) A Fortaleza de Peniche, propriedade de Estado português, classificada como Monumento Nacional, pelo Decreto nº 28536, de 22 Março de 1938 é um conjunto edificado de surpreendente equilíbrio e sóbria monumentalidade, que goza de localização geográfica privilegiada e, consequentemente, de natural vocação para a fruição pública;
- B) A Direcção Geral do Património, como entidade a quem compete a gestão integrada do património do Estado, consciente da necessidade da valorização patrimonial e turística do imóvel está na disposição de ceder parte do imóvel à ENATUR, para nele ser instalado um estabelecimento hoteleiro classificável como Pousada de Portugal;
- C) A Câmara Municipal de Peniche, entendendo ser de interesse vital para o desenvolvimento cultural e turístico do concelho a valorização da Fortaleza e a instalação duma Pousada de Portugal no seu interior, está na disposição de

[78] Protocolo de acordo entre a Direcção Geral do Património, o Município de Peniche e a ENATUR.

Geral do Património, o Município de Peniche e a ENATUR, o que acontece no ano de 2002, também neste ano o Sr. Secretário de Estado do Turismo, Dr. Pedro Almeida, informa que a adjudicação do projeto de arquitetura seria feita ao arquiteto Álvaro Siza Vieira.

No entanto, com a privatização da ENATUR e a entrada do Grupo Pestana na administração das Pousadas de Portugal, o arquiteto Álvaro Siza Vieira é afastado do projeto por não concordar com a duplicação do número de quartos do projeto inicial, 30.

O processo de construção de uma pousada na Fortaleza de Peniche entra em fase de análise devido à forte contestação de entidades como a União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP). Apenas em 2011 é que o tema da pousada na fortaleza volta a ser discutido em Assembleia de Câmara, com a aprovação do estudo preliminar realizado pelo arquiteto David Sinclair, projeto que nunca se materializou.

O programa Revive surge no ano de 2016, consiste na recuperação e valorização do património histórico e cultural, presente em todo o território nacional, através da sua transformação num ativo económico para o país, situação que interessava à Câmara Municipal de Peniche, assim como à sua população que finalmente tinha ao seu dispor os meios económicos para reabilitar a fortaleza.

O governo lança o projeto “Revive” que possibilitava

o investimento privado em edifícios patrimoniais para o desenvolvimento de projetos turísticos, através da realização de concursos públicos. Tendo este programa em conta, a Câmara Municipal de Peniche reúne com a Secretária de Estado do Turismo em agosto de 2016, mostrando a intenção da integração da Fortaleza de Peniche no programa Revive para uma concessão parcial dos espaços pertencentes ao monumento.

A listagem dos imóveis a integrar este programa surge no dia 28 de setembro de 2016, na qual consta a Fortaleza de Peniche, esta notícia acabou, mais uma vez, por gerar enorme controvérsia por parte dos grupos antifascistas que defendem a preservação da Fortaleza de Peniche como património nacional, símbolo da repressão fascista e da luta pela liberdade.

Depois de uma série de abaixo assinados e apelos apresentados em Assembleia da República a fortaleza é retirada da lista final de 30 edifícios a concessionar, de acordo com o Ministro da Cultura na Assembleia da República, realizada a 10 de novembro de 2016, no âmbito do Orçamento de Estado para 2017. Ainda em novembro de 2016 o Grupo Parlamentar do PCP apresenta uma proposta de aditamento ao Orçamento do Estado para 2017, com a intenção de integrar nesse documento o plano de intervenção na Fortaleza de Peniche, proposta que é aprovada.

“Considerando a importância histórica do Forte de Peniche na resistência e luta contra o fascismo, pela liberdade e a democracia em Portugal e tendo em conta a grave degradação de vários elementos do complexo, nomeadamente das muralhas e dos edifícios da antiga prisão política de alta segurança ali instalada pelo regime fascista, o PCP apresenta esta proposta de aditamento ao Orçamento do Estado, no sentido de que, durante o ano de 2017, o Governo proceda a uma intervenção urgente para a preservação do Forte.” ⁰⁴⁷

42C



[79] Proposta do PCP para o aditamento do Orçamento do Estado de 2017 e cartaz da reunião pública convocada para 28 de dezembro de 2016 para a discussão do futuro da Fortaleza de Peniche.

047. Proposta de aditamento do Orçamento do Estado para 2017 pelo PCP, plano de intervenção na Fortaleza de Peniche, 11 de novembro de 2016.

Com o objetivo de decidir qual o futuro da Fortaleza de Peniche é criado, no início de 2017, um grupo de trabalho constituído por vários elementos de múltiplas áreas de trabalho, com o intuito de clarificar definitivamente qual o futuro uso do edifício histórico de Peniche.

A proposta resultante do grupo consultivo é tornada pública no dia 7 de abril de 2017, esse documento encontra-se dividido em seis temas, começando pelo enquadramento do monumento, seguido das considerações relativas ao que deverá ser o futuro edifício, a missão e os objetivos que a nova intervenção terá de respeitar, por fim o programa funcional a adotar, o financiamento e modelo de gestão necessário para o desenvolvimento do projeto.

Um dos pontos mais importantes nesse documento, é o futuro programa funcional para os edifícios da Fortaleza de Peniche. A grande controvérsia causada pela possibilidade de parte do conjunto edificado poder ser usado como pousada foi posta de parte por este grupo consultivo. O futuro dos edifícios pertencentes à fortaleza passam pela criação de um museu com três programas distintos, um primeiro que *“evoque com especial atenção as diferentes fases da sua implantação, construção e evolução da sua função militar ao longo dos anos.”*⁰⁴⁸ Um segundo com a criação de um *“programa*

*museológico que evoque as condições de funcionamento da Fortaleza de Peniche enquanto prisão política do regime fascista, sem esquecer os diferentes usos que lhe sucederam.”*⁰⁴⁸

Por fim, o grupo consultivo decidiu também que o museu deveria criar um *“programa museológico aberto à cultura e à ciência, enquanto pilares de uma Cidadania consciente, com especial incidência nos públicos jovens.”*⁰⁴⁸

No que diz respeito ao programa encontra-se também presente a criação de uma biblioteca/centro de documentação, um auditório e a concessão de um espaço para exploração de restauração.

É também descrito a criação de um *“núcleo de atividades e negócios ligados ao Mar. Este núcleo poderá albergar várias funcionalidades, nomeadamente uma incubadora de empresas ligada à economia do mar, atraindo startups associadas à indústria do surf e desportos de ondas, pesca, biologia marítima e turismo, áreas de comércio tradicional e atelier de artes e ofícios e espaços para sedes de organismos ligados às indústrias do Mar.”*⁰⁴⁸

Por fim a instalação de um memorial da resistência antifascista, em homenagem aos cerca de 2500 presos políticos que estiveram encarcerados na Prisão do Forte de Peniche.

048. Grupo consultivo da Fortaleza de Peniche, *Proposta do grupo consultivo da Fortaleza de Peniche*, 7 de abril de 2017. Disponível em: http://www.cm-peniche.pt/_uploads/FortalezaPeniche/PropostaGrupoConsultivoFortalezaPeniche-17Abril2017.pdf

HISTÓRICO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO

Uma Pousada na Fortaleza de Peniche

Os projetos para a Fortaleza de Peniche começaram a surgir a partir do momento em que é criado o decreto-lei que previa a instalação do Museu da República e da Resistência, no ano de 1976. Estes projetos consistiam numa reutilização dos espaços e surgiram de uma forma bastante rudimentar, no sentido em que refletiam apenas sobre uma nova distribuição programática nos antigos espaços da cadeia, carecendo de desenho arquitetónico do que se pretendia para cada zona.

Mariano Calado, escritor natural de Peniche e uma das pessoas mais entendidas na história da cidade e dos seus monumentos, apresentou duas propostas para o conjunto da fortaleza. A primeira em 1983 intitulada de *“Algumas sugestões para a implementação do Museu Regional de Peniche”*. A segunda proposta surge no ano de 1991, bastante completa pois abrangia todos os espaços da fortaleza e é intitulada de *“Projeto de Aproveitamento de todo o espaço da Fortaleza de Peniche”*, com o conceito de reutilizar os espaços através do redesenho arquitetónico dos mesmos.

Das duas propostas algumas das soluções foram executadas e ainda se encontram em funcionamento nos dias de hoje, no entanto os Blocos A, B (excepto o r/c que se encontra afeto ao grupo Atelier Local de Artes) e D encontram-se devolutos por falta de uso.

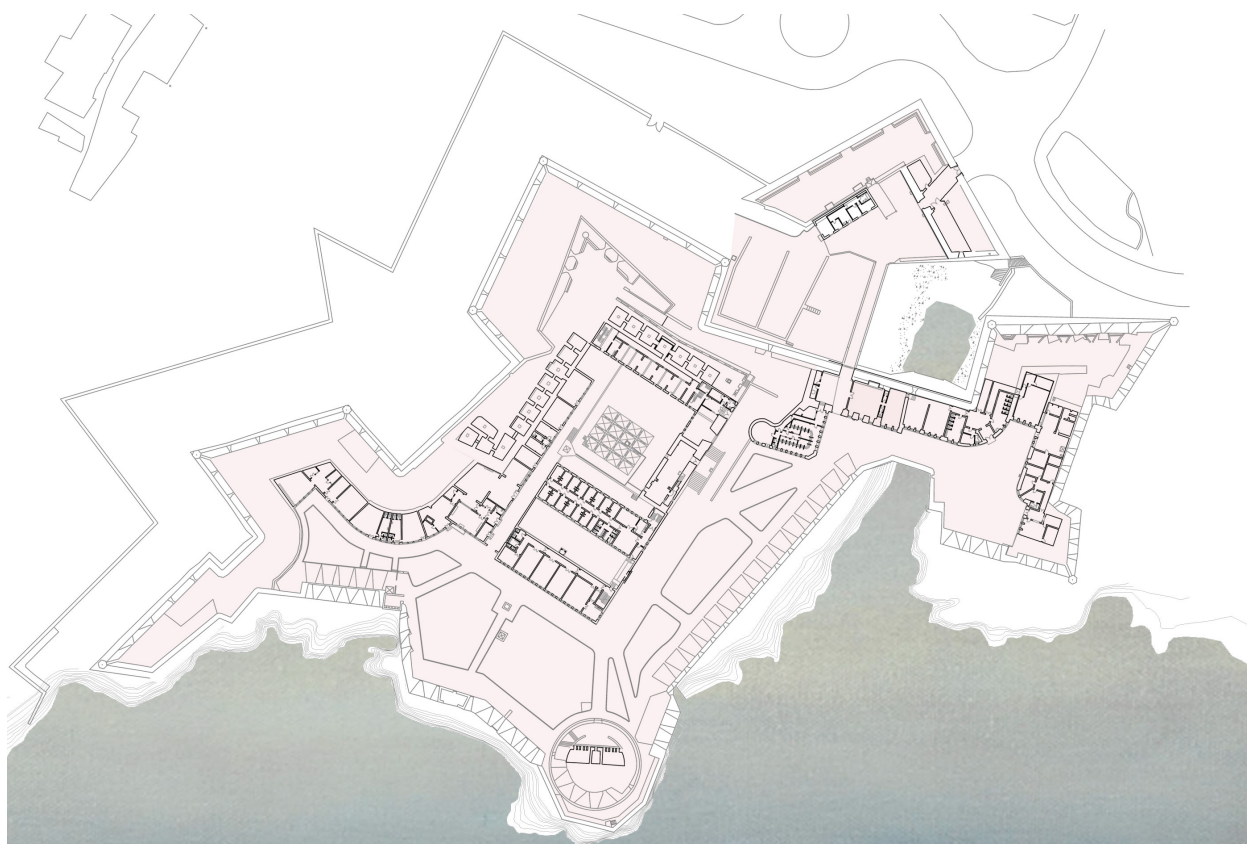
Tendo esta dissertação como principal objetivo

projetar uma pousada para a Fortaleza de Peniche, achou-se pertinente fazer neste subcapítulo uma exposição e análise dos projetos que visavam a construção de uma para este espaço.

A análise realizada a estes projetos poderá não ser bastante aprofundada, pois o material disponível referente a cada um é bastante escasso. No caso do projeto de Álvaro Siza tem-se apenas conhecimento de uma fotografia da maquete da proposta concebida para a fortaleza, bem como algumas entrevistas realizadas que ajudam a perceber quais as intenções que o arquiteto tinha para o projeto em causa.

No que diz respeito ao estudo prévio realizado por David Sinclair existe um conhecimento mais aprofundado, pois o dossier entregue à Câmara Municipal de Peniche era público e aí encontravam-se parte das plantas, cortes e alçados, a uma escala bastante reduzida, e alguns desenhos perspéticos do conjunto projetado.

O primeiro projeto para a construção de uma pousada na fortaleza, surge no ano de 2002 pelo arquiteto Álvaro Siza e um segundo em 2011 pelo arquiteto David Sinclair, as duas propostas partiram de um conjunto de diretrizes impostas pela Direção Geral do Património, a Câmara Municipal de Peniche e a ENATUR, com o objetivo de clarificar o que seria possível construir e demolir na



[80] Planta da área de implantação da Fortaleza de Peniche - 20000 m² (sem contar com o fosso).

Fortaleza de Peniche, bem como as zonas possíveis de utilizar para as construções referentes à pousada.

A área total do interior da fortaleza, sem contar com o fosso, é superior a 20.000 m², deste espaço a pousada poderia ocupar aproximadamente 30%, ou seja, cerca de 6.000 m². Esta área corresponde ao Bloco A, até à frente muralhada a sul, ao Bloco B e o pátio de recreio mais pequeno e ao Bloco D que correspondia às zonas de serviços da antiga cadeia do forte.

A esta zona pertencem três edifícios construídos

durante o Estado Novo, segundo o projeto de Rodrigues Lima, o Bloco A, B e D, que segundo o plano idealizado para a futura pousada poderiam ser demolidos para dar lugar às novas construções.

Uma das grandes diferenças entre os dois projetos, em termos programáticos, reside no número de quartos a projetar, no caso da proposta de Álvaro Siza tem-se conhecimento que consistiria em 30 quartos, enquanto no estudo prévio apresentado pelo arquiteto David Sinclair o número de quartos é de 74.



[81] Redistribuição dos espaços, tendo em conta a implantação de uma Pousada, segundo o estudo preliminar de 21 de junho de 2011.

Museu
4.975 m²

Acesso condicionado
4.116 m²

Pousada
5.998 m²

Circulação livre
5.033 m²

Projeto de Álvaro Siza

*“Porque a prisão de Peniche é uma memória fundamental no Portugal de hoje, como é que se vai fazer aqui uma pousada? Responderam que a decisão era essa, mas que se iria manter o essencial.”*⁰⁴⁹

Em 2003, o arquiteto Álvaro Siza acaba por ser afastado do projeto, quando o Grupo Pestana fica responsável pela administração da rede de Pousadas de Portugal com a privatização da ENATUR. A razão para este afastamento está relacionada com o facto do arquiteto discordar da intenção de criar uma pousada com o dobro dos 30 quartos que o projeto de arquitetura elaborado no ano anterior previa.

*“A duplicação do número de quartos implicava a criação de mais dois pisos, projetei o hotel para ter a mesma altura da fortaleza, por isso aumentar o número de pisos seria uma monstruosidade.”*⁰⁴⁹

No projeto elaborado pelo arquiteto Álvaro Siza podemos observar, através da fotografia da maqueta, que se procedeu à demolição dos Blocos de celas A e B, bem como o Bloco D referente aos serviços da antiga cadeia, para dar origem à nova construção.

*“Há edifícios que decidi demolir, porque não tinham interesse ou porque eram acrescentos mal feitos para uma ampliação da cadeia. Havia um que era uma enorme cantina horrível.”*⁰⁵⁰

O projeto elaborado pelo arquiteto para a pousada desenvolve-se num só volume de três pisos em forma de “U”. Esta nova volumetria implanta-se no mesmo local onde se encontram os Blocos A e B, com a particularidade de se idealizar uma subversão no que diz respeito ao pátio central. Este pátio que durante o Estado Novo servia para os reclusos estarem ao ar livre, mas ainda assim controlados e confinados entre quatro paredes, dá lugar a uma zona de contemplação de toda a muralha, porto de recreio e pesca, bem como as praias da zona sul de Peniche, através da nova forma semicircular aberta a nascente.

Como referido anteriormente o projeto para a nova construção foi desenvolvido para ter apenas três pisos, devido à altura das edificações do conjunto que se mantiveriam. De acordo com o desenho dos alçados presente na fotografia da maqueta pode-se concluir que o primeiro piso corresponderia a zonas comuns e de serviços da pousada e os dois pisos seguintes seriam de quartos, devido à presença de uma métrica mais regrada na distribuição dos alçados. O tipo de volumetria utilizado pelo arquiteto faz com que existam duas baterias de quartos distintas, uma primeira voltada a sul, que se implanta num dos braços da nova implantação, estes quartos para além de desfrutarem de uma vista para a muralha que se encontra sobre a escarpa, conseguem

049. SALEMA, Isabel, “Siza Vieira afastado de projecto para pousada na Fortaleza de Peniche”, 24 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/05/24/culturaipilon/noticia/siza-vieira-afastado-de-projecto-para-pousada-na-fortaleza-de-peniche-1438605>.

050. SALEMA, Isabel, Álvaro Siza: “O museu da prisão é uma coisa absolutamente primária”, 18 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/12/18/culturaipilon/noticia/alvaro-siza-1755127>

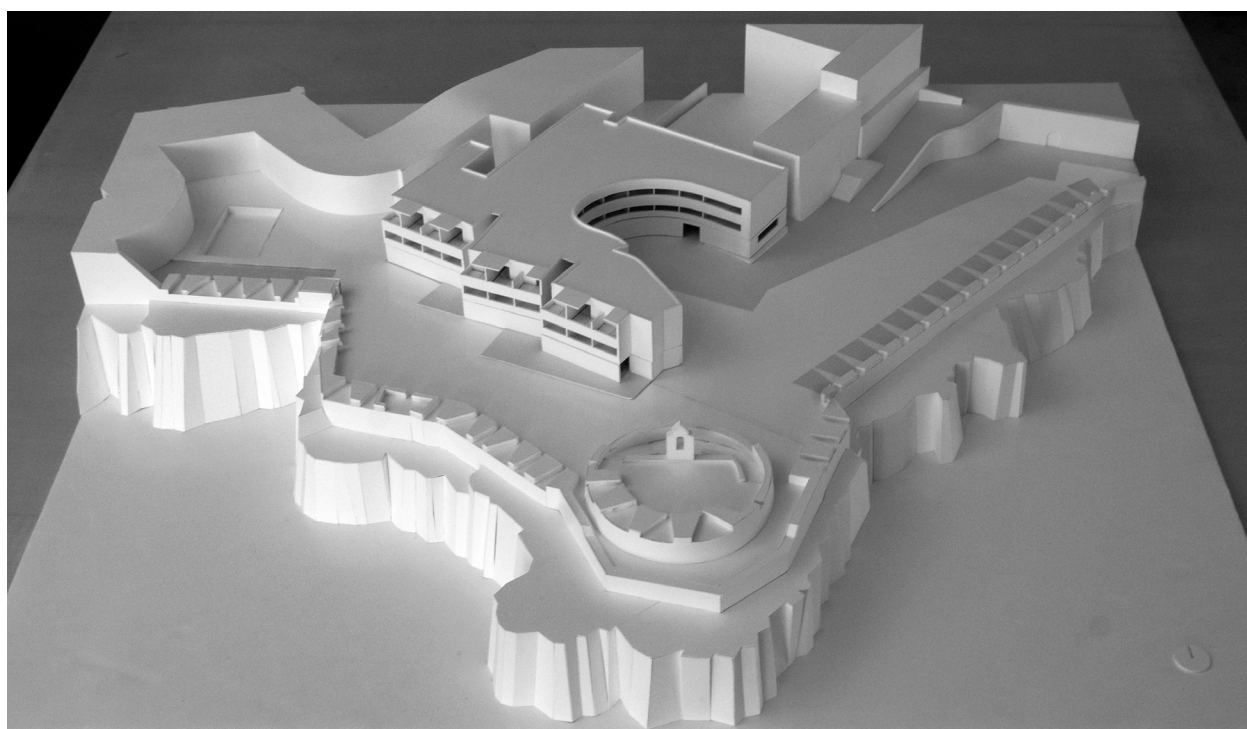
ter vista também para todas as praias a sul do conselho de Peniche e em dias de boa visibilidade até à Serra de Sintra. Por outro lado os quartos localizados sobre o pátio semicircular aproveitam da privacidade das pessoas que visitam o monumento através do afastamento criado pelo pátio e conseguem vislumbrar não só a muralha que se encontra imediatamente em frente, como também o porto de recreio e pesca da cidade de Peniche e parte das praias até ao forte da Consolação.

O desenho da proposta de Álvaro Siza assenta sobre o princípio de não haver qualquer privatização de espaços exteriores, todos estes espaços da pousada deverão ser também públicos para quem visita o monumento.

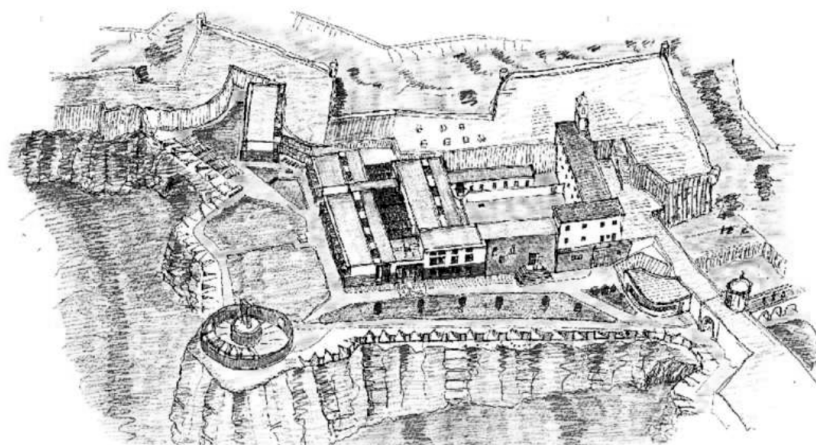
Esta premissa acaba por criar alguns problemas no que diz respeito à privacidade da zona de recreio da

pousada, mais concretamente a piscina exterior e os espaços de repouso a ela anexos. Para conseguir isolar esta zona dos restantes espaços exteriores o arquiteto decide implantar a piscina no ponto mais ocidental do conjunto fortificado, mais concretamente no baluarte do Alto da Vela.

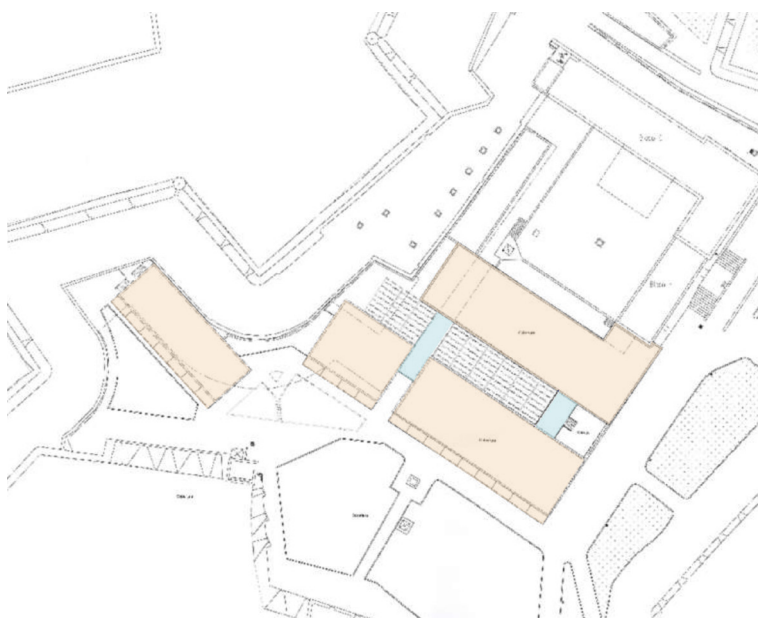
A forma como o braço voltado a sul, da nova volumetria, está desenhado, neste caso mais comprido que os edifícios preexistentes, bem como o facto de se encontrar articulado em dois momentos, fazendo com que este novo volume siga a mesma direção da muralha que se encontra sobre a escarpa imediatamente em frente, vem conferir uma maior privacidade a este espaço de lazer, de natureza por si só tranquila.



[82] Fotografia da maquete do projeto de Álvaro Siza para a pousada da Fortaleza de Peniche.



[83] Perspetiva da Fortaleza de Peniche presente no estudo prévio de David Sinclair.



[84] Planta de cobertura presente no estudo prévio de David Sinclair.

Projeto de David Sinclair

“Imóvel de inegável importância histórica, recai sobre a Fortaleza de Peniche o desafio de se confirmar como espaço de afirmação de um território, compatibilizando a memória a ela associada com a qualificação da oferta cultural e turística de fundo concelhio e regional.

Considera-se perfeitamente exequível uma compatibilização entre a construção/exploração de uma unidade hoteleira tipo pousada neste imóvel e a preservação e valorização da memória histórica do mesmo. Esta última concretizável através de uma reformulação do atual Museu Municipal (...)”⁰⁵¹

O projeto elaborado pelo arquiteto David Sinclair surge no estudo prévio apresentado à Câmara Municipal de Peniche em 2011, esse documento faz não só a contextualização da Fortaleza de Peniche como também apresenta uma solução arquitetónica para a pousada na fortaleza.

São apresentadas várias plantas, cortes e alçados que constituem as novas construções, assim como alguns desenhos perspetivos do aspeto desejado para a mesma. Para dar lugar às novas construções, referentes aos espaços da pousada, à semelhança do projeto analisado anteriormente, também este parte da demolição dos antigos Blocos de celas A e B e do Bloco D, referente

aos serviços da antiga cadeia.

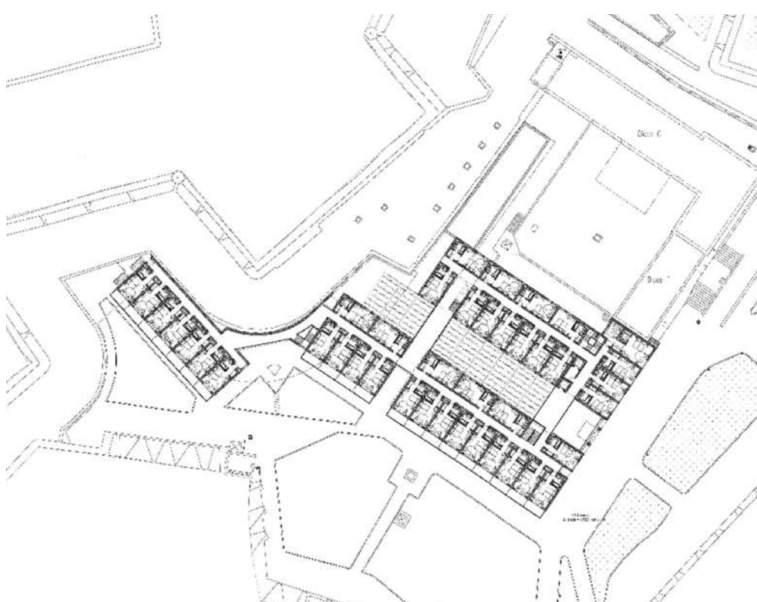
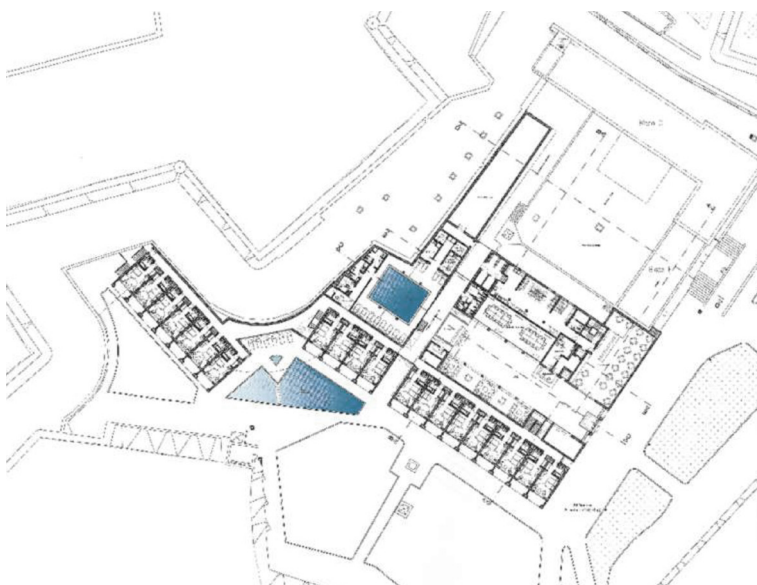
As semelhanças entre os dois projetos fica-se pelas demolições que se pretendem fazer, pois a nível conceptual e formal em nada se assemelham.

Numa tentativa de responder às necessidades programáticas exigidas pelo Grupo Pestana, o arquiteto desenvolveu o programa da pousada da fortaleza para 76 quartos. O elevado número de quartos, em relação à proposta analisada anteriormente, faz com que os espaços comuns e de serviços desta proposta sejam também consideravelmente maiores. Este aumento significativo da área a utilizar pela pousada é perceptível nas plantas apresentadas neste estudo prévio.

A implantação do conjunto edificado, correspondente à pousada, encontra-se dividido em quatro volumes todos eles ligados à cota do piso térreo. Apesar de serem projetados e construídos de raiz, os edifícios que darão lugar à pousada, o arquiteto decidiu manter a configuração da antiga fortificação militar.

Os antigos quartéis militares que deram lugar aos Blocos A e B durante o funcionamento da Cadeia do Forte de Peniche dão lugar, na proposta de David Sinclair, a dois edifícios mais largos e compridos, de dois e três pisos respetivamente, com a particularidade de se encontrarem unidos nas duas extremidades, junto aos acessos verticais, sendo que a ligação do lado nascente

051. *Uma pousada na fortaleza, estudo preliminar*, 21 de junho de 2011. Disponível em: http://www.cm-peniche.pt/_uploads/convencao%20V/PousadaFortaleza_VConvencao.pdf



[85] Planta piso térreo e primeiro piso respetivamente, presentes no estudo prévio de David Sinclair.

é feita apenas ao nível do primeiro piso, através de uma ponte coberta. No projeto, o volume que se encontra no extremo mais a poente, junto do baluarte do Alto da Vela, tem apenas dois pisos de quartos e encontra-se implantado com a mesma orientação do antigo quartel militar, antes da demolição que deu lugar ao Bloco D, de serviços e cozinhas da cadeia.

Através da análise dos desenhos apresentados no estudo prévio, conclui-se que a entrada para a pousada se faz no antigo pátio de recreio entre os Blocos A e B, imediatamente por baixo da ponte de ligação entre os dois volumes projetados para a pousada.

No que diz respeito à distribuição programática desta proposta, nomeadamente as zonas comuns e de serviços, como restaurante, bar, receção, salas de estar, piscina interior, balneários, encontram-se localizadas no piso térreo do volume de três pisos, voltadas para o pátio central. Ao nível do piso térreo, também se podem encontrar algumas salas de estar no volume de dois pisos, que conforma o pátio a sul, este edifício tem a particularidade de se encontrar dividido, neste piso, entre zonas comuns voltadas a norte, para o pátio, e as zonas de quartos voltadas a sul, para as muralhas e o mar.

O primeiro e segundo piso de todo o complexo

desenhado por David Sinclair é dedicado às zonas de quartos, existindo duas tipologias diferentes, de acordo com a orientação solar a que estão sujeitos.

Os quartos voltados a sul encontram-se dispostos perpendicularmente à fachada aproveitando assim da luz constante e melhores vistas, enquanto que os quartos que se encontram paralelos à fachada estão voltados a norte, com vista para os pátios e edifícios preexistentes.

A distribuição utilizada para estas zonas faz com que a pousada tenha um número maior de quartos voltados a sul do que a norte, sendo esta a melhor forma de responder à impossibilidade de criar apenas quartos perpendicularmente à fachada através de um corredor central, devido à largura necessária que estas novas construções necessitariam para tal. O facto de todos os espaços exteriores serem de carácter público cria o problema de como conferir alguma privacidade à zona de repouso, neste caso associada à piscina exterior.

A opção, por parte do arquiteto, de implantar esta zona entre a muralha a sul e os dois edifícios de quartos a sul do complexo faz com a piscina e zona de estar se encontre visualmente exposta a qualquer visitante do monumento, algo que não acontece na proposta idealizada pelo arquiteto Álvaro Siza.

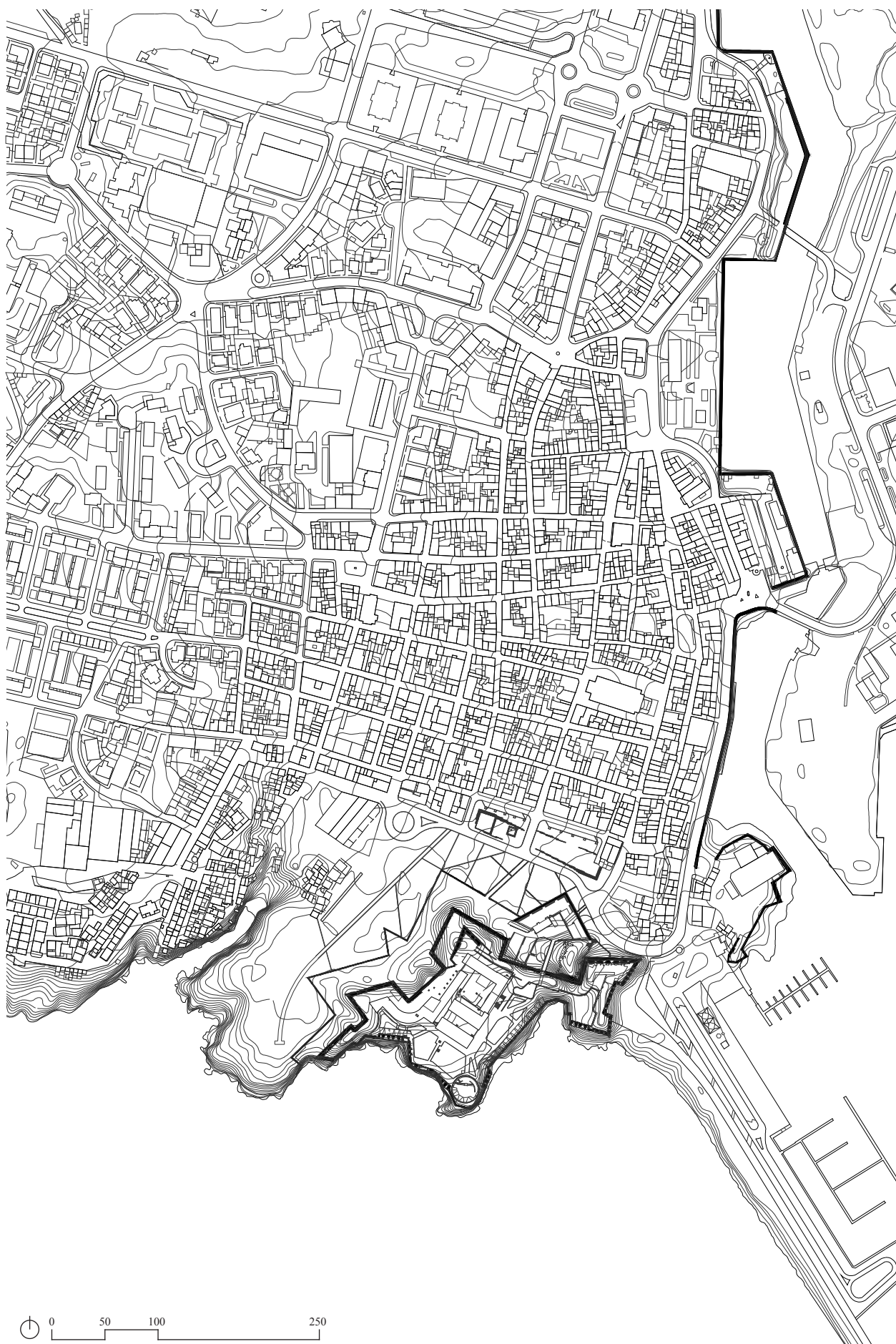
A POUSADA DA FORTALEZA DE PENICHE

Uma nova proposta

A apresentação do projeto da pousada elaborado para a Fortaleza de Peniche encontra-se dividida em sete temas que se acharam pertinentes abordar. Começando pelo programa e pelas motivações que levaram à sua escolha, são abordadas posteriormente as demolições efetuadas nos edifícios preexistentes, segundo a ideia pretendida para os diferentes espaços construídos na área de intervenção. A modificação do locus é estudada através da apresentação da implantação e construção das novas volumetrias. Segue-se a distribuição do programa com a separação clara entre espaços servidos, associados aos hóspedes da pousada, e espaços que servem, relacionados com o staff das instalações.

O tema da geometria e o da atmosfera vêm reforçar a dicotomia existente entre os espaços construídos e os espaços reabilitados, através das diferenças apresentadas nos desenhos do projeto. Por fim, são apresentadas as relações entre o novo edificado e a sua imagem com os edifícios antigos reabilitados, não só em relação à sua articulação em planta, como em alçado, percebendo em que momentos o novo construído abraça o antigo e quando se separa criando distância.

Os temas abordados neste último capítulo encontram-se ilustrados através de plantas e fotomontagens, que ajudam a compreensão do projeto desenvolvido, acompanhadas de fotografias e esboços, de obras de diversos arquitetos, que serviram não só como referências formais, como também de inspiração para os ambientes do projeto da pousada.



[86] Implantação da Fortaleza de Peniche, escala 1:5000.



[87] Proposta de projeto, implantação da Fortaleza de Peniche, escala 1:5000.

PROGRAMA

A presente dissertação incide sobre um objeto, a Fortaleza de Peniche, e o desejo de realizar uma proposta de intervenção que dê uma nova vida ao monumento altamente degradado pelo tempo, potenciando toda a história que este transporta, dando-lhe visibilidade e a importância devida

Grande parte do trabalho desenvolveu-se num momento em que não existia qualquer tipo de polémica em relação ao futuro uso da fortaleza. Por essa mesma razão não havia conhecimento, nem foi fornecido, em momento algum, qualquer tipo de programa específico a que o projeto devia obedecer.

O programa para a proposta de projeto apresentada, parte da vontade de encontrar uma solução para um edifício polivalente, sujeito a inúmeras transformações ao longo dos tempos, transportando o enorme peso deixado pela história de que foi palco.

Tratando-se de um projeto académico, sem programa definido, surge a total liberdade para utilizar a contextualização histórica realizada nos capítulos anteriores, bem como a polémica gerada em redor da preservação da memória do espaço em questão, refletir e definir qual o programa a aplicar na proposta idealizada. Sabendo que não cabe a uma só pessoa definir o rumo de um monumento de tamanha importância, Álvaro Siza refere que o problema do futuro uso da fortaleza deve

ser abordado *“Com toda a transparência, de forma estudada, participada, debatida. Não pode o arquiteto pôr nisso apenas a sua opinião pessoal, de maneira nenhuma, porque é um assunto que implica um debate muito alargado(...)”*⁰⁵²

O regresso da polémica, gerada pela possibilidade de parte da Fortaleza de Peniche ser concessionada e utilizada para a construção de uma pousada, serviu como catalisador para que o programa do projeto de intervenção elegido fosse esse mesmo, uma pousada.

A ideia de construir uma pousada na fortaleza surge como um desafio, utilizando para o efeito a análise dos projetos realizados no passado e os argumentos das identidades que se insurgem contra a privatização e construção de uma pousada neste espaço como diretrizes a seguir para a proposta final apresentada.

Um dos objetivos principais passa por perceber a inegável importância histórica do monumento, assumindo o desafio de se confirmar como espaço de afirmação de Peniche, compatibilizando a memória associada à fortaleza com a oferta cultural e turística da região. Assim sendo, surge um conjunto de premissas que servem de diretrizes para a proposta idealizada.

Torna-se indispensável a necessidade de realizar uma reflexão sobre a pertinência dos espaços que devem existir para a construção de uma pousada coerente e

052. SALEMA, Isabel, *Álvaro Siza: “O museu da prisão é uma coisa absolutamente primária”*, 18 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/12/18/culturaipilon/noticia/alvaro-siza-1755127>

	aquecimento	iluminação natural	ventilação natural	janelas com abertura	quantidade	área útil por espaço m²	subtotal área útil m²
POUSADA							
Hall de entrada	•	•	•	•	1	80	80
Balcão da recepção	•				1	10	10
Quarto A	•	•	•	•	14	30	420
Quarto B	•	•	•	•	18	20	360
Sala de estar	•	•			1	40	40
Cafetaria	•	•	•	•	1	30	30
Balcão do bar	•	•	•		1	12	12
Sanitários	•	•			1	35	35
Sanitário mobilidade reduzida	•				1	5	5
Gabinete direção	•	•	•	•	1	20	20
Sala de reuniões	•	•	•	•	1	20	20
Balneários dos funcionários	•	•	•	•	1	20	20
Sala de pessoal	•	•	•	•	1	20	20
Lavandaria	•				1	5	5
RESTAURANTE							
Entrada público geral	•	•	•	•	1	20	20
Sala de refeições	•	•	•	•	1	100	100
Esplanada exterior					1	50	50
Instalações Sanitárias	•				1	20	20
Balcão de atendimento	•				1	15	15
Bar exterior					1	15	15
Recepção de mercadorias				•	1	12	12
Cozinha	•				1	45	45
Depósito lixo					1	6	6
Instalações sanitárias de serviço	•				1	5	5
Despensa de dia	•				1	4	4
Armazém seco	•				1	7	7
Câmaras frigoríficas	•				3	5	15
COMPLEXO BALNEAR							
Átrio	•	•	•	•	1	45	45
Balcão de atendimento	•				1	10	10
Balneário	•				1	25	25
Balneário mobilidade reduzida	•				1	7	7
Piscina interior	•	•	•		1	30	30
Zona de repouso da piscina	•	•	•		1	55	55
Gabinete médico	•				1	10	10
Sauna	•				1	7	7
Banho turco	•	•	•	•	1	7	7
Zona de descanso	•	•	•	•	1	14	14
Piscina exterior					1	100	100
Zona de repouso exterior					1	200	200
COMPLEXO CULTURAL							
Foyer	•	•	•	•	1	30	30
Sala de exposições	•	•	•		1	200	200
Auditório	•	•	•	•	1	90	90
Cisterna grande	•	•			1	200	200
Arrumos	•				1	40	40

[88] Tabela com áreas para a proposta da pousada.

funcional. Independentemente da liberdade do programa interno que possa ser adotado, a proposta deve obedecer a um conjunto de diretrizes que resultam do estudo realizado na primeira parte da dissertação.

A fortaleza foi desde sempre um espaço não apropriado pela comunidade de Peniche. A construção da prisão só veio reforçar que este não era um espaço para a população, com a agravante de ter passado a ser um local de sofrimento. Fica claro que o projeto a realizar terá de devolver este lugar aos habitantes da cidade, através do uso público da maioria dos espaços a ser criados.

No que diz respeito à zona de implantação das construções afetas à pousada, têm de ser as mesmas definidas para os projetos anteriores, mantendo-se as áreas estabelecidas para esta zona, cujo valor será de 30% da área total da fortaleza, ou seja 6.000 m².

Uma das premissas mais importantes do projeto para a pousada está relacionada com a preservação da memória afeta aos edifícios que se encontram dentro desta área, nomeadamente os Blocos de celas A e B.

O desafio da proposta desenvolvida está relacionado com a preservação destes dois volumes, que durante o Estado Novo albergaram a grande maioria dos cerca de 2500 presos políticos. Torna-se imperativo não

proceder à demolição destes dois volumes, ao contrário do que acontece nas propostas analisadas anteriormente, permitindo que estes façam parte integrante da nova construção da pousada.

Tratando-se de um projeto para uma pousada num edifício histórico, em constante diálogo com o passado, foi de extrema importância proceder à análise de alguns projetos e respetivos programas de pousadas, realizados no mesmo tipo de edificado. Essa análise serviu para perceber quais os conceitos dessas abordagens, no que diz respeito ao diálogo com o passado, bem como a escala dos espaços que compõe uma pousada com o mesmo número de quartos, neste caso cerca de trinta.

Procurou-se estabelecer um programa interno relativamente simples, composto por grandes zonas que proporcionam o funcionamento da unidade, como uma zona de quartos de habitação temporária, uma zona de refeições, uma zona de banhos, uma zona de estar e receção, uma zona cultural/expositiva e uma zona de serviços da pousada. Este seria o programa base para o desenvolvimento do projeto, realizado com plena consciência que estaria sujeito a alterações no decorrer do processo criativo, aliado ao desenvolvimento da proposta.

IMPLANTAÇÃO

Modificação do locus - construir uma nova volumetria

A construção de qualquer edifício implica sempre a alteração do seu lugar, como também da forma como este é visto. Esta é uma das consequências do tipo de espaço que se projeta e do público que o vai frequentar. A introdução de um novo programa na Fortaleza de Peniche, nomeadamente uma pousada, tem como consequência, um maior fluxo de pessoas nesta zona da cidade, bem como no interior do monumento.

A grande maioria serão turistas que podem ser divididos em dois grupos, os que se encontram apenas de visita ao monumento devido à sua história e os que permanecem alojados na pousada por tempo determinado.

Existe a necessidade de estudar quais serão os possíveis movimentos destes dois grupos dentro do monumento, para a elaboração de determinadas regras no que diz respeito à distribuição do programa e a consequente circulação de pessoas pelo complexo.

O funcionamento de uma pousada implica que esteja sempre aberta para novos hóspedes e para os que estão a frequentar o espaço no momento. Existem ainda as movimentações do staff da pousada e dos restantes espaços em funcionamento na fortaleza, como o museu e o centro de arquivo.

O ato de projetar uma pousada para um espaço com vários programas a funcionar em simultâneo, implica

pensar qual a melhor solução para relacionar as novas volumetrias com a envolvente, pensar também como este novo programa e edificado prevê as relações entre turistas, hóspedes, staff da pousada, trabalhadores do museu e centro de arquivo com a envolvente e a cidade.

A fortaleza encontra-se numa zona relativamente isolada da cidade, marcada pela baixa densidade urbana que a envolve. A observação das plantas da península de Peniche deixam claro que o monumento se afasta da cidade e se fecha em si mesmo, abrindo-se exclusivamente para o oceano.

As decisões relativamente à implantação dentro deste espaço confinado pelas muralhas que o cercam, carecem de um estudo alargado sobre a envolvente próxima do monumento. A existência de um grande terreiro à sua volta criou a necessidade de agarrar o monumento ao resto da cidade. Para responder a esse problema chegou-se à conclusão que qualquer programa que se desenvolva na fortaleza não pode representar apenas um ponto no mapa da Peniche, é necessário haver uma ligação ao resto das construções fortificadas da cidade. O ponto transforma-se numa linha, sendo que a fortaleza representa o seu começo ou fim .

Construir um novo edifício dentro dos limites da fortaleza pressupõe uma avaliação prévia do espaço que se encontra disponível e da área necessária para a sua

*“No outro extremo, transformar um edifício, ampliá-lo, construir um novo, conectar dois ou mais existentes, etc, supõe alterar o *genius loci*. Ainda que não resulte fácil definir o espírito do lugar, já que a sua aura e a sua atmosfera transcendem as descrições arquitetônicas e só parecem conciliar-se com a linguagem poética. A psicologia da percepção veio dar ênfase a conceitos como imagem da cidade, preexistências ambientais, memória coletiva, permanências e outros: quis-se informar sobre a necessidade de estabilizar as imagens da cidade.”*⁰⁵³



[89] Vista aérea sobre a Fortaleza de Peniche.

053. GRACIA, Francisco, *Construir en lo Construido*. Madrid: Edição Nerea, 2001. (3a edição), p.178.

construção. Dos cerca de 6000 m² que contemplam a área de intervenção, tornou-se necessário pensar onde seriam implantadas as novas construções referentes aos espaços comuns da pousada. A implantação que é apresentada no projeto não surgiu de forma imediata, o seu desenho resulta de uma maturação de várias hipóteses, que respondiam a diferentes ideias.

A proposta de demolição do Bloco D tornou claro que a implantação do novo edificado deveria tomar o seu lugar e servir de pano de fundo para os dois blocos de celas que se iriam reabilitar. O desenvolvimento do programa gerou uma série de condicionantes para o projeto. No caso da implantação, não só as construções estariam limitadas a uma área em específico da fortaleza, como também deveriam tornar-se o mais independentes possível, para permitir o acesso aos diversos espaços que, apesar de pertencerem à pousada, poderiam ser usados pelo público em geral.

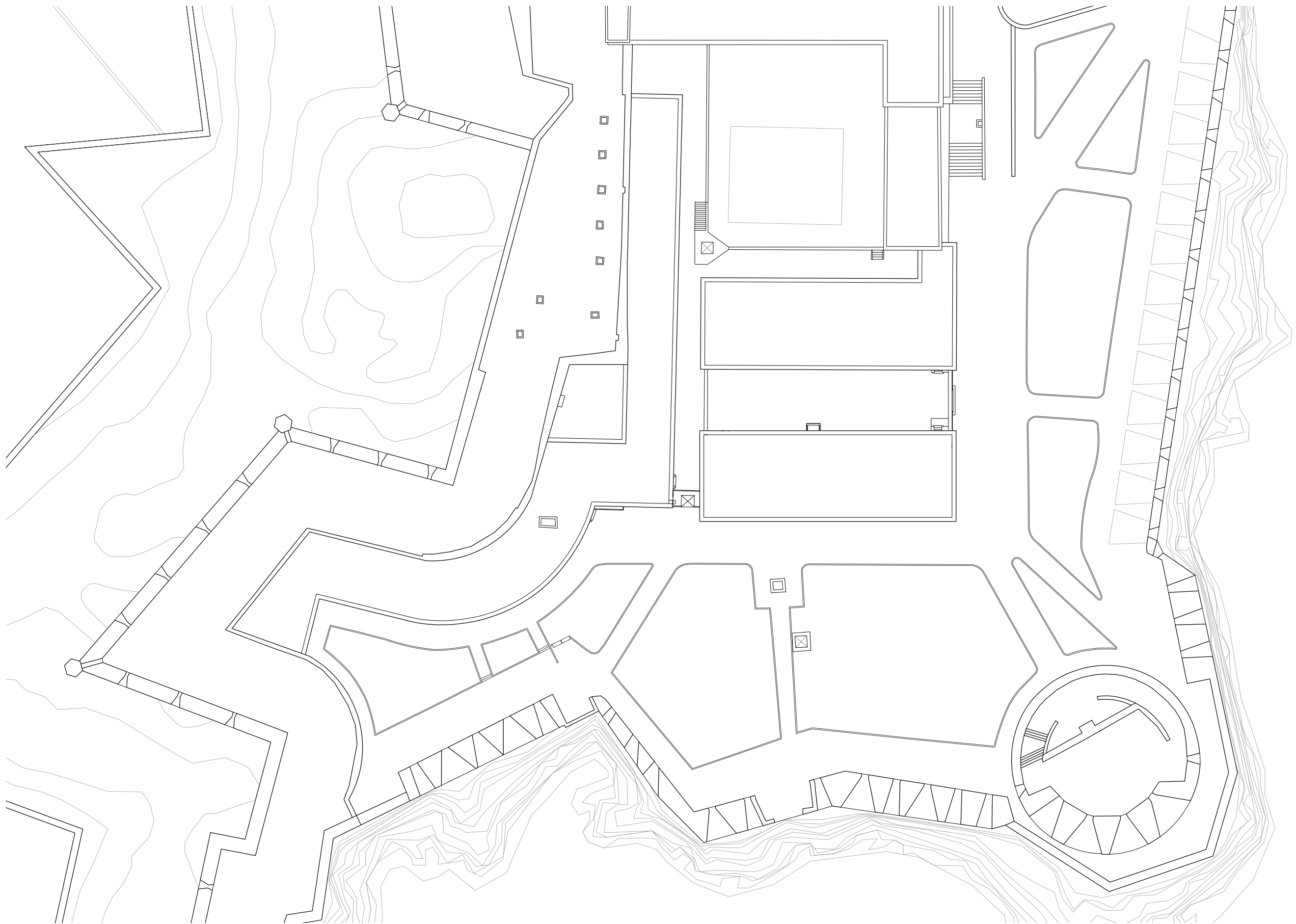
Esta condicionante veio obrigar a um pensamento mais aprofundado sobre a distribuição do programa, mais concretamente a garantia de quatro acessos distintos para públicos diferentes, com a dificuldade de conciliar uma volumetria coesa e equilibrada em relação com a envolvente.

O resultado dessa distribuição do programa refletiu-se no conjunto de entradas projetadas para responder aos diferentes públicos que frequentam cada espaço. A entrada na pousada, para os hóspedes, faz-se através da nova construção entre o Bloco A e B; a entrada no restaurante, pelo público em geral faz-se, no próprio edifício; a entrada para a zona de banhos faz-se também na própria construção e a entrada do staff, relacionado com a pousada, faz-se junto da muralha, entre o edifício de banhos e o restaurante.

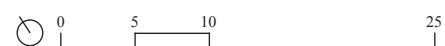
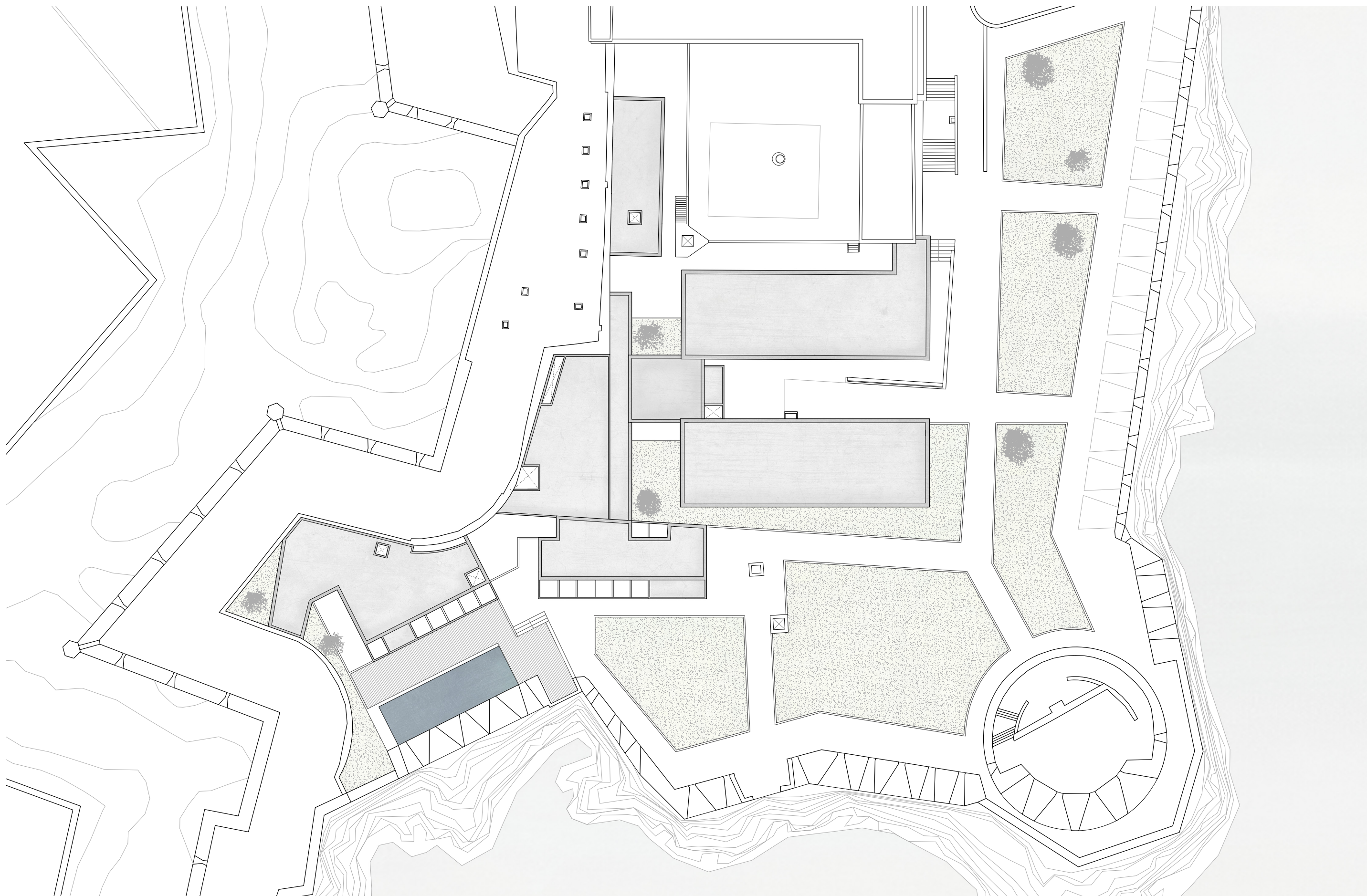
A escolha da implantação apresenta-se como um momento chave no desenvolvimento do projeto, pois é nesta fase que se começa a pensar nas possíveis formas de distribuição do programa.

A responsabilidade a que obriga a intervenção num monumento como o da Fortaleza de Peniche, tem ainda o acréscimo da dificuldade existente na conciliação de uma nova volumetria com a reabilitação dos edifícios preexistentes que, para além de criar um diálogo próprio, tem de valorizar o conjunto urbano que o rodeia, tanto ao nível arquitetónico como social.

Este projeto surge como uma oportunidade de dar a devida dignidade ao monumento da Fortaleza de Peniche e à sua envolvente urbana.



[90] Planta de cobertura da Fortaleza de Peniche, escala 1:500.



[91] Proposta de projeto, planta de cobertura da Fortaleza de Peniche, escala 1:500.

*“As coisas têm que ser conspurcadas, contraditórias, têm que ter um drama, uma certa tensão e contradições próprias para se aguentarem, não podem estar em equilíbrio, pretendi sempre e gosto sempre de ter ambientes antagônicos nos meus projetos, momentos muito rigorosos, muito defendidos, cortados por pedras, conflitos entre vernaculares e racionalismos, nunca ser uma obra olímpica acabada... e isso em quase todas as obras, há sempre as partes fechadas, quase obscuras, as partes muito brancas em gesso, as partes muito rugosas em pedra, os alçados baixos, outros altos. Parece sempre igual, mas acho eu, é sempre diferente. (...)”*⁰⁵⁴

054. SOUTO DE MOURA, Eduardo, *Entrevista a Eduardo Souto de Moura*. Revista Politis, 1990, Arquivo Escritório Souto Moura, Arq. S.A.

DEMOLIÇÕES

A subversão dos espaços e as demolições exteriores e interiores

*“Pretendeu-se aqui um diálogo, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura. Tal diálogo constitui um método por meio do qual se sintetizaram as duas vertentes complementares a considerar na recuperação de uma preexistência: o conhecimento rigoroso da sua evolução e dos seus valores, através da arqueologia e da história, e uma concepção criativa na avaliação desses valores e na elaboração do processo da sua transformação.”*⁰⁵⁵

A análise histórica que é apresentada nos capítulos anteriores permitiu a compreensão da evolução da volumetria da Fortaleza de Peniche, desde o seu traçado original do século XVI, até aos dias de hoje. Esse estudo foi essencial para perceber o valor de cada acrescento, de cada nova construção no complexo e quais as qualidades espaciais que se criaram com as alterações.

Como referido anteriormente, as funções que os edifícios da área de intervenção desempenharam no passado não são inteiramente compatíveis com o desenvolvimento de uma pousada. As áreas dos pavilhões A, B e D foram dimensionadas para responder às necessidades de uma prisão e necessitam de sofrer as alterações indispensáveis para o programa proposto.

Uma das premissas estabelecidas para o desenho da pousada foi a preservação das áreas que poderiam

integrar o novo programa, numa tentativa de preservar o máximo possível da memória dos espaços prisionais, ao contrário das propostas anteriormente apresentadas para a pousada da fortaleza que contemplavam a demolição total dos edifícios que fazem parte da área de intervenção, apagando uma memória que faz parte do monumento desde a sua construção.

As demolições realizadas fazem parte do exercício de projeto e têm como objetivo transformar um edifício prisional inativo numa pousada. Estas alterações realizam-se de duas formas: uma primeira, intuitivamente, com o objetivo de dar dignidade ao conjunto edificado, mesmo antes de se ter uma ideia clara do programa e projeto que se vai desenvolver; a outra, com demolições que vão surgindo de forma natural, do exercício de desenho desenvolvido, através de ideias para uma nova organização do espaço.

Uma das alterações mais significativas apresentadas no projeto é a demolição completa do Bloco D. Enquanto o Bloco A e B foram construídos numa tentativa de replicar a antiga implantação da fortaleza militar, o Bloco D tinha a função de servir os espaços da cadeia, tendo sido edificado junto à muralha com uma forma pouco ortodoxa, apresentando uma fraca relação com a envolvente construída, perdendo-se a ideia de conjunto.

O conceito de subverter os espaços e as suas

055. TÁVORA, Fernando, *Pousada de Santa Marinha*. In Boletim da DGEMN Guimarães. N.º 130 (1985), p.77.

atmosferas está presente em todo o projeto. Quando se estudou as demolições a realizar no exterior do conjunto edificado, ficou claro a necessidade de abrir os poucos espaços de recreio da antiga cadeia para a envolvente e para os próprios edifícios. O resultado desse estudo passou pela demolição, por completo, dos muros que conformam os antigos pátios, de forma a poder-se vislumbrar o espaço público do monumento, assim como a paisagem e edifícios envolventes. No projeto apresentado, o muro que fecha o pátio de recreio entre o Bloco A e B foi demolido, bem como os muros que conformam o pátio de recreio da cisterna grande.

O conceito de manter a memória visual dos edifícios a reabilitar teve um grande impacto no tratamento das fachadas. O facto de se tratar de dois Blocos de celas com uma métrica regrada, tanto a nível interno como de alçados, tornou a sua adaptação para zona de quartos relativamente fácil. As demolições propostas para as fachadas são ao nível do piso térreo do Bloco B, onde se projetam algumas salas de estar e zona de cafetaria. Os vãos existentes nesta zona apresentam as mesmas dimensões que os dos restantes edifícios, com a particularidade de se encontrarem menos espaçados, pois correspondiam às zonas de refeição. O espaço desenhado

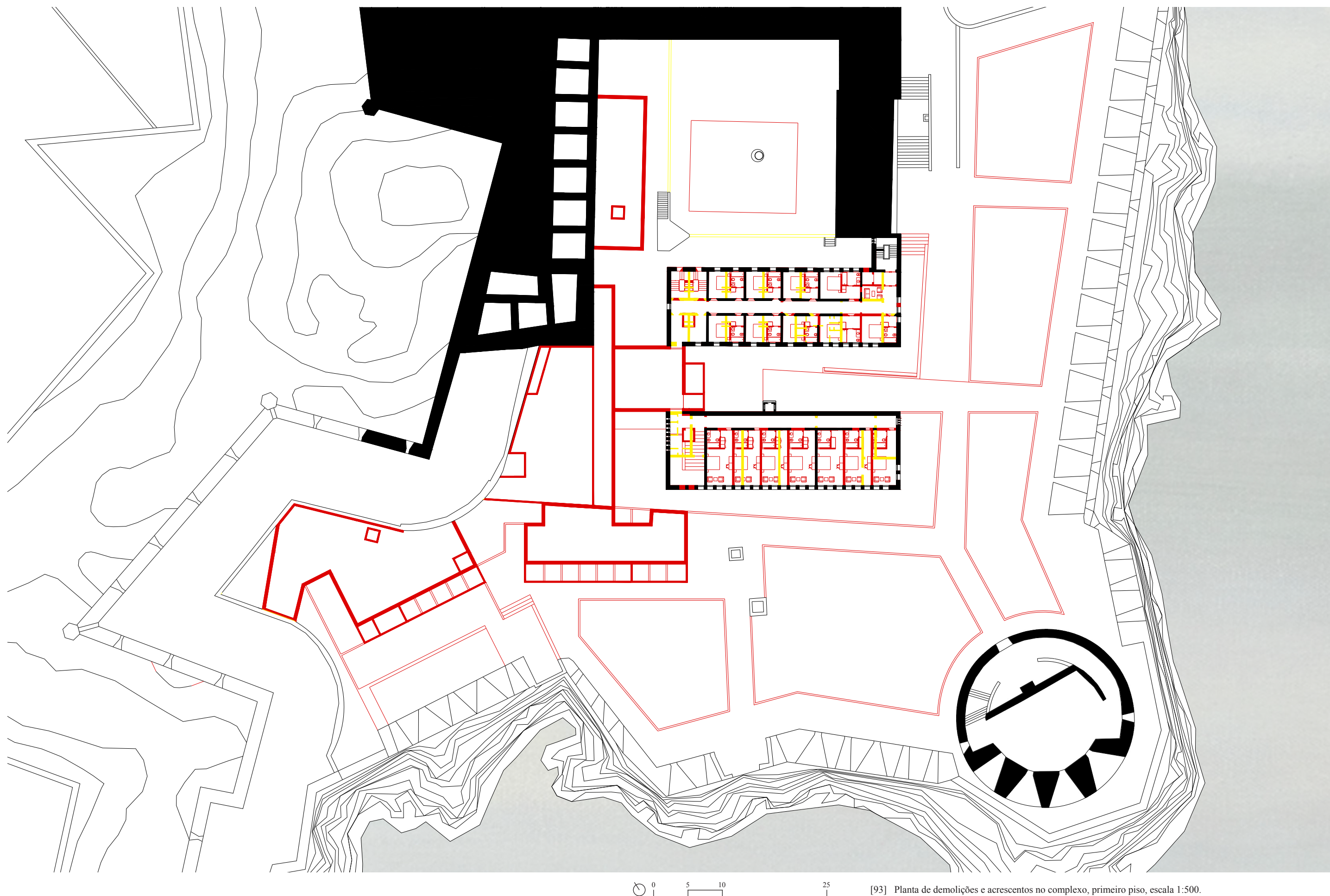
para o piso térreo tem um carácter mais público, para contemplação do exterior, o que levou a uma subversão do tratamento de alçado, através da demolição da parede exterior no alinhamento do alçado dos pisos superiores. Projetam-se, assim, dois panos de vidro, de alto a baixo, um na fachada que se encontra voltada para o pátio de recreio entre o Bloco A e B; outro na fachada voltada para as ameias da muralha, a nascente. As demolições projetadas para o interior, surgem como resposta à adaptação das antigas celas da cadeia ao programa dos quartos da pousada.

No Bloco A procede-se à demolição total das paredes divisórias das celas comuns, devido às grandes dimensões que estes espaços apresentam, mantendo-se apenas a parede divisória do corredor, o que veio permitir um melhor aproveitamento das áreas do edifício e uniformizar o tamanho dos quartos da pousada. No Bloco B mantem-se as paredes do corredor central de todos os pisos, bem como as portas preexistentes. As demolições realizadas surgem do desenho de um novo tipo de quarto, justificado pelas pequenas dimensões das celas individuais, e levando a que, no projeto estas sejam agrupadas duas a duas, através da demolição das paredes divisórias.



0 5 10 25

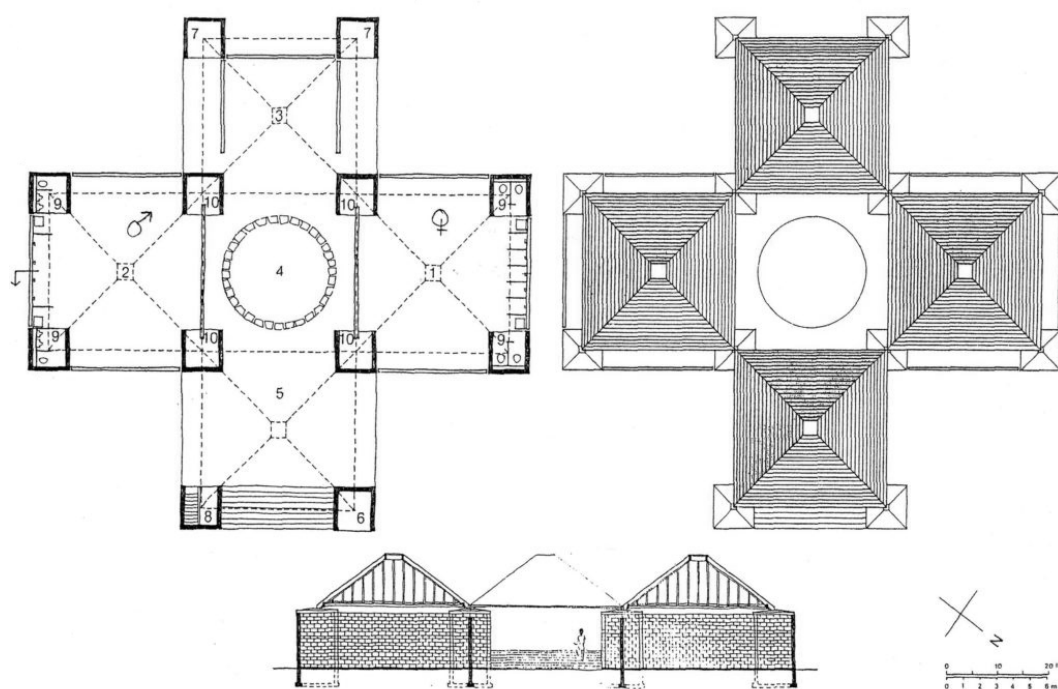
[92] Planta de demolições e acrescentos no complexo, piso térreo, escala 1:500.



0 5 10 25

[93] Planta de demolições e acrescentos no complexo, primeiro piso, escala 1:500.

“The Trenton Bath House has been widely accepted as the building in which Kahn first made the full distinction between “servant” and “served” space. Kahn did not flinch from acknowledging the impact this discovery had on his future development, always making clear that “servent” and “served” provided a way for him to define his architectural path. (...) I discovered a very simple thing. I discovered that certain spaces are very unimportant and some spaces are the real raison d’etre for doing what you’re doing. But the small spaces were contributing to the strength of the larger spaces.” ⁰⁵⁶



[94] Trenton Jewish Community Center Bath House de Louis Kahn.

056. SOLOMON, Susan G, *Louis I. Kahn's Trenton Jewish Community Center*. New York: Princeton Architectural Press. 2000, p136.

DISTRIBUIÇÃO

Pensar a distribuição do programa de uma pousada

O ponto de partida para a distribuição programática da pousada passa pela compreensão das relações entre os diferentes utilizadores. É estabelecida uma fronteira no que diz respeito aos direitos de acesso ou restrições do uso de determinados espaços por estes utilizadores.

Os espaços apresentados nesta proposta podem ser separados em dois grupos opostos, os espaços servidos e os espaços destinados a servir. A separação clara, existente entre os dois tipos de utilizador, facilita o desenho das diferentes possibilidades de distribuição do programa. Esta distribuição é fundamentada na relação existente entre os dois tipos de espaço, aos quais estão associados dois tipos de utilizadores, os temporários, neste caso os hóspedes da pousada, e os fixos, que correspondem ao staff da mesma. A solução para a distribuição do programa resulta da relação entre utilizadores e os espaços que utilizam, com o objectivo primordial de reduzir ao mínimo o número de cruzamentos entre estes dois grupos. A distribuição não obedece a regras estanques, definições preexistentes de aplicabilidade obrigatória. Ela surge do projeto, mas sobretudo das opções que se vão tomando e consequentemente das prioridades que passo a passo vão surgindo, bem como das alterações que se introduzem. O resultado final tenta ser a melhor resposta aos vários percursos impostos pelos diversos utilizadores.

Hóspede - o utilizador temporário

Enquanto utilizador, o hóspede é de todos os elementos, o que usa os espaços da pousada durante o menor intervalo de tempo, apenas durante o período de hospedagem.

Apresenta-se no entanto como o utilizador central, sendo que os acessos às salas de estar, de refeições, bar, quartos e zonas exteriores devem ser projetados de forma a facilitar a sua utilização. Os acessos para cada um destes espaços deve ser não só imperceptível como também diferente dos utilizados para as grandes zonas de serviço de forma a reduzir o contacto com os funcionários da pousada.

Durante o dia a circulação de hóspedes faz-se maioritariamente pelo piso térreo, num eixo horizontal, pelas diferentes salas e espaços exteriores, à noite efetua-se no eixo vertical pelas zonas de quartos e respetivos corredores. Todo o programa acessível aos hóspedes pode ser percorrido internamente a partir do hall de entrada, sendo a única exceção a zona de banhos, que por uma questão de privacidade para com o público da fortaleza em geral, se situa num edifício separado dos restantes. Ainda assim, é contemplado um percurso exterior, pautado por zonas cobertas e descobertas em galeria, para facilitar o seu acesso.

Staff - o utilizador fixo

Durante todo o ano, o staff apresenta-se como o elemento mais constante da pousada, tendo a função de receber e servir os hóspedes que chegam.

Enquanto elemento silencioso, as suas ações deverão ser desempenhadas o mais subtilmente possível, apresentando-se nas zonas nobres o mínimo de tempo possível e regressando às zonas de serviço.

A forma como se realiza a circulação do staff, por todo o edifício, está diretamente relacionada com o bom funcionamento do programa, sem este elemento a pousada não funciona. Contudo, o mau planeamento destes percursos pode ser extremamente prejudicial ao bem estar dos hóspedes.

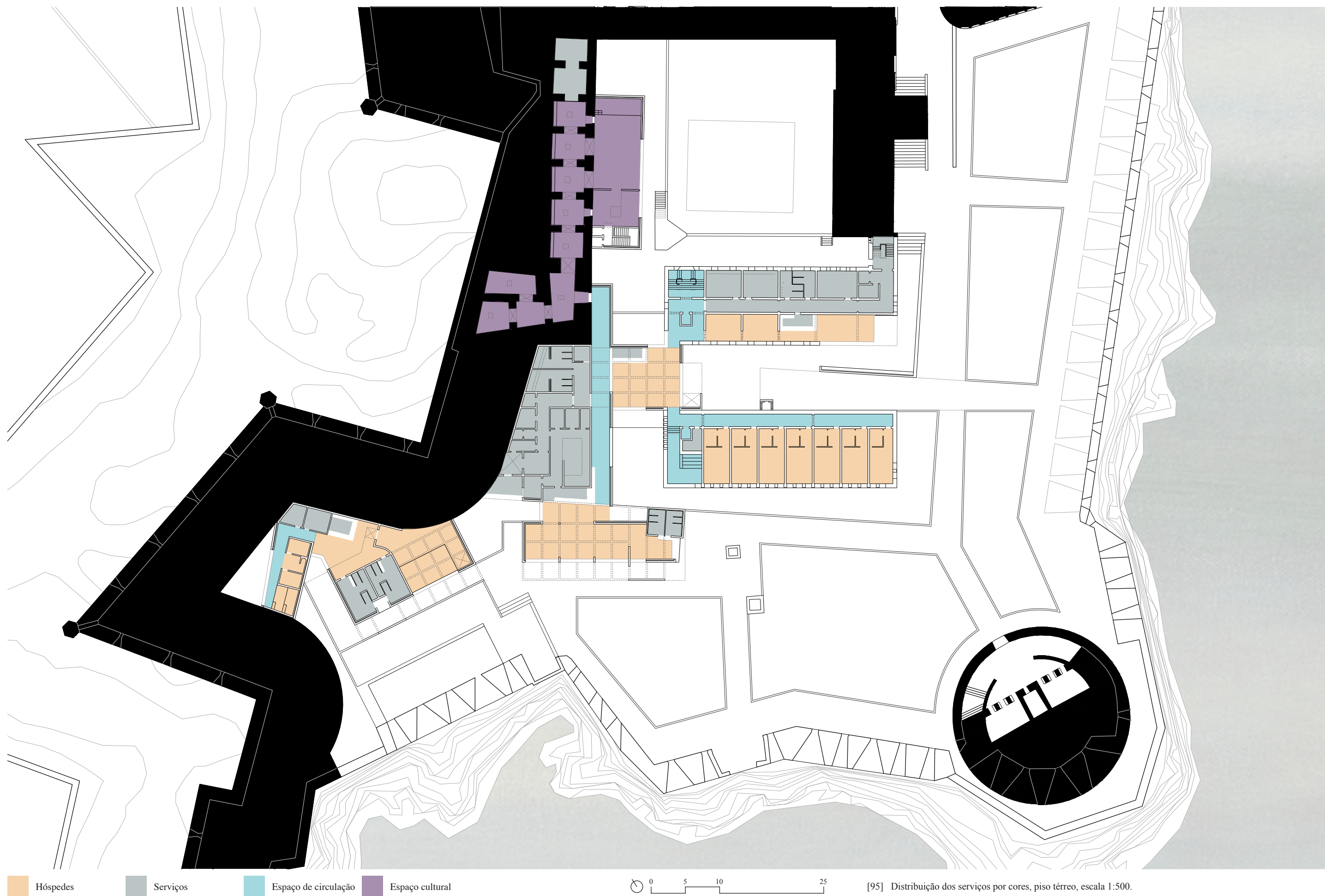
Por uma questão logística, os espaços dedicados ao staff encontram-se distribuídos em duas grandes zonas, existindo uma zona de serviço para o restaurante e outra para o uso normal da pousada.

Os seus acessos localizam-se em zonas menos nobres do programa, numa tentativa de tornar imperceptível para o hóspede a existência destes espaços. A entrada para as zonas de servir, afetas ao restaurante, encontra-se junto dos quartos de banho do hall de entrada, mas também se pode realizar diretamente pelo exterior na zona de cargas e descargas. As salas para o staff relacionadas com o funcionamento da pousada têm

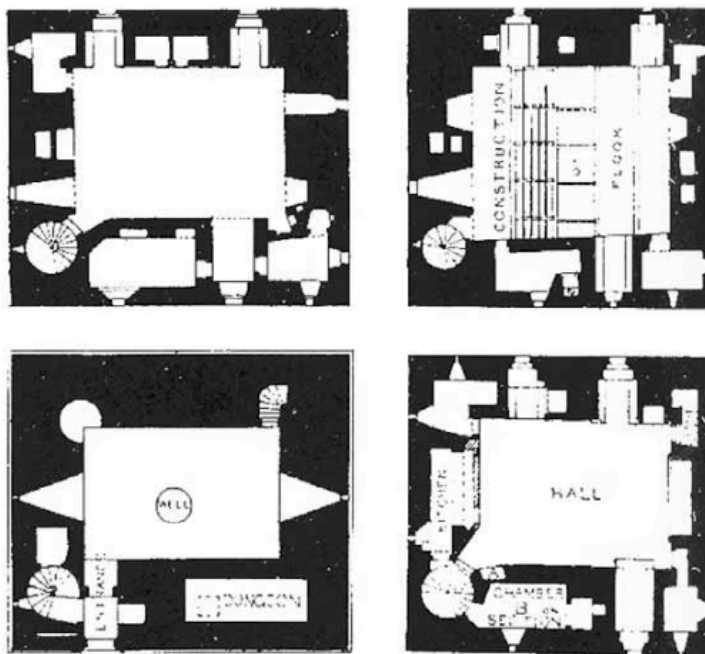
a sua entrada junto dos acessos verticais do Bloco B, numa zona mais acessível a todos os quartos da pousada e por uma questão de proximidade ao balcão de atendimento, da recepção no hall de entrada.

A reflexão realizada em relação à distribuição dos diferentes espaços, não pode ser tida apenas como um exercício de adição e subtração do programa, é necessário também um elevado grau de pragmatismo e imaginação para prever os percursos que cada elemento poderá realizar na pousada. Os diferentes espaços não podem ser pensados de forma individual, têm de pertencer a um conjunto interligado entre si, o pensamento recai não só nas sensações e formas de estar em cada um destes espaços, como também na forma de chegar até eles.

Esta organização surge numa fase de exploração do tipo de implantação a adotar, sabendo que a forma global do edifício vem condicionar a disposição dos espaços existentes e dos percursos que são realizados entre todos os espaços. O desafio da distribuição do programa deve-se ao facto de não se tratar exclusivamente de uma disposição no sentido vertical, o que tornou fundamental o desenho das fronteiras para cada utilizador e dos percursos entre cada espaço.







[97] British Castle Floor Plan Sketeches by Kahn.

GEOMETRIA

Medidas e formas dos espaços - Disposição

O estudo da organização funcional do programa relaciona-se com a distribuição dos diferentes espaços da pousada, do mesmo modo, a maneira como estes são distribuídos e as formas que adquirem relacionam-se com a sua disposição.

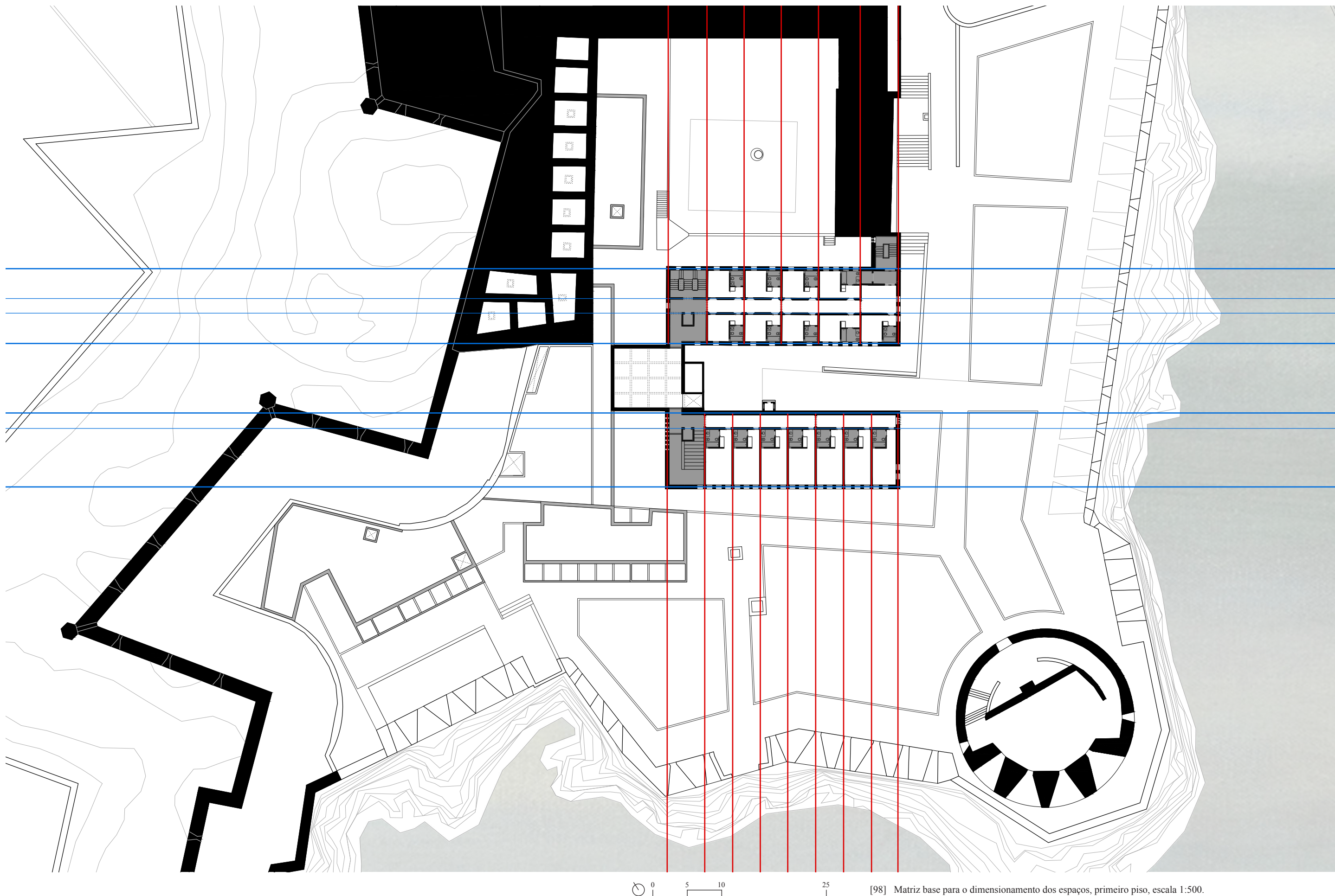
As questões geométricas surgem no projeto como uma exigência desta disposição, na medida em que é a ferramenta que solidifica, tanto em planta como em corte, as diversas áreas do programa em formas geométricas. No projeto apresentado, o espaço arquitetónico é criado através de uma ideia de sensibilidade geométrica, às diferentes formas assumidas pelos espaços que correspondem a modos diferentes de estar, de circular, de o sentir.

O desenvolvimento do projeto procura conciliar uma reabilitação de dois edifícios preexistentes com uma nova volumetria. Apesar de se tratar de um só projeto, procurou-se distinguir, nos vários aspetos que o formam, estes dois tempos de construção. A geometria

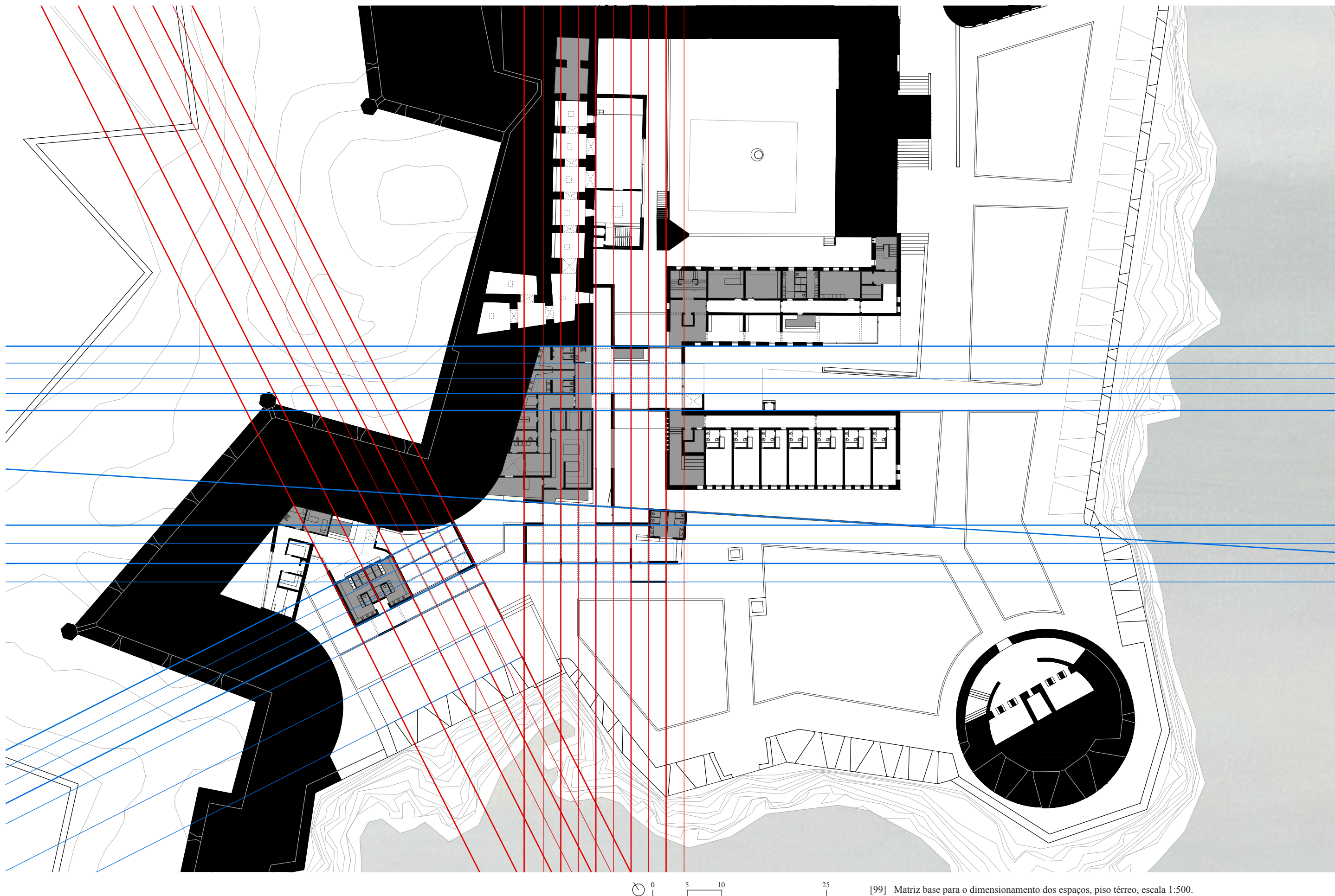
que os espaços assumem não é exceção. Os espaços reabilitados seguem uma matriz, uma malha que se funde na que é desenvolvida nos espaços construídos de raiz. As diferenças existentes entre os espaços de servir e servidos, também tem implicações no que diz respeito à disposição e consequente forma geométrica dos espaços desenvolvidos.

O estudo desenvolvido ao longo dos anos por Louis Kahn, mais concretamente a organização interior dos espaços de servir e servidos acabou por se tornar numa referência para o tratamento das áreas de serviço da pousada. Nos castelos, os serviços desenvolviam-se nas paredes grossas que conformavam as grandes salas de estar, espaços servidos,⁰⁵⁷ na proposta da pousada a disposição das áreas de serviço, procura seguir essa lógica ao fundirem-se na geometria das estruturas a reabilitar, de maneira a criar no centro os espaços de estar comuns aos hóspedes da pousada.

057. David B. Brownlee and David G. De Long. *Louis I. Kahn: In the Realm of Architecture*. Grand Rapids: Universe, 1997, p.155.



[98] Matriz base para o dimensionamento dos espaços, primeiro piso, escala 1:500.



[99] Matriz base para o dimensionamento dos espaços, piso térreo, escala 1:500.

Espaço reabilitado

A geometria dos espaços presentes nos edifícios a reabilitar respondiam ao programa da cadeia. No caso do Bloco A, podem-se observar um conjunto de salas de maior dimensão devido ao facto de terem sido utilizadas como celas comuns, enquanto no Bloco B, as celas individuais resultam numa geometria muito mais contida, pela pequena dimensão de cada cela. As demolições efetuadas ao nível do interior resultam em uma reestruturação da métrica existente: o alçado do Bloco A assume-se como catalizador da nova disposição dos quartos, estes de maior dimensão; por outro lado as duas celas que se juntam para formar os sucessivos quartos, redesenham a métrica do Bloco B.

As diferenças existentes entre os alçados dos dois edifícios, torna impossível a utilização de apenas uma grelha estrutural. Contudo, as semelhanças de escala entre as duas métricas objetivam a ideia de contenção que se pretendida para as área dos quartos.

Os quartos desenvolvidos para a pousada encontram-se divididos em duas tipologias diferentes, de acordo com a sua disposição e forma, o que se reflete no modo de os ver e sentir. O redesenho da métrica existente no Bloco A teve como consequência a criação de um quarto de dimensões mais generosas, com cerca de 30 m² e perpendicular à fachada voltada a sul. Apesar da grande profundidade destes quartos o problema da iluminação é

resolvido através do aproveitamento dos vãos existentes, contando cada quarto com três janelas. No Bloco B os quartos surgem a partir da junção de duas celas prisionais individuais, apresentando dimensões mais pequenas, com cerca de 20 m², paralelos à fachada.

O facto destes quartos terem sido projetados com uma menor profundidade, fez com que as preocupações em relação à iluminação natural não tivessem tanto impacto, a existência de dois vãos, um para a zona de dormir e outro para o quarto de banho, resolvem os problemas de iluminação natural e ventilação.

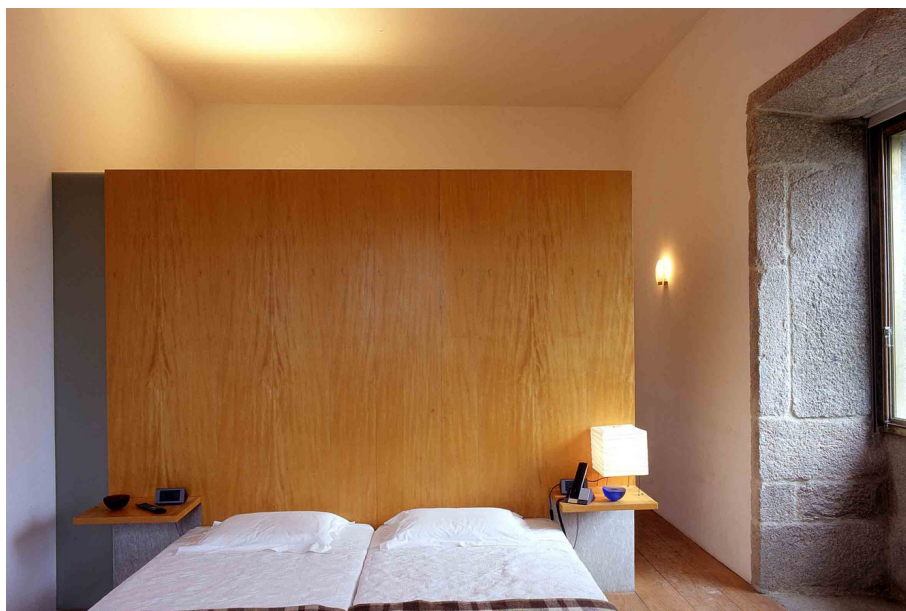
O acesso ao quarto é feito através do aproveitamento das antigas portas das celas, contando assim com duas portas por quarto, sendo que uma delas se encontra inoperacional, funcionando como parte da memória do antigo programa prisional.

O desenho dos quartos de banho privativos, surge da ideia de unidade. Para tal, são projetados dois módulos de dimensões semelhantes, totalmente revestidos a madeira, que terão de contemplar um sistema de arrumação. O contacto destas novas construções com as paredes preexistentes é feito através de um vidro fosco, recuado em relação aos painéis de madeira. O afastamento existente, em planta e em corte, entre as construções da cadeia e as novas estruturas que formam os quartos de banho, vem evidenciar a separação

existente entre construções do passado e do presente, uma ideia que se vai aplicando em todo o projeto.

Na proposta, o piso térreo do antigo edifício de celas individuais apresenta uma continuação da métrica estrutural dos pisos superiores. No entanto, por questões programáticas, era necessário redesenhar as paredes que fazem a divisão das salas de estar e zona de cafetaria. Estas paredes, perpendiculares à fachada

são interrompidas, para formar um espaço amplo de estar que culmina na cafetaria, com vista para as ameias da muralha e o oceano. Por outro lado, o corredor, que nos pisos superiores faz a distribuição para os quartos, é utilizado no piso térreo para a mesma função de distribuição, mas neste caso para as zonas de serviço, conseguindo assim ocultar e privar dos hóspedes os acessos às salas do staff da pousada.



[100] Quarto da pousada de Santa Maria do Bouro, Eduardo Souto de Moura.

Espaço construído

A ideia de criar uma separação clara entre os espaços rehabilitados e os espaços construídos, foi uma das premissas iniciais do projeto. A geometria das áreas comuns da pousada, como o hall de entrada, o restaurante e a zona de banhos, surge da criação de uma grelha que se vai adaptando às direções da envolvente, com a intenção de auxiliar na disposição e na geometria dos diferentes espaços que são desenhados.

O estudo das medidas e regras que definiam a construção dos dois blocos de celas a reabilitar foi essencial para o desenvolvimento desta grelha, base da definição das geometrias dos novos espaços.

A medida do módulo base desta grelha surge das dimensões das antigas celas individuais, presentes no Bloco B. Com o desenvolvimento do projeto, esta matriz deixa de ser apenas uma ferramenta auxiliar do desenho da pousada e passa a estar presente nos próprios espaços, materializando-se nos elementos estruturais, deixados à vista, que compõem o edifício. A presença desta grelha quadrangular estrutural de 2,3 metros, em todo o edifício construído, funciona como elemento ativo da memória da antiga cadeia do Estado Novo, sendo que os utilizadores destes novos espaços terão sempre presente esta medida, referência direta das celas individuais.



[101] Yale Center for British Art, Louis Kahn.



[102] “*Prisões Imaginárias*” de Giovanni Battista Piranesi.

O contacto

A materialização do espaço de relação entre os edifícios recuperados e os edifícios projetados faz-se através do hall de entrada. Este é um espaço de extrema importância, não só pela função que desempenha como ponto de chegada à pousada, mas também porque é a zona que intersecta os blocos de celas e garante os acessos verticais para as zonas de quartos.

Apesar da simetria que se verifica entre os edifícios preexistentes, o desenho dos acessos faz-se de forma a criar dois espaços completamente diferentes, como consequência das referências utilizadas. A ideia subjacente reside na subversão do desenho burocrático das escadas utilizadas na maioria dos hotéis, edifícios de habitação coletiva e estabelecimentos prisionais.

A série de desenhos “*prisões imaginárias*” realizada por Giovanni Battista Piranesi surge como uma referência para as potencialidades dos espaços dedicados aos acessos verticais das zonas de quartos dos Blocos A e B. Estes desenhos do imaginário do autor apresentam escadarias monumentais, num contexto subterrâneo, que se materializam em estruturas labirínticas de dimensões épicas, aparentemente vazias de propósito ou função.

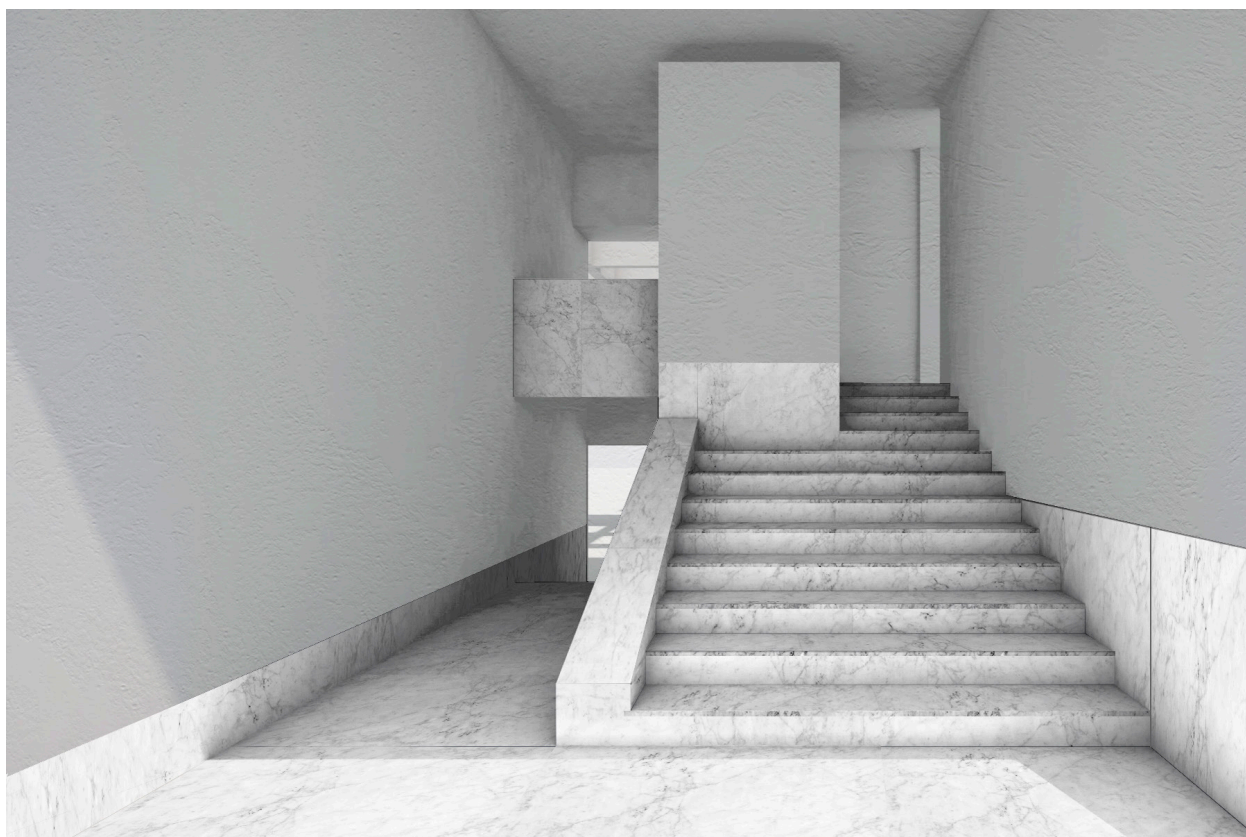
No projeto da pousada, os espaços dedicados a estes novos acessos apresentam sensivelmente as mesmas dimensões nos dois edifícios, um módulo de quarto no caso do Bloco A, enquanto no Bloco B são utilizados as áreas correspondentes a dois quartos e corredor correspondente.

A habitação Bois des Moutiers projetada por Edwin Lutyens, inspirada no movimento “*arts & crafts*”, surge como uma referência para a escadaria projetada no Bloco A. O acesso vertical desta habitação para além de cumprir a sua função de distribuição para o piso superior, cria também um espaço cénico no patamar de escadas, dedicado a pequenas performances dos moradores temporários. Também no Bloco A é projetado um espaço de estar no grande patamar de descanso, dedicado a atuações, servindo os restantes degraus como bancada. O desenho deste acesso desenvolve-se em torno da caixa do elevador, que não chega a contactar a cobertura, conferindo ao espaço uma maior amplitude.

A grande escadaria do Palácio do Bispo de Wurzburg, projetada por Balthasar Neumann serve de referência para os acessos verticais desenhados no Bloco B. Neste palácio a escadaria procura criar um espaço elevado onde o Bispo pode ver quem chega de choche ao seu palácio.

No Bloco B as escadas que são projetadas, para além da responderem à componente funcional, assumem um papel escultórico no edifício. A colocação do elevador a eixo permite fazer uma distribuição dos hóspedes para os espaços da cafeteria, presente no piso térreo, como dos funcionários para o corredor das áreas de serviço.

Em ambos os edifícios, é desenhado, no primeiro piso, um vão interior, formando um púlpito sobre o hall de entrada, com duplo pé direito.



[103] Escadaria do Bloco A.



[104] Bois des Moutiers de Edwin Lutyens.



[105] Escadaria do Bloco B.



[106] Palácio do Bispo de Würzburg de Balthasar Neumann.

ATMOSFERA

Dicotomia entre o espaço reabilitado e o espaço construído

O ato de projetar não reside apenas na materialização de um programa estabelecido, passa também pela consolidação das diferentes sensações que os vários espaços transmitem, através da forma, da textura e da luz, numa tentativa de criar para o conjunto uma ideia de espaço.

“A ideia é a síntese de todos os elementos que compõem a arquitetura (Contexto, Função, Construção, Composição).

*Como se de uma operação de alquimia se tratasse, numa destilação dos múltiplos elementos necessários para se obter um resultado único e unitário: uma ideia capaz de ser construída, de materializar-se.”*⁰⁵⁸

A ideia de reabilitar uma antiga cadeia para construir uma pousada obriga a uma reflexão de como subverter as qualidades dos espaços destinados ao isolamento e tortura, para espaços de uma pousada ligados ao lazer e à contemplação da envolvente.

A descaraterização do interior e exterior da zona referente à futura construção torna-se evidente através da análise do lugar, da documentação histórica que explica o porquê da austeridade dos diferentes espaços, como também da realização de uma visita ao interior dos Blocos de celas A e B e ao Bloco D, referente aos serviços da antiga cadeia.

Para este projeto é necessário deixar para trás a ideia do espaço prisional, para poder construir uma nova ideia, a de uma “Pousada-Museu”.

À Cadeia do Forte de Peniche correspondiam determinadas qualidades espaciais como o controlo, o poder e a punição. Propõe-se então para a construção da pousada uma subversão dessas qualidades, para dar lugar a uma arquitetura composta por ambientes simples e claros, com qualidades que surgem das novas relações entre o espaço construído, o espaço reabilitado e o espaço exterior.

O facto de se estar a construir num espaço repleto de memória, levou à elaboração de uma arquitetura simples, mas não simplista, uma arquitetura essencial, sem adereços. A construção desta atmosfera está associada à utilização de recursos simples, tal como o controlo da luz e a utilização de novos materiais que compõem os espaços.

*“A luz é uma componente essencial, imprescindível na construção da arquitetura. A luz é MATÉRIA e MATERIAL. Como a pedra. Quantificável e qualificável. Controlável e mensurável.”*⁰⁵⁹

As construções que constituem a Fortaleza de Peniche apresentam materiais, texturas e cores distintas, não por uma questão estética, mas para permitir uma

058. CAMPO BAEZA, Alberto, *A Ideia Construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004 (2ª edição, novembro de 2008), p.48.

059. CAMPO BAEZA, Alberto, *A Ideia Construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004 (2ª edição, novembro de 2008), p.48.

separação clara da cronologia do tipo de espaço a que se referem, assim sendo, podemos observar que existem dois tipos de material e textura, sendo o pigmento o fator mais fácil de diferenciar.

“Restaurar, recuperar ou reutilizar, para Távora, é sempre a busca de uma síntese que recolha o fluir do tempo e possa acolher serenamente o futuro. (...) Neste aparente paradoxo, se constrói o conceito para cada projeto, sendo que este será sempre decorrente da exaustiva análise formal e histórica de cada objecto arquitetónico. É evidentemente uma leitura pessoal, porque tem implícita uma vontade artística de formalizar uma transformação.” ⁰⁶⁰

A análise histórica deste monumento permite fazer uma separação entre as construções militares realizadas até ao século XVIII e as construções referentes à Cadeia do Estado Novo na década de 50.

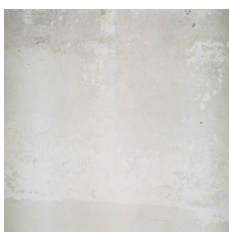
Através da visita ao local consegue-se perceber que as diferenças entre estas construções não são apenas

referentes à técnica construtiva e material utilizado, mas também à cor das superfícies que se pode observar, que corresponde à cadeia que foi construída por cima dos edifícios prisionais.

A cor amarela está patente em todas as construções que se mantiveram desde o uso militar do monumento, a branco caiado encontram-se todos os edifícios que foram construídos posteriormente, com a função de prisão política.

Fazia sentido dar continuidade a esta separação clara de cores e materiais. No que diz respeito às construções realizadas para a pousada, a resposta foi projetar todas as novas construções em betão escuro, com tratamento de jato de areia, para não só se distinguir dos restantes edifícios em termos de cor, como textura.

A dicotomia existente entre o espaço construído e o espaço reabilitado não se fica pela materialidade do exterior ou pela sua cor, também no interior são claras estas diferenças.



[107] Amarelo — Fortaleza; Branco — Cadeia do Forte; Cinzento — Pousada

060. ALVES COSTA, Alexandre, *Património: Entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida da Intimidade* in *Jornal dos Arquitectos* 213 - *A la Recherche du Temps Perdu*. Nov. / Dez. 2003 pág. 42.



[108] Pátio de entrada da Pousada.

Espaço reabilitado

Os espaços reabilitados apresentam uma atmosfera condizente com o tipo de uso que têm, neste caso o Bloco A e B destinados aos quartos de habitação temporária, apresentam o mínimo de alterações possíveis, numa tentativa de manter a memória do espaço prisional, as paredes internas de todos estes espaços continuam brancas, as portas de ferro das celas permanecem, as grades de ferro são retiradas dos vãos, sendo que a alteração mais significativa está relacionada com o tipo de pavimento a ser utilizado, a tijoleira de cerâmica dá lugar ao pavimento em mármore.

“O que é essencial no quarto é que ele seja autêntico. Não é o ter mais três ou quatro metros quadrados livres, mas é esta coisa da experiência, no sentido em que nos surpreende, de uma forma autêntica e inteligente. (...) Tentarei sempre que o projeto revele essa autenticidade, explore particularidades e vantagens da envolvente do edifício ou da circunstância, para as tornar objecto de experiências interessantes para o utilizador.” ⁰⁶¹

Existem duas tipologias de quartos: os do Bloco A, que se encontram perpendicularmente à fachada e são os maiores de toda a pousada, orientados a sudoeste, com

vista para as ameias da muralha e oceano a partir dos três vãos existentes; os do Bloco B, mais pequenos e paralelos à fachada, voltados a sudoeste e a nordeste, com vista para os antigos pátios de recreio, através de dois vãos, um deles para o quarto de banho existente.

O ambiente interno dos quartos é predominantemente branco, apenas o chão e as estruturas, mais baixas, referentes aos quartos de banho são revestidos por madeira. A mobília, também em madeira, é reduzida ao mínimo e procede-se ao redesenho do móvel-tipo que fazia parte de cada cela prisional.

Dos espaços reabilitados, apenas o piso térreo do Bloco B se destina a espaços comuns, as salas de estar e cafetaria recebem a luz, vinda do pátio mais pequeno, através dos vãos da antiga cadeia. Por uma questão de escala, é necessário tornar esta zona num único espaço contínuo, marcado pelo ritmo criado pelas paredes estruturais que advêm dos outros pisos e são utilizadas para a construção do mobiliário fixo de apoio à cafetaria.

Os espaços de serviço, destinados à gestão da pousada, encontram-se voltados para o pátio da cisterna grande. Por motivos de conforto o pavimento utilizado é, uma vez mais, o soalho de madeira.

061. SERÓDIO, João Pedro - *Hospitalidade: depoimento*. [Porto, 18 de Junho, 2008]. In TAVARES, Luís (coord.) - *Chain Reaction: Reacção em Cadeia: Transformações na Arquitectura do Hotel*. Porto: Fundação de Serralves, 2008, p. 157. Entrevista concedida a Paula Santos e Paulo Martins Barata.



[109] Restaurante e Torre do Redondo.



[110] Casa de Chá da Boa Nova, Álvaro Siza.

Espaço construído

O desejo de criar uma dicotomia entre os espaços reabilitados e os espaços construídos torna-se evidente quando se analisa as atmosferas criadas para cada uma destas áreas.

A ideia de simplicidade e clareza no desenho mantém-se em todas as novas construções, mas a atmosfera que estes espaços transmitem acaba por sofrer algumas alterações, não só pelo tipo de desenho, como também pelo material utilizado e luz que procura captar.

O espaço construído desenvolve-se ao nível do piso térreo e faz a ligação entre o passado recente, neste caso os edifícios prisionais, e o passado mais longínquo, referente às construções militares. Torna-se importante que este momento de cruzamento entre diferentes épocas fique marcado por uma mudança no tipo de atmosfera que os espaços transmitem.

As novas construções representam um terceiro momento na história do monumento, um terceiro uso e, como tal, decidiu-se que a textura e pigmento do material fosse diferente das restantes construções.

O betão aparente acaba por ser a imagem dos espaços interiores e exteriores, não só nas paredes que revestem os edifícios como também na estrutura que se encontra à vista ao longo dos espaços, fazendo a transição entre o interior e o exterior. A cor escura deste material, bem como a rugosidade que apresenta, derivada do

tratamento de jato de areia a que está sujeito, faz com que o projeto da pousada apresente três tonalidades e texturas distintas, de acordo com a cronologia das construções.

O espaço de entrada na pousada é marcado pelo duplo pé direito e o revestimento das paredes em betão que continua nas vigas descobertas ao longo de todos os espaços, numa tentativa de mostrar a métrica que estrutura todo o programa interno.

Tratando-se de um espaço de entrada e distribuição para o restante programa, foi necessário subverter o tipo de pavimento utilizado nos edifícios reabilitados, a madeira dá lugar ao mármore e cobre todo o chão.

A axialidade foi um fator importante no desenho deste espaço e torna-se perceptível no desenho dos vãos, existindo um pano de vidro até ao chão por trás do balcão da receção a norte e outro a sul que dá acesso ao pátio entre a nova volumetria e o Bloco A.

Transpõe-se esta simetria para os pórticos de ligação entre os diferentes espaços, o acesso aos Blocos A e B encontram-se frente a frente, bem como o acesso ao restaurante e, por oposição, aos espaços culturais da pousada. O espaço dedicado ao restaurante apresenta igualmente o betão como material predominante, tanto no seu revestimento exterior como nas paredes internas e estruturas de vigas cruzadas que se deixam à vista.



[111] Complexo balnear no baluarte do Alto da Vela.



[112] Piscina da estalagem Muchaxo, Praia do Guincho.

O ritmo marcado por esta estrutura tem consequências diretas na marcação dos vãos e na distribuição das mesas da sala de refeições. As janelas de alto a baixo de correr, utilizadas neste espaço criam a ideia de continuidade para o exterior, pautado pelas ameias das muralhas e o oceano. Sendo um espaço voltado a sul com vãos até ao chão, existe a necessidade de resolver a questão do sombreamento, para tal a estrutura interna é transposta para o exterior formando uma galeria.

O uso da madeira faz-se em todo o mobiliário existente no restaurante, como também no pavimento, criando um ambiente mais acolhedor.

O volume dedicado ao auditório encontra-se em constante contacto com a sala polivalente que se localiza nos antigos paióis da fortaleza militar. A ideia para este espaço está relacionada com a ausência de barreiras visuais entre o monumento militar e a obra projetada. Para se conseguir essa atmosfera é necessário interromper as paredes de pedra da muralha que formam os antigos paióis com a abertura de pórticos encimados com arcos de volta perfeita. A sala polivalente é composta por uma sucessão de espaços quadrangulares, correspondentes aos paióis, estes têm um pé direito de

sete metros e são iluminados individualmente através de uma claraboia. As paredes, em pedra desta área contrastam com o betão aparente que conforma todo o interior do auditório, a única exceção é o pano de vidro que garante a iluminação natural do espaço e a visão para o pátio da cisterna grande.

O edifício correspondente aos banhos segue a mesma linguagem dos restantes, fazendo uso do betão aparente e a métrica da estrutura de vigas que se prolonga para o exterior e assegura o sombreamento dos diferentes espaços. A piscina interior debruça-se sobre o exterior através de um pano de vidro contínuo, podendo observar-se as ameias da muralha e a piscina exterior. Uma das particularidades deste espaço é o facto de a parede de fundo corresponder à antiga muralha de pedra emparelhada, embora o contacto nunca chegue a existir devido à presença de uma claraboia a todo o comprimento.

O contacto direto existente entre as novas construções e as muralhas da fortaleza verifica-se também na piscina exterior, onde os utentes da mesma aproveitam a vista sobre o oceano através do ritmo das aberturas das ameias da muralha.

DIÁLOGO COM O PASSADO

Relação do novo edificado com os edifícios antigos

As ideias e desenhos desenvolvidos até à proposta final tiveram, desde o início, a preocupação de criar um diálogo constante com as preexistências. Este diálogo criado entre construções de diferentes épocas, surge tanto numa ideia de continuidade como de ruptura ou oposição, tendo sempre presente as preocupações de se estar a projetar para um monumento de grande valor histórico.

O valor de um edifício é sempre relativo, variando de caso para caso, de pessoa para pessoa, qualquer alteração realizada na Fortaleza de Peniche tem de ser feita com uma grande sensibilidade, pelos momentos que foram vividos naquele espaço. A memória coletiva presente neste monumento é algo que não pode ser posta em pé de igualdade com outros edifícios a reabilitar, este foi o palco de uma das maiores cadeias do Estado Novo, um espaço ligado a um dos momentos mais sombrios da história de Portugal.

As constantes alterações que se deram desde o traçado original, como por exemplo a construção de uma cadeia a partir da demolição de parte dos edifícios militares, fez com que a grande maioria dos seus espaços perdessem a sua configuração original. O trabalho de reabilitação proposto para o projeto afasta-se do restauro, devido à descaracterização dos espaços que formavam a cadeia. No caso da proposta apresentada,

a preservação da memória coletiva, para o público que visita o monumento, faz-se pela preservação do desenho arquitetónico das fachadas dos blocos de celas, não pelas suas qualidades extraordinárias, mas pelo peso histórico que acarretam.

A imagem exterior da fortaleza tornou-se numa referência da cidade de Peniche, mantendo uma áurea intocável desde a libertação dos últimos presos. Mesmo quem nunca tenha entrado naquele espaço ou visitado o interior dos edifícios em atividade, consegue reconhecer facilmente o monumento em questão. A transformação deste monumento num ícone, num símbolo da cidade, resultou da repetição e propagação de uma imagem exterior, para fins turísticos de toda a região, desta imagem apenas se mantém a memória visual das fachadas, assim como do espaço exterior que a compõe.

Com o objetivo de destacar e trazer a devida dignidade aos dois blocos de celas, alvo de reabilitação, procedeu-se à demolição dos muros que ligavam estes edifícios, este gesto permitiu, ao mesmo tempo, expor o contacto criado entre os edifícios reabilitados e o novo construído. Colocar estes dois edifícios em destaque levou a repensar o tipo de contacto entre o passado e o presente, a nova intervenção não procura de forma alguma ser lida como um acrescento das antigas construções, que utiliza a mesma linguagem arquitetónica.



[113] Pátio de entrada da Pousada.



[114] Faculdade de Arquitetura em Tournai, Aires Mateus.

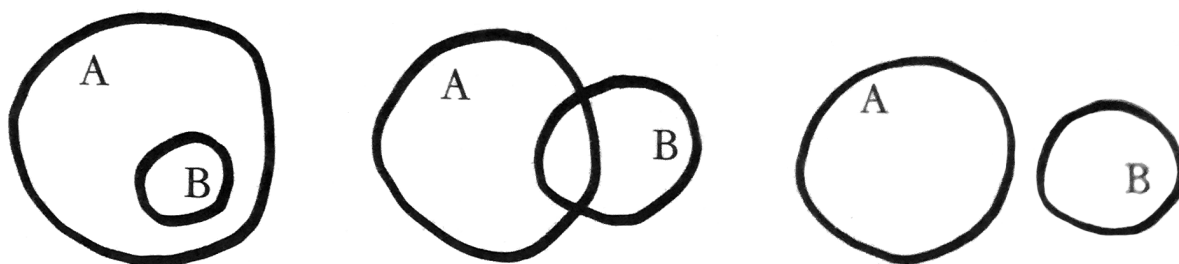
*“Al hablar de intervenciones arquitectónicas en ámbitos espaciales contruidos no está de sobra enunciar algunos principios fundamentales para establecer bases operativas de cara a la composición o al diseño. Así, es fácil entender que la relación primaria, en términos topológicos, entre una forma existente (A) reconocible por sus límites y una nueva aportación formal (B) responde a una de estas tres posibilidades: inclusión, intersección y exclusión.”*⁰⁶²

A intersecção dos antigos edifícios de celas com as novas construções, resulta da vontade de fazer uma ligação interna de grande parte do programa da pousada, conferindo a devida unidade ao projeto. Esta ligação não surge de forma imediata no desenho de projeto, houve

desde início a necessidade de estudar as diferentes possibilidades para este contacto. A experimentação das três possibilidades de relação entre duas formas, apresentadas por Francisco Gracia, inclusão, intersecção e exclusão, teve um papel importante na solução que é apresentada na proposta de projeto.

A ideia de exclusão acaba por ser imediatamente posta de parte devido ao facto de se tornar impossível fazer o atravessamento do programa ao nível do piso térreo. O que levou ao desenvolvimento de uma solução que abraçasse todo o edificado preexistente através das novas construções, deixando em destaque grande parte das fachadas dos edifícios preexistentes.

O desenho destes pontos de contacto fazem parte de um exercício tridimensional, onde as plantas e os alçados assumem um papel preponderante.



[115] Inclusão, intersecção e exclusão. Francisco Gracia.

062. GRACIA, Francisco - *Construir en lo Construido*. Madrid: Edição Nerea, 2001. (3ª edição), p.187.



[116] Hall de entrada.

Articulação em planta e alçado

O contacto entre o novo edificado e os edifícios reabilitados faz-se através da receção e hall de entrada, apresentando-se como o principal espaço de distribuição da pousada. Este novo espaço de articulação, apresenta um duplo pé direito e constrói-se entre os dois blocos de celas a reabilitar.

O diálogo existente entre construções de tempos diferentes, neste caso a cadeia do Estado Novo e a pousada, foi alvo de um estudo alargado sobre a melhor forma de conciliar o programa com construções de duas épocas distintas. Constatou-se que era fundamental existir o contacto para a distribuição dos hóspedes, mas deveria ser projetado de forma a que quem chega ao monumento, consiga ver uma clara separação na linguagem arquitetónica, não só pelo material utilizado, como também pela separação física criada num primeiro plano, resultando no afastamento das paredes que compõem a fachada das novas construções das paredes antigas.

A articulação entre fachadas mostrou-se, desde o início, como a mais importante, na medida em que interferia diretamente com a imagem do monumento para o público que o visita, o que a tornou, também por isso, mais complexa de realizar. A ideia por trás do desenho

das articulações das novas fachadas com as antigas, está na criação de um momento de pausa, de transição entre a linguagem utilizada nos edifícios prisionais e a aplicada nos novos, referentes aos espaços comuns da pousada.

Em planta, o diálogo que o projeto procura manter com os edifícios preexistentes relaciona-se com o vazio, com um espaço amplo de chegada, que faça a distribuição dos hóspedes. No que diz respeito aos alçados, procura manter uma relação através do cheio, da massa.

A aproximação ao desenho dos vãos realizou-se de maneira silenciosa, procurando que os novos vãos seguissem sempre a altura máxima dos preexistentes nos edifícios prisionais, e, similarmente as paredes de betão armado acompanhassem essas mesmas alturas.

Não fazia sentido continuar a métrica e o dimensionamento dos vãos das celas, devido à relação que se pretendia criar entre o interior e o exterior nos espaços comuns da pousada.

O aspecto mais importante nos contactos que foram projetados reside na subversão, no afastamento da linguagem utilizada nos blocos do Estado Novo, procurando, ao mesmo tempo, manter sempre uma continuidade visual através dos alinhamentos que se seguiram.

*“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: ‘Não há mais que ver’, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomençar a viagem. Sempre.”*⁰⁶³

063. SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*. Editorial Caminho, junho 2011.

EPÍLOGO

Surge, enfim, o último momento da presente dissertação — a materialização das ideias que estiveram na gênese do projeto desenvolvido. São apresentados os vários desenhos técnicos que compõem a pousada, começando pela sua integração na cidade de Peniche, até às peças individuais que a formam. Não se pretende no entanto que estes desenhos sejam vistos isoladamente, mas sim como uma resposta aos capítulos de análise apresentados anteriormente, surgindo como uma conclusão desenhada para as questões levantadas ao longo da dissertação.

O programa de uma pousada para a Fortaleza de Peniche manifesta-se como um desafio, que liga a vontade de preservar a memória dos espaços prisionais, a um uso completamente oposto, o de lazer.

As propostas de pousadas apresentadas no passado, faziam uma demolição total dos edifícios pertencentes à área de intervenção, no entanto o projeto idealizado vem propor uma série de mecanismos que permitem a recuperação e subversão dos mesmos, alterando a imagem negativa relacionada com a utilização do

monumento durante o Estado Novo.

Os desenhos apresentados vêm mostrar que existe a possibilidade de conciliar o programa da pousada com os usos militar e prisional, pertencentes ao passado, sem existir a necessidade da demolição dos edifícios mais marcantes da Fortaleza de Peniche - os blocos de celas.

A falta de consenso existente em relação ao futuro programa a aplicar nos espaços abandonados, desde a libertação dos últimos presos políticos, tornou-se numa barreira a ser transposta. Segundo Álvaro Siza, a escolha do programa para um edifício desta importância não pode partir do arquiteto, mas sim das pessoas que a ele estão ligados, seja por uma relação de proximidade ou pelas memórias deixadas pelo próprio espaço.

O projeto, realizado no decorrer da dissertação para a Pousada da Fortaleza de Peniche, encontrava-se finalizado quando a polémica gerada em torno do programa a ser desenvolvido no monumento fica definitivamente resolvida. A solução para o futuro da Fortaleza de Peniche não passa pela construção de uma pousada.

Que seja devolvido a Peniche o monumento que nunca lhe pertenceu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João de — *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa: s.n., 1946.
- APPLETON, João — *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e tecnologias de Intervenção*. Amadora: Edições Orion, 2003.
- CALADO, Mariano — *Peniche na história e na lenda*. Peniche: 4a ed., Ed. de Autor, 1991.
- CALADO, Mariano — *Da ilha de Peniche*. Lisboa: Ed. Autor, 1994.
- CALADO, Mariano — *Fortificações da região de Peniche*. s.l: Ed. Autor, 2000.
- CAMPO BAEZA, Alberto — *A Ideia Construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004 (2ª edição, novembro de 2008)
- CANNATÁ, Michele — *Construir no Tempo: Souto Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi*. Lisboa: Estar, 1999.
- CHOAY, Françoise — *Alegoria do Património*. 3a edição. Lisboa: Edições 70, 1999.
- GRACIA, Francisco — *Construir em lo Construído*. Madrid: Edição Nerea, 2001. (3ª edição),
- MONEO, Rafael — *Inquietud teórica y estrategia proyectual: en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*. Barcelona: Actar, 2004.
- SIZA, Álvaro — *Álvaro Siza: Uma Questão de Medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009.
- SIZA, Álvaro — *Textos 01*. Porto: Civilização Editora, 2009.
- SOLOMON, Susan G — *Louis I. Kahn's Trenton Jewish Community Center*, New York: Princeton Architectural Press, 2000.
- TAVORA, Fernando — *Da Organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações, 1999.
- URAP — *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*. Papelmunde, 1ª edição. Abril, 2017.
-
- ALVES, Ana Rita de Abreu Gomes — *Intervenções no Construído: o projeto do convento das Bernardas de Eduardo Souto de Moura*. Porto: FAUP 2007/2008, Prova Final de Licenciatura em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- AGUIAR, Raul Ferreira — *Hotel turismo da Guarda. De hotel-modelo a hotel-escola: proposta*. Porto: FAUP 2015/2016, Prova Final para Mestrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- MONTEIRO, Ana Catarina Gomes Castro — *O Tema da ruína na obra de Eduardo Souto de Moura: Uma reflexão sobre o valor da memória na prática de projeto*. Porto: FAUP 2008/2009, Prova Final para Licenciatura em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

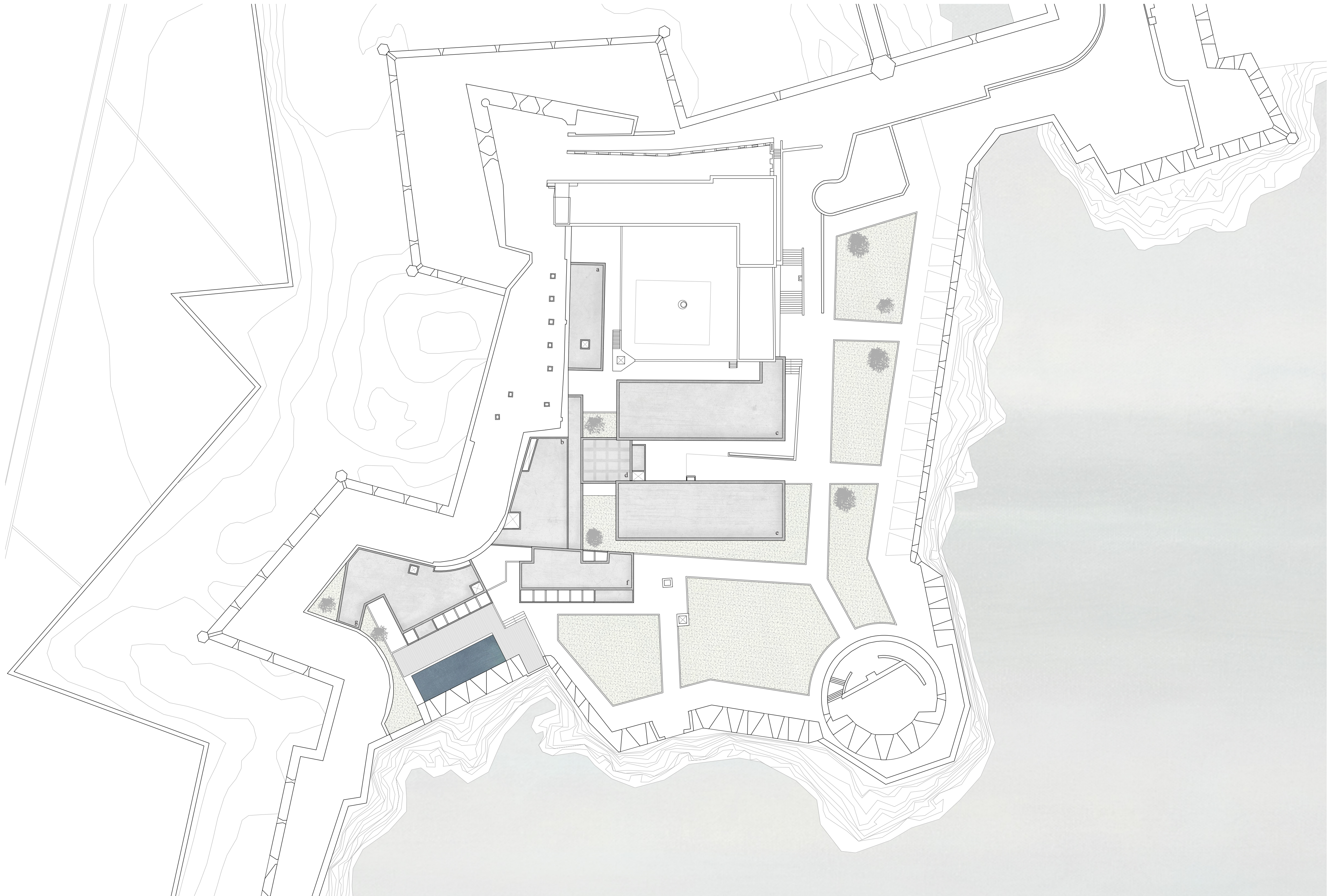
REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

- [4] Retirada da internet em http://fortalezas.org/galeria_busca_lista_mostra.php?id_midia=004474. [consult. 18 de novembro 2016]
- [8] Retirada da internet em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3338. [consult. 28 de abril 2017]
- [13] Retirada da internet em http://3.bp.blogspot.com/_blepQVvY52g/SwQAgt-yr6I/AAAAAAAAACKQ/6-Xb9ahvjs/s1600/img102+copie.jpg. [consult. 22 de maio 2016]
- [15] Retirada da internet em http://3.bp.blogspot.com/_blepQVvY52g/SwQAgt-yr6I/AAAAAAAAACKQ/6-Xb9ahvjs/s1600/img102+copie.jpg. [consult. 28 de junho 2017]
- [18] Retirada da internet em <http://2.bp.blogspot.com/-JtrwiTpHV4U/Uv-OkAyhTfI/AAAAAAAAABWk/Mu3OZl3t6rg/s1600/forte+de+peniche.jpg>. [consult. 30 de maio 2017]
- [30][31][32] Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direção de Infra-Estruturas do Exército
- [34][35][36] Retirada da internet em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004063. [consult. 9 de junho 2017]
- [41][43] Retirada da internet em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004063. [consult. 12 de dezembro 2016]
- [46] Retirada da internet em www.luminous-lint.com. [consult. 15 de junho 2016]
- [47] Retirada da internet em http://3.bp.blogspot.com/-klboy8CIPH0/UL32qhHvVJI/AAAAAAAAALHA/k_OZjg_2HAo/s1600/Manuel+Rodrigues+Júnior.jpg [consult. 2 de maio 2016]
- [47] Retirada da internet em http://lh4.ggpht.com/-giAenjveD1Q/ThxtX-OoqrI/AAAAAAAAIIM/AghfHW05_x0/Eng%2525C2%2525BA%252520Duarte%252520Pacheco%252520%2525281899-1943%252529_thumb%25255B3%25255D.jpg?imgmax=800 [consult. 30 de junho 2017]
- [47] Retirada da internet em http://3.bp.blogspot.com/-mD5A1pOF2Dg/Vd81QYkNaI/AAAAAAAAAmk/19NchehYhgl/s320/img_0202.jpg [consult. 7 de janeiro 2017]
- [48][49][50][51][52][53][54] DGEMN - Comissão das Construções Prisionais, 1948.
- [57] Retirada da internet em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004063. [consult. 14 de junho 2016]
- [71][72] Retirada da internet em <https://atb23.net/ficheiros/imagens/noticias/558.jpg>. [consult. 19 de abril 2017]
- [78][79] Retirada da internet em http://www.cm-peniche.pt/_uploads/FortalezaPeniche/FortalezaPeniche_Reuniao-publica_28Dez2016.pdf. [consult. 10 de junho 2017]
- [82] Retirada da internet em <https://imagens.publicocdn.com/imagens.aspx/1096730?tp=UH&db=IMAGENS>. [consult. 25 de maio 2015]
- [83][84][85] Retirada da internet em http://www.cm-peniche.pt/_uploads/convencao%20V/PousadaFortaleza_VConvencao.pdf. [consult. 15 de junho 2016]
- [94][97] Retirada da internet em http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1122&context=hp_theses. [consult. 24 de abril 2016]
- [100] Retirada da internet em <https://i.pinimg.com/originals/d8/f5/42/d8f54235193e1182374170df06e24f73.jpg>. [consult. 15 de junho 2017]
- [101] Retirada da internet em http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1122&context=hp_theses. [consult. 23 de julho 2017]
- [102] Retirada da internet em http://www.italianways.com/wp-content/uploads/2013/12/IW_Piranesi_Tav-XIV_ArcoGotico.jpg. [consult. 23 de dezembro 2016]
- [103] Retirada da internet em http://farm3.static.flickr.com/2316/2439345231_c2b10fc07e.jpg. [consult. 15 de julho 2017]
- [105] Retirada da internet em https://www.boisdesmoutiers.com/Img_2012/pointdevue11-01-12.jpg. [consult. 22 de julho 2017]
- [113] Retirada da internet em https://images.divisare.com/images/dpr_1.0f_auto,q_auto,w_800/v1/project_images/4370795/Aires-Mateus-TOURNAI---03/aires-mateus-faculdade-de-arquitectura-em-tournai.jpg. [consult. 23 de julho 2017]

A POUSADA DA FORTALEZA DE PENICHE

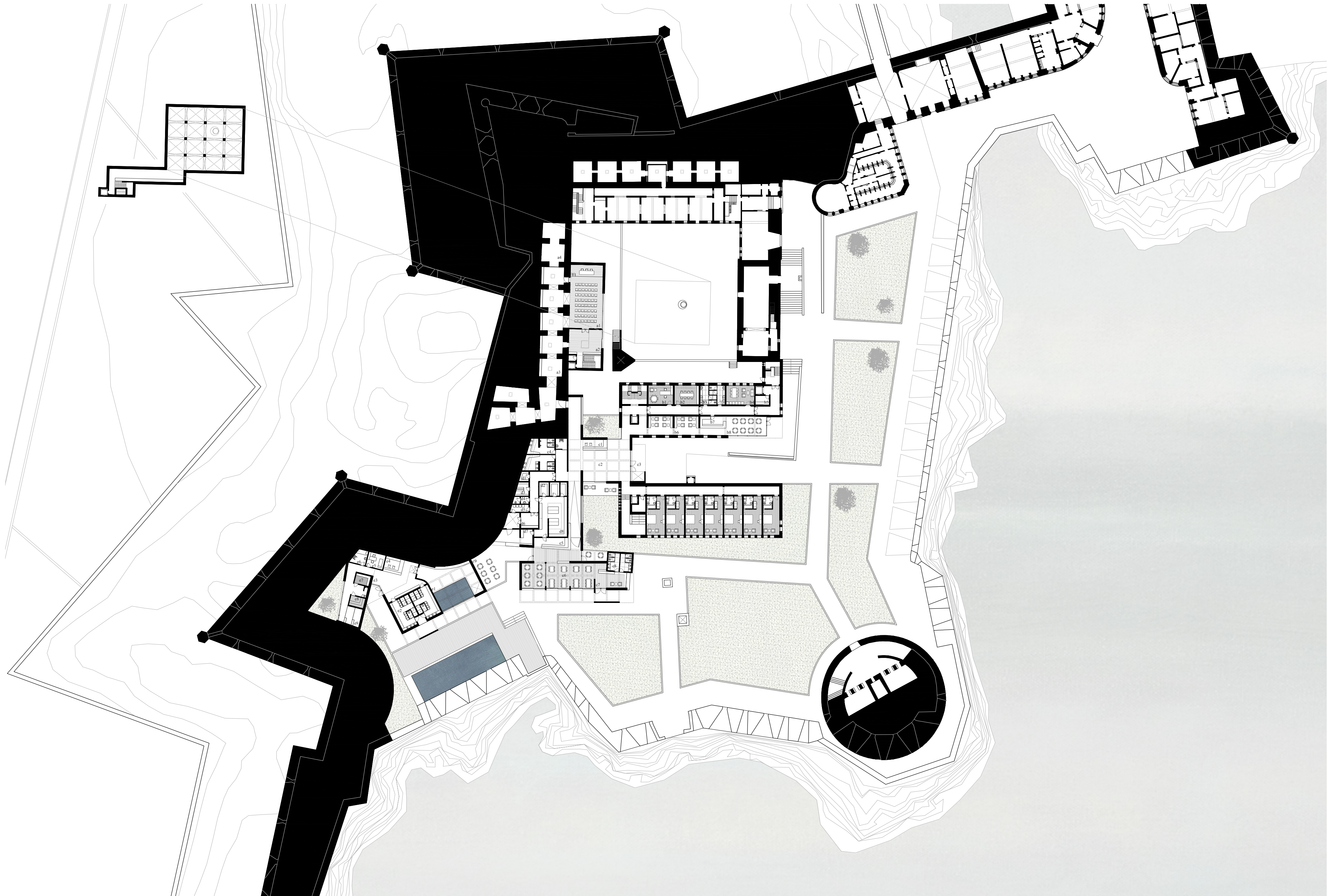
Sumário das peças desenhadas

- I Planta de implantação, escala 1:5000
- II Planta de cobertura, escala 1:500
- III Planta do piso térreo, escala 1:500
- IV Planta do primeiro piso, escala 1:500
- V Perfis do conjunto, escala 1:500
- VI Planta do Bloco A e restaurante, piso térreo, escala 1:100
- VII Planta do Bloco B e zona cultural, piso térreo, escala 1:100
- VIII Planta do Bloco A e B, primeiro piso, escala 1:100
- IX Planta dos quartos A e escadaria, escala 1:50
- X Planta dos quartos B e escadaria, escala 1:50

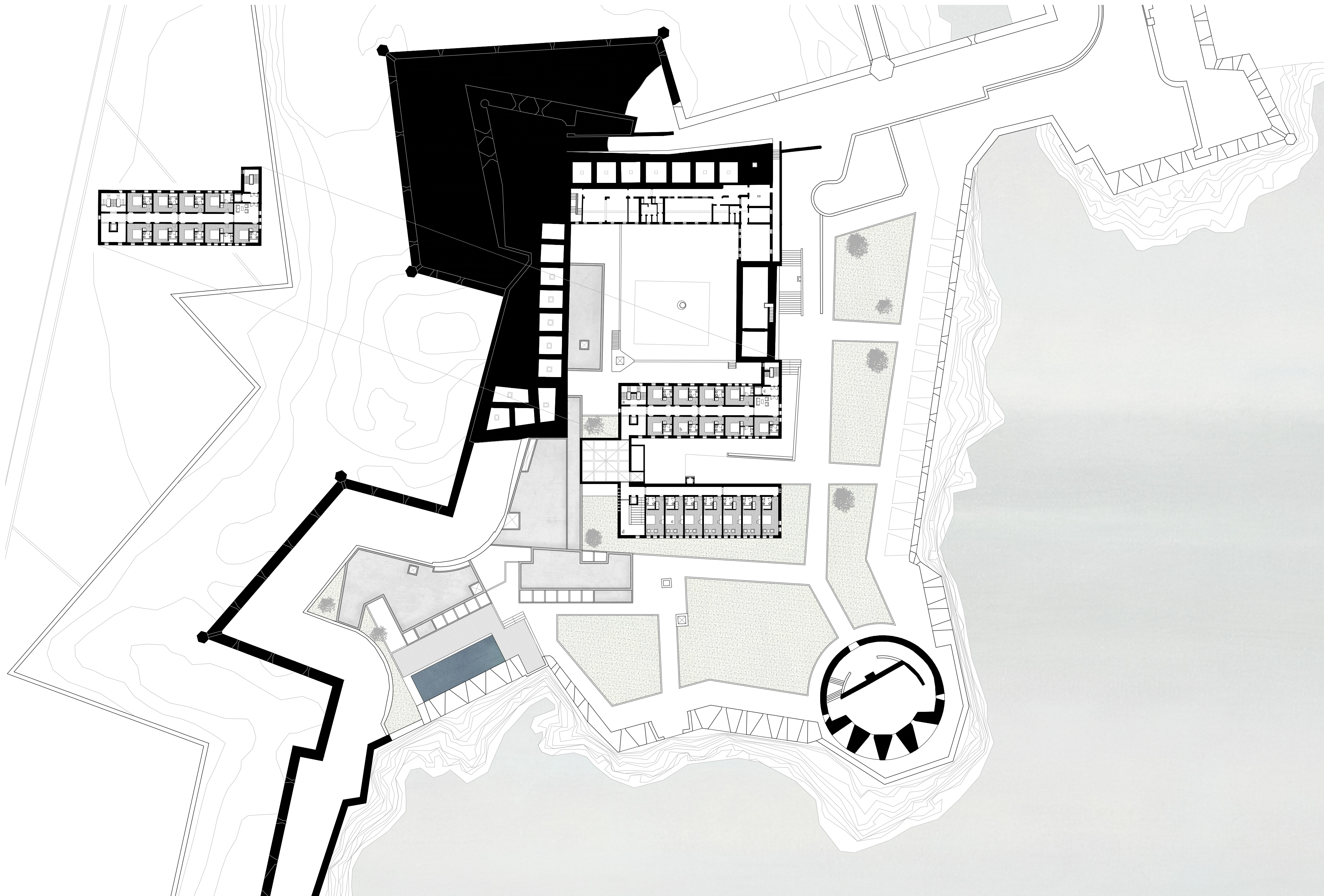


a - espaço cultural
b - serviços
c - bloco B
d - hall de entrada
e - bloco A
f - restaurante
g - complexo balnear

0 5 10 25
Pousada da Fortaleza de Peniche
II - Planta de coberturas
Escala 1:500



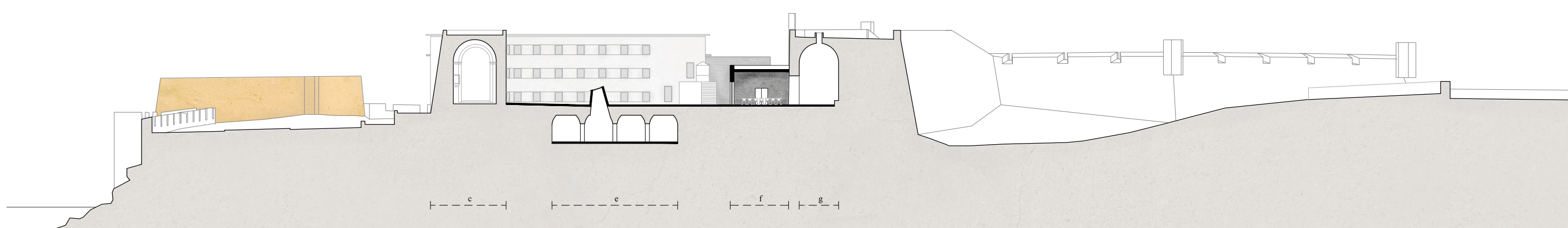
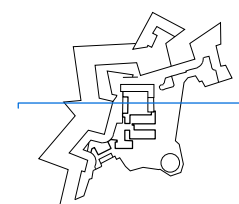
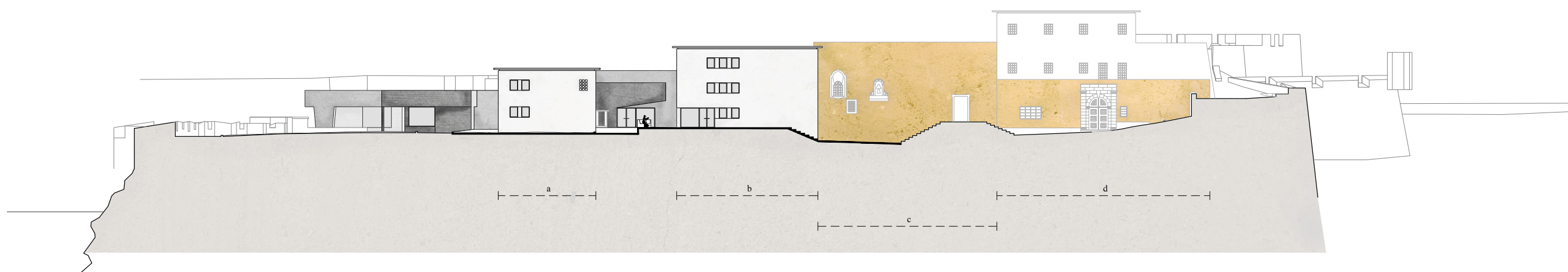
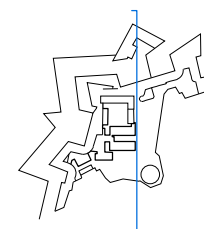
- | | | | | | | | | | |
|-------------------------|----------------------------|----------------------------|--------------------------|----------------------------|---------------------------|-----------------------------|-----------------------|----------------------------|----------------------|
| a1 - auditório | b1 - sala da direção | b5 - lavanderia | c1 - balcão da recepção | c5 - balcão do restaurante | c9 - esplanada exterior | d4 - sanitário de serviço | d8 - cozinha | e4 - balcão de atendimento | e8 - sauna |
| a2 - foyer | b2 - sala de reuniões | b6 - sala de estar | c2 - hall de entrada | c6 - sala de refeições | d1 - despensa de dia | d5 - depósito do lixo | e1 - piscina interior | e5 - gabinete médico | e9 - sala de repouso |
| a3 - sala de exposições | b3 - balneários de serviço | b7 - balcão de atendimento | c3 - corta vento | c7 - entrada público geral | d2 - câmaras frigoríficas | d6 - recepção de mercadoria | e2 - balneários | e6 - balneário mobilidade | |
| a4 - arrumos | b4 - sala de funcionários | b8 - cafetaria | c4 - sanitários hóspedes | c8 - sanitários | d3 - armazém seco | d7 - bar exterior | e3 - entrada | e7 - banho turco | |



a - escadaria A
b - quarto tipo bloco A
c - acessos de serviço
d - quarto tipo bloco B
e - escadaria B

0 5 10 25

Pousada da Fortaleza de Peniche
IV - Planta do primeiro piso
Escala 1:500

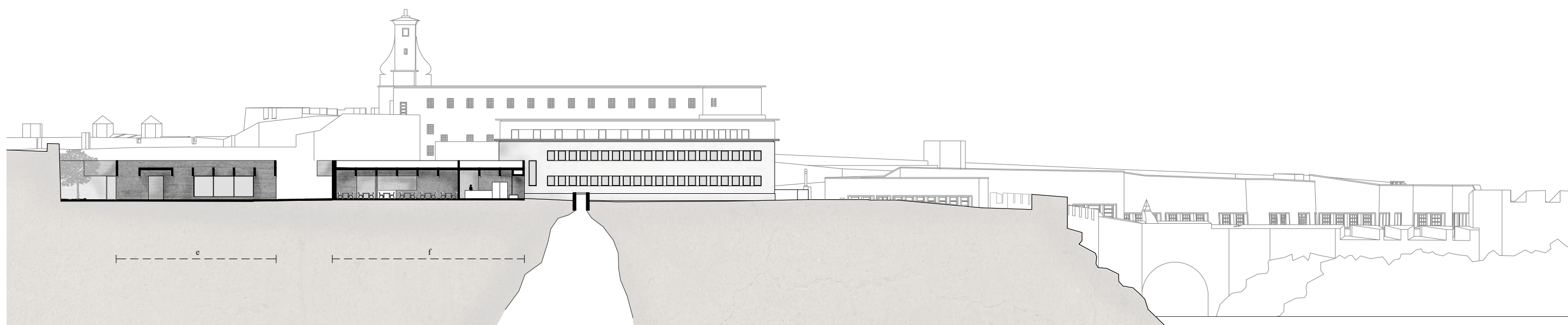
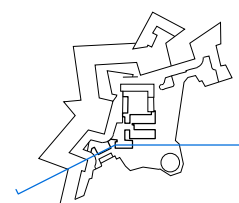
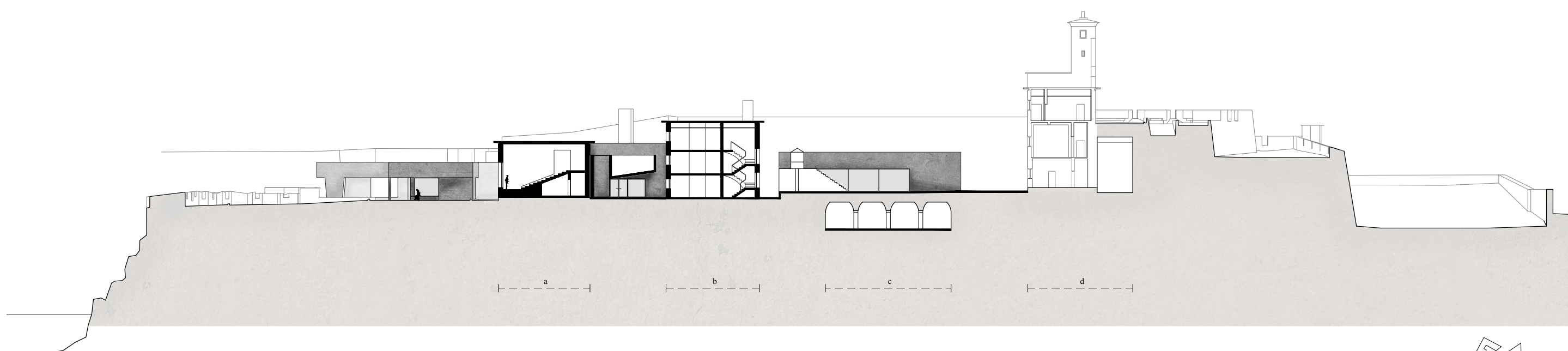
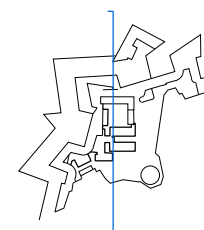


a - bloco A
b - bloco B
c - capela

d - museu
e - cisterna grande
f - auditório

g - sala de exposições

0 5 10 25
Pousada da Fortaleza de Peniche
V - Perfil 1 e 2 do conjunto
Escala 1:500

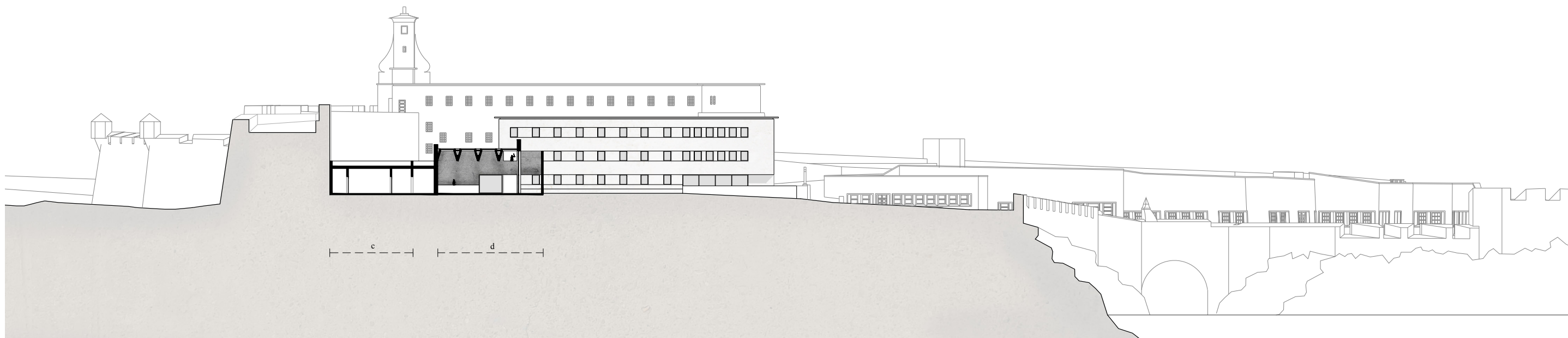
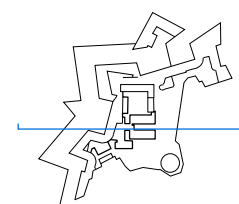
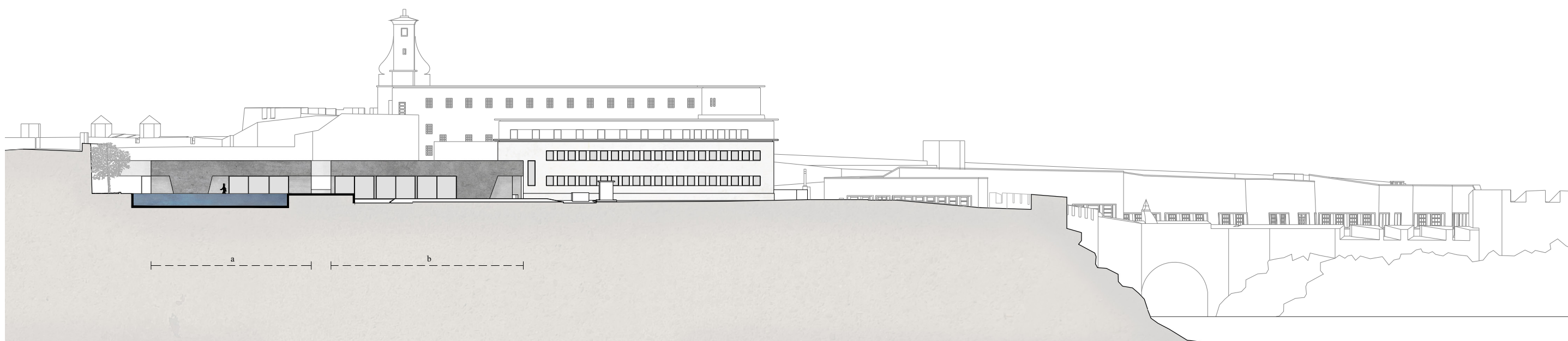
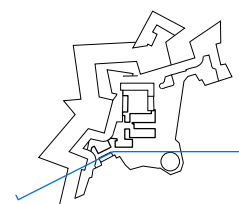


a - bloco A
b - bloco B

c - cisterna grande
d - museu

e - complexo balnear
f - restaurante

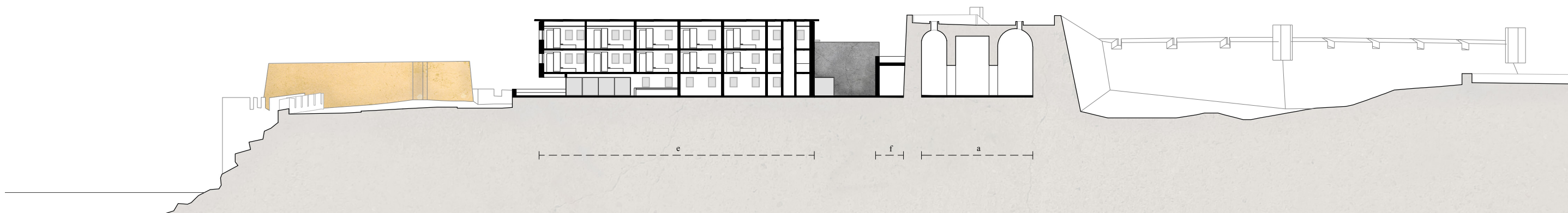
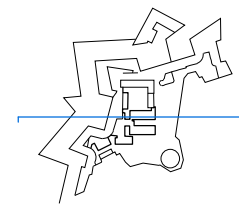
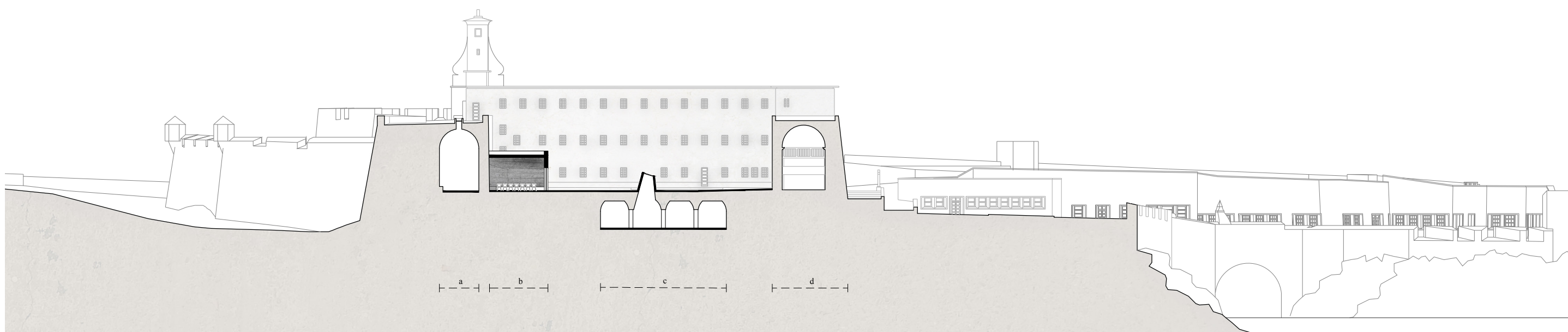
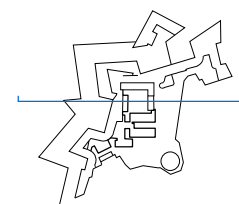
0 5 10 25
Pousada da Fortaleza de Peniche
V - Perfil 3 e 4 do conjunto
Escala 1:500



a - complexo balnear
b - restaurante
c - serviços
d - hall de entrada

0 5 10 25

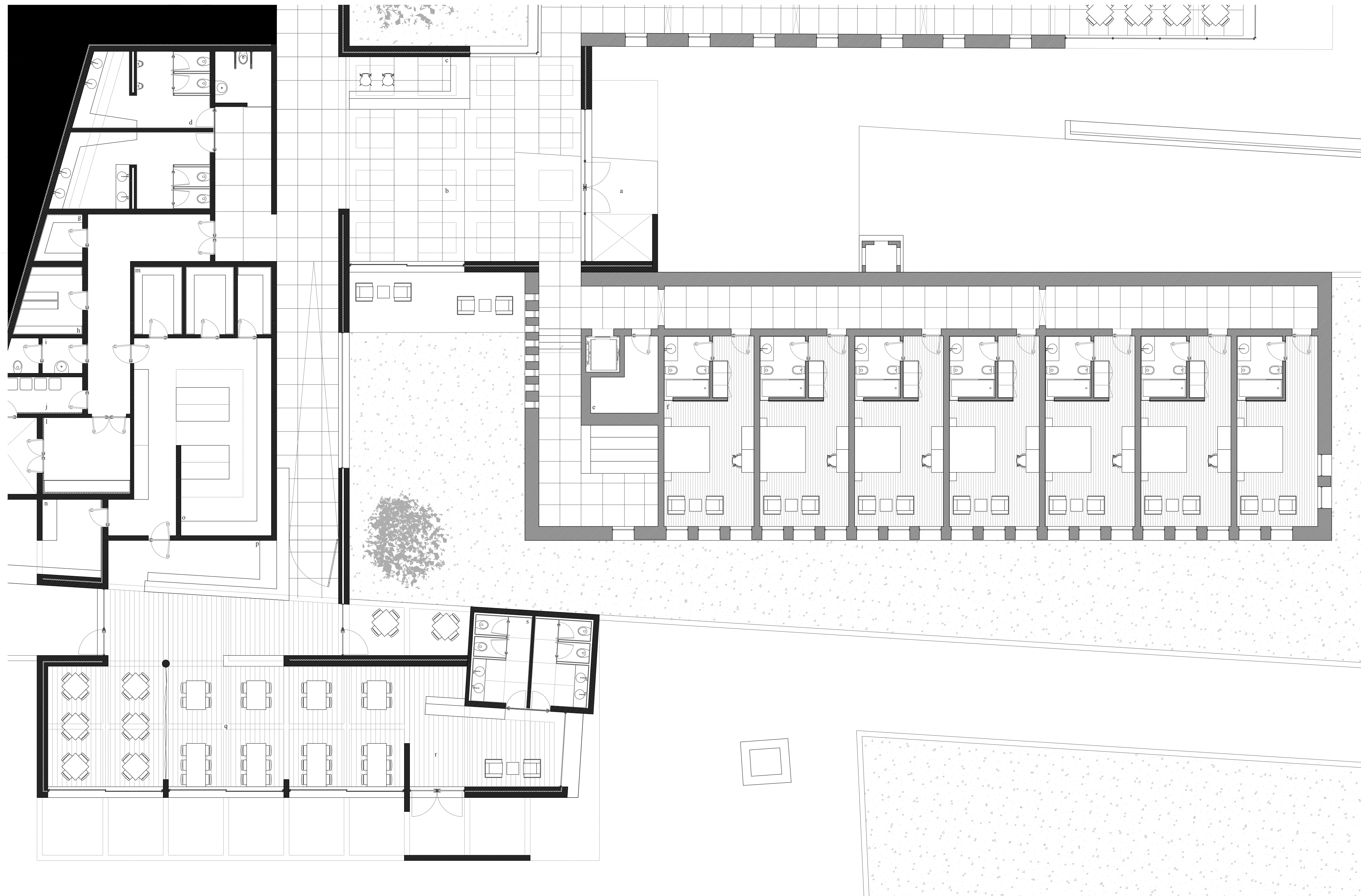
Pousada da Fortaleza de Peniche
V - Perfil 5 e 6 do conjunto
Escala 1:500



a - sala de exposição
b - auditório
c - capela
d - bloco B
f - corredor de acesso
g - sala de exposição

0 5 10 25

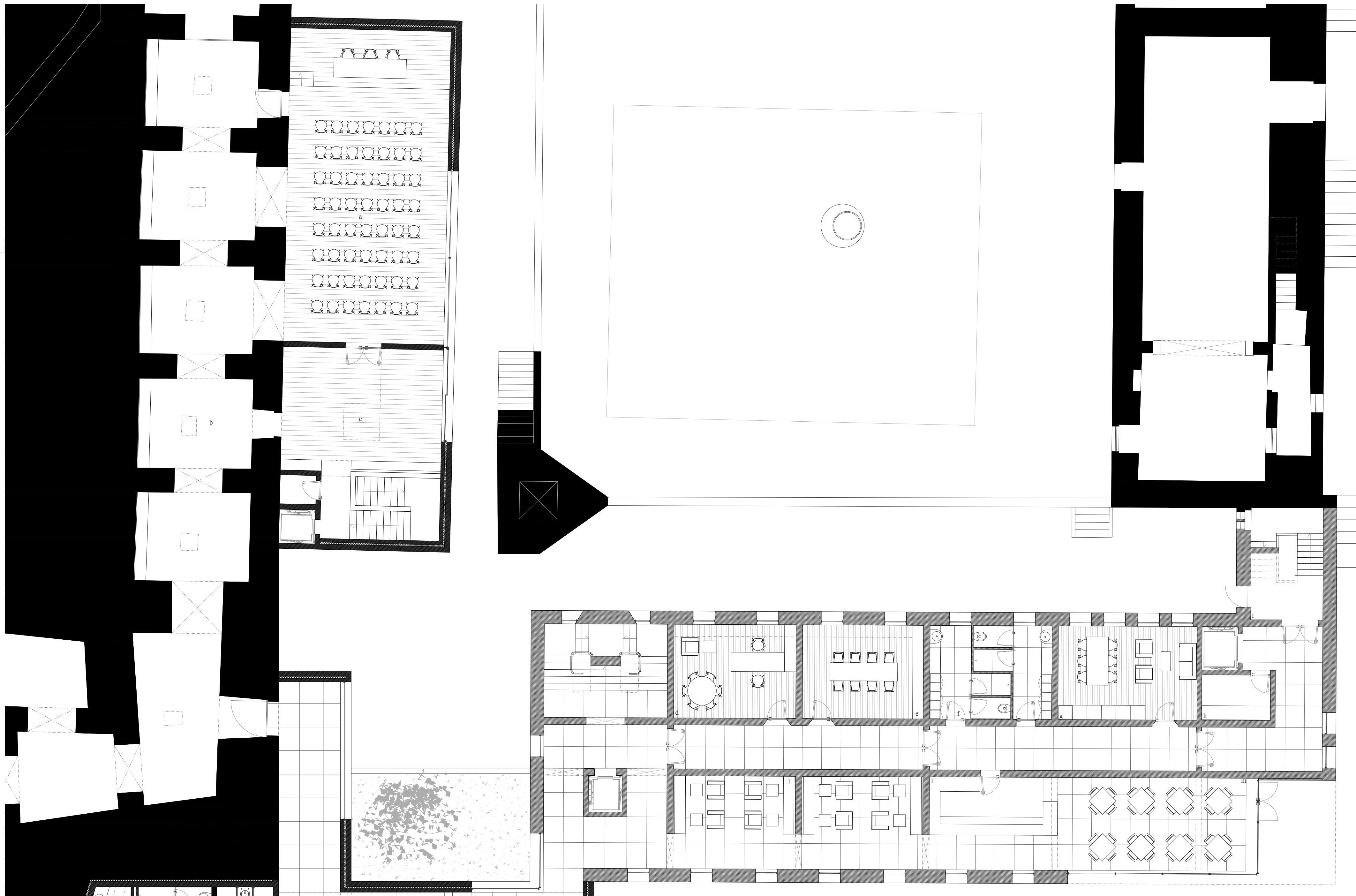
Pousada da Fortaleza de Peniche
V - Perfil 7 e 8 do conjunto
Escala 1:500



- | | | | | |
|-------------------------|---------------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| a - corta vento | e - arrumos | i - sanitário de serviço | n - bar exterior | r - entrada público geral |
| b - hall de entrada | f - quarto A | j - depósito do lixo | o - cozinha | s - sanitários |
| c - balcão da recepção | g - despensa de dia | l - recepção de mercadoria | p - balcão do restaurante | |
| d - sanitários hóspedes | h - armazém seco | m - câmaras frigoríficas | q - sala de refeições | |

0 1 2 5

Pousada da Fortaleza de Peniche
VI - Planta do Bloco A e restaurante, piso térreo
Escala 1:100



a - auditório
b - sala de exposições
c - foyer
d - sala da direção
e - sala de reuniões
f - balneário de serviço
g - sala de funcionários
h - lavanderia
i - escada de serviço
j - sala de estar
l - balcão de atendimento
m - cafeteria

0 1 2 5
Pousada da Fortaleza de Peniche
VII - Planta do Bloco B e zona cultural, piso térreo
Escala 1:100



a - escadaria A
b - quarto tipo bloco A
c - acessos de serviço
d - quarto tipo bloco B
e - escadaria B

0 1 2 5

Pousada da Fortaleza de Peniche
VIII - Planta do Bloco A e B, piso térreo
Escala 1:100

